REVISTA DE PERNAMBUCO



ANNO 3.º N. 25

PREÇO: 2$000








Quasi sem folego

SUMMARIO

Edição de hoje: 76 paginas

REVISTA DE PERNAMBUCO

ANNO III
PERNAMBUCO

SCIENCIA — ARTE — POLITICA — INDUSTRIA
JULHO DE 1926
PUBLICAÇÃO MENSAL

NUMERO XXV
BRASIL

A "Revista de Pernambuco" entra, hoje, no 3.º anno de sua fundação.

Quando o governo do Estado resolveu que fosse restaurada a imprensa official, creando, aliás, com uma feição inteiramente nova, o "Diario do Estado", o successo daquelle orgão inspirou á creação da "Revista de Pernambuco".

Pareceu, então, ao seu corpo de redactores e collaboradores que melhor documentação da phase de progresso por que passava o nosso Estado, estaria numa publicação a que se podesse dar em serviço de clicherie a impressão que as palavras não traduzem tão facilmena impressão que as palavras não traduzem tão fielmente.

As difficuldades na organisação da "Revista" não foram pequenas.

A iniciativa não encontrava, infelizmente, no norte do paiz, modelos que podessem orientar os creadores da "Revista de Pernambuco".

Venceu, entretanto, a pertinacia, ajudada por esse estimulo que nascia de nós mesmos, do nosso interesse pela patria commum.

Assim, foi feita a reacção contra o derrotismo, contra a campanha que o jornalismo desorientado e pouco digno da sua missão, vinha realizando, desde longos tempos, sob a morna indifferença dos poderes publicos.

A "Revista de Pernambuco" sahida desse alto espirito de fé em nossos grandes destinos, vence a sua segunda etapa. Aos seus leitores e assignantes agradece a generosa acceitação e lhes assegura que continuará, firme e imperturbavel, o seu programma.

O PROBLEMA FERROVIARIO DE PERNAMBUCO

ELADIO RAMOS.

Quem acompanha com serenidade o governo Sergio Loreto não pode desconhecer que uma das suas maiores preoccupações foi sempre o nosso problema ferroviario. A construcção de rodovias a que se tem dado grande incremento neste quadriennio é, assim, uma derivante do seu programma, cuja viabilidade se tornou desgraçadamente precaria em face de condições multiplas. Não é preciso registrar com outros novos argumentos que o Estado, máu grado a evolução que vem apresentando, estimulado por toda a sorte de favores da administração publica, é impotente para arcar com os indispensaveis sacrificios reclamados por uma obra de completa transformação economica.

A politica de communicações do actual governo cingiu-se pois, a desdobrar caminhos, pelos reparos dos já existentes e pelo desbravamento de regiões nunca d'antes transpostas. Digamos ainda: esses meios indirectos de solução de tão notavel phenomeno da nossa economia, tiveram um outro derivativo nesta acção pertinaz que o sr. dr. Sergio Loreto desenvolveu junto ao governo federal, para conseguir os auxilios de que a Great Western necessitava afim de não paralysar, pelo menos, o seu trafego. Esta acção pertinaz teve o merito de resultar de uma conjuncção de esforços das classes interessadas e da prestigiosa bancada pernambucana, producção natural desse programma de governo que collocou **Pernambuco acima de tudo.**

E', portanto, com a melhor das impressões que se lê a brilhante plataforma do sr. dr. Estacio Coimbra, preclaro candidato da Convenção das Municipalidades á successão do honrado governador, sr. dr. Sergio Loreto, no capitulo sobre o nosso problema ferroviario e a politica a ser adoptada.

"Jamais no Brasil, disse s. exc., se adoptou uma politica ferroviaria uniforme, de acção continua, vigilante e segura guiando-se somente pelo criterio das altas necessidades da economia nacional, sem inclinações geographicas injustificaveis porque o escopo supremo deve ser e precisa ser o interesse geral da Patria. Emquanto as estradas de ferro do norte e algumas do sul eram arrendadas com o fito de lucros para o Thesouro, outras linhas, como a Estrada de Ferro Central, permanecem sob a administração official, registrando os orçamentos annuaes os seus deficits, a que a Nação faz face com os recursos da sua receita, arrecadada em todo o Brasil."

Esse problema é, assim, inviavel si se não tem em vista que uma rêde ferroviaria pode deixar de ser uma perenne fonte de lucros para os accionistas, lucro obtido com o prejuizo da agricultura, asphyxiada por elevadas tarifas, e atormentada pelas difficuldades do trafego.

A revolta do illustre candidato ao governo do Estado é dictada pela angustia dos que lavram as terras, dos que entregam seus capitaes á actividade da lavoura e da agricultura e veem que os beneficios do transporte ferroviario só poderão ser conquistados á custa da renda que se exige de nossa producção.

"Como vêdes, commenta s. exc. as construcções dos ramaes e prolongamentos nos Estados de Alagoas, Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte, tinham de ser custeadas por uma quota da renda obtida da nossa propria producção, transportada nas linhas da Great Western.

Já existia, assim, implicito o processo das obrigações ferroviarias actualmente em vigor, com a aggravante de uma antecipação de mais de duas decadas, durante as quaes se escorchou a nossa lavoura, commercio e industria, em detrimento de sua prosperidade e do progresso de quatro Estados, principalmente, Alagoas e Pernambuco, onde ha mais de quatorze annos não se assenta um trilho na rêde de viação da União, emquanto em outros a kilometragem ferrea se desenvolve e cresce á custa da receita geral do Paiz, ou de operações de credito de sua responsabilidade."

"Bem sei, continúa s. exc., referindo-se á Great Western, que um serviço industrial exige remuneração para o capital nelle invertido, mas não é possivel dar ás estradas de ferro, em um paiz como o Brasil, a caracteristica commercial exclusiva. Si a tarifa não deve ser organisada em bases tão baixas que a sua renda não remunere as despezas do custeio, tambem não se justifica que obedeça só ao criterio do lucro immediato. Ella deve objectivar um fim de utilidade publica, e não só mercantil, devendo ter, como base, o valor commercial dos productos.

Não são um bem inestimavel para o Paiz o seu povoamento e a incentivação da sua riqueza vantagens indirectas de tão amplo alcance?

Por que se ha de exigir que as linhas da Great Western cubram pela sua exploração até os juros do capital applicado na sua construcção como está occorrendo, pois que á despeza de 24.157 contos se oppõe uma receita de 34.706 contos, emquanto a de Minas, na Noroeste e em tantas outras, a renda nem siquer remunera as despezas do seu custeio, conservação e renovação?"

Como se vê, o problema ferroviario de Pernambuco foi estudado com proficiencia. Essa orientação do novo governo é, por todos os titulos, digna de applausos.

Tudo nos faz prevêr que nos será francamente propicia a visita do sr. Washington Luis, futuro presidente da Republica, em hora de tão forte repercussão para o Estado, quando, por effeito do patriotismo do sr. dr. Sergio Loreto, se resolve em ambiente tranquillo a successão governamental, e se sente por toda a parte um interesse palpitante em cuidar do nosso progresso e da nossa expansão economica, tenhamos fé, tudo nos indica haver chegado para Pernambuco o momento de reconquistar toda a sua riqueza.

A continuidade administrativa é um grande signal de marcha segura para os grandes destinos que o quadriennio Sergio Loreto abriu ao nosso Estado.

O RECIFE MODERNO



Um trecho do largo do Hospicio — no bairro da Bôa Vista

O 2.º ANNIVERSARIO DO "DIARIO DO ESTADO"



Aspectos da manifestação que o corpo redaccional do "Diario do Estado", funccionarios e operarios da Repartição de Publicações Officiaes, promoveram a s. exc. o exmo. dr. Sergio Loreto.

O segundo "cliché", mostra o exmo. governador no momento em que agradecia as palavras dos oradores, drs Eladio Ramos e Carlos Rios.

MARINETTI & C.IA

(SUGGESTÕES PARA UMA ALTA COMEDIA FUTURISTA)

1.º ACTO

Renovação

Novo Jardim de Epicuro. O Mestre, cercado de seus discipulos, fala sobre a vida e sobre o homem.

Exemplos: "A vida é bôa". "Os homens é que não valem a vida. O homem só valerá um pouquito, quando chegar a comprehender a vida. Mas... a vida não se comprehende! E o homem? O homem é um atomo integralisado, na vida universal. E' assim como um prego sem cabeça cravado no eixo de uma roda de automovel Ford, sem pneumaticos".

Faz-se aqui um silencio de metapsychicas cogitações depois do que prosegue o Oraculo, fitando no céo os olhos ennevoados de sonhos novos;

—"Atravessamos uma epocha completamente nova.

E' o tempo das renovações. A arvore renova a folhagem. Renovam-se os cabellos da cabeça. A "maquillage" renova a mulher. Renovam-se os dentes na creança.

Tudo é renovação!

Ide e dizei a toda gente que o poeta não deve ser marceneiro, medindo versos a compasso. Nem deve ser como o constructor, medindo a idéa como a area de um terreno. A idéa é livre. Não se pode mettel-a na **camisa de força** das syllabas.

A **arte nova** deve retratar a vida, tal como deve ser, como póde ser. O romance futurista não tem demoras. Não leva enfeites. E' rapido. Rapido como a vida. Periodos curtos. Phrases modernas, muito confusas. Systhema de charadas. Logogryphos. Mais difficeis que os papyros egypcios. Scenas precipitadas. Enredo fragmentado. Não ha epilogo. Assim como na vida...

Acabar quando menos se espera, e quando menos se entende.

Se uma personagem, por exemplo, salta do bonde em movimento, em vez de ir para baixo das rodas, como é banal se escrever, o bonde é que se arrebenta todo com o ruido da queda do individuo.

Uma imagem poetica futurista: O sol vãe andando, andando, andando. De repente a luz vãe diminuindo, elle vê menos, e... tropeça e cãe redondamente. Crepusculo... O Sol, quando fica cégo, zás... eil-o transformado em lua...

* * *

Os discipulos sáem convencidos da metempsychose literaria e vão pregar ao mundo as doutrinas do original Messias. A Italia coroada de Rosas é o novo berço da Arte. Scenarios bizarros, que ninguem entenda.

Muita luz. Jazz-band. Scenas rapidas, dialogos curtos, gestos renovados...

II ACTO

O contagio americano

Muda-se o scenario: Rio de Janeiro. Residencia de uma familia suburbana, onde ha uma pequena enthusiasmada pelas emoções renovadas. Essa **garôta** adora o cinema, o footing, as dansas, os romances sentimentães.

De pouco tempo para cá os pães de Mimi — a caprichosa menina — vêm observando que esta já não é a mesma.

Pois que Mimi falava dantes pelos cotovellos! E falava com muita graça, com bastante senso, não obtante falar demais... Agora, porem, a menina mudou. E a tal ponto de só falar por monosyllabos, ou deixar as perguntas que se lhe fazem sob a forma de reticencias, ou então responder coisas desconnexas, sem relação com o assumpto ferido.

D. Sinhá, mãe de Mimi e o marido, sr. Miguelito, andam contrafeitos, desgostosos com o estado da filhinha.

D. Sinhá chega até a insinuar:

—Meu Miguelito, nós precisamos levar esta menina para fóra da cidade.

O marido abre a bocca e bate as mãos, em palma:

—O' Sinhá! Que lembrança!

—E' o que te digo, replica a esposa. Mimi não vãe bem aqui. E queres ver? —

Volta-se para a filha:

—Não achas, minha filha, que devemos fazer um passeio ao campo?

A pequena levanta-se, resmungando, embarafusta por uma porta num arremesso final, num proposito unico, definitivo.

Chega aos seus aposentos, bebe uns goles de uma droga voluptuosa, deita-se ao tapete, e dentro em pouco eil-a a agitar-se numa insoffreguidão de pesadello.

Ella presente bem, apezar de mudá e silenciosa, os gritos que lhe sobem d'alma na immensidade daquelle silencio somnambúlico. Agitam-na emoções extraordinarias. Passêam-lhe á tela do subconsciente visões extranhas: ao longe, na distancia, muita gente a correr, para todos os lados, fugindo á uma chuvinha impertinente, chuvinha fina de poemas barbaros.

Estes ultimos tomam a forma bizarra de serpentes que lhe tentam morder, á força, o coração. Mimi reage, ou tenta reagir. Por fim, céde á dóse toxica do liquido... D. Sinhá e sr. Miguelito levantam as mãos á cabeça, em cruz. Momento de sensação. A moça fallece... Lampadas que se apagam. Cyrios que se accendem no quarto de Mimi e nos olhos congestos de seus papás...

No final, Mimi deve voltar ao palco, para mostrar a **tutti quanti**... que o homem tambem possue a immortalidade do atomo...

Continúa duas paginas adiante

Lembranças...



As melhores e unicas verdadeiras lembranças são as imprecisas, vagas, semelhantes a beijos que esvoaçassem sem destino...

Fluctuam ao acaso no espirito. Nós lhes damos uma epoca qualquer, um motivo que, as mais das vezes, não existiu...

Assim, eu recordei hontem uma coisa deliciosa: um conto em que bimbalhavam os sinos encantados de uma cidade submersa, muito branca, cheia de torres e de palacios preciosos, onde havia uma princeza linda e triste, porque amava...

Quando o li? E seria assim a lenda maravilhosa? perguntei.

Falaram-me em Renan... Mas fechei os ouvidos e fiquei longe, muito longe de mim mesma, no passado, o verdadeiro passado que não tem nomes nem datas...

HELOISA CHAGAS

MARINETTI & Cia.

Conclusão.

III ACTO

O triumpho

Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil — MXMXXVI da era christã. — XXXVII da Republica. CIV da Independencia.

Scenarios magestosos. Illuminação abundante. Expectação. Em um theatro elegante. Um mundo de gente que se comprime, cada qual mais ávido por entrar primeiro. Annuncia-se o Mestre. Discurso pela metade. A outra metade para S. Paulo.

. . . .

(Remove-se o scenario. Trem com dez minutos de avanço do horario normal róla sobre os trilhos sanguinarios da Central do Brasil. Felizmente nenhum desastre pessoal. Estação da luz. Cumprimentos de bôas-vindas. Agradecimentos rapidamente cordiaes. Abraços.)

. . . .

—Sr. Presidente!

—Tem a palavra, pela ordem —

—Mas, se aqui a ordem é a desordem...

—Engana-se v. exc. O publico dos nossos theatros é muito mais educado que as agglomerações parlamentares. V. exc. continua com a palavra...

—Porventura, no Senado da Republica...

—V. exc. não seja indiscreto. Os senadores não são todos velhos, nem **passadistas**. Ha-os tambem dos **novos**. Não obstante, falam pelos cotovellos. V. exc. queira continuar com a palavra...

—Vejo então, sr. presidente, que o auditorio d'aqui recebeu particulas da vibratilidade universal. A Arte Nova reflecte a nervosidade da epocha.

(S. exc. cruza os braços e passeia, peripateticamente pelo palco. Cresce o rumor nas galerias).

—E eu noto que v. exc. retribue condignamente o nervosismo universal com a paciencia toda pessoal...

—Adivinho, sr. presidente, num rasgo heroico de intuição profunda, que esse rumor coercitivo é uma nova...

Sim deve ser uma nova modalidade do applauso.

Sinto-me satisfeito, sr. presidente...

—Mais uma patente de invenção para v. exc... Entretanto, muito honra se lhe ouvissemos o verbo integralmente.

—Que deseja, pois, v. exc.? Abafar o triumpho que me cobre? Cohibir a manifestação com que me applaudem?

—Perfeitamente. V. exc. bem mostra não conhecer os nossos recursos soberanos. Um simples habeas-corpus...

—Como? Habeas-corpus para falar ao publico?

—Habeas-corpus para qualquer coisa: descompor pelos jornaes, macular as reputações alheias, e até para não falar, como succede com os detidos que por qualquer circumstancia não estão dispostos a confessar o que fizeram perante as autoridades. Cercear a liberdade **absoluta** não se admitte aqui por estas paragens.

—Muito me admiro, sr. presidente, porquanto me está sendo cerceada a minha.

—Mas v. exc. não tem habeas-corpus...

—Pouco importa, sr. presidente, que os sessenta minutos se escôem... e mais sessenta que me cabem... Levarei no coração a minha descoberta, e a lembrança eterna do meu triumpho.

—V. exc. é amavel...

—Sou muito grato á v. excellencia... E é bem possivel que brevemente venha á luz um livro nôvo sobre o meu triumpho no Brasil...

(Cae o panno. Os **applausos** vão morrendo nas galerias... A orchestra executa numeros alegres. E... os espectadores vão sahindo, alegremente...)

A. Mauricéa Filho.

O Brasil e a Liga das Nações

O Brasil renunciou todos os postos que occupava na Liga das Nações, retirando-se do meio dessa douta corporação.

Para os que vinham acompanhando as etapas do momentoso problema, não constituiu surpreza alguma, a attitude do embaixador Mello Franco.

Questão de mais dias ou menos dias, até a escolha definitiva dos novos logares permanentes, de accôrdo com a reorganisação do Conselho.

Chegou a occasião. Estavam porém, afastadas as possibilidades da victoria do nosso direito. Comparecer ás reuniões e acquiescer na entrada dessa ou daquella nação, seria pouco recommendavel ao caracter e á confiança do povo brasileiro.

O Brasil nas reuniões de março, já pleiteava um logar permanente, como tambem a Hespanha, a Polonia e a Allemanha. O projecto era então, do augmento de tres logares.

Os paizes europeus, quando da Conferencia de Locarno, haviam promettido á Allemanha a sua entrada na Liga, com um ingresso permanente. A crise manifestou-se e a discussão foi adiada para o corrente mez.

Nova reunião agora. O visconde de Robert Cecil, querendo harmonisar a politica do Conselho da Liga, apresentou um projecto que foi adoptado por unanimidade, menos pelos representantes do Brasil, Uruguay, Argentina e Hespanha, o qual permittia um logar permanente, somente para a Allemanha. Os não permanentes, de accôrdo com esse projecto, serão elevados de seis para nove. Tres eleitos por tres annos; tres por dois annos e tres por um anno, não havendo em principio, reeleição, a menos que a assembléa o faça por maioria de dois terços. Mesmo nesse caso, somente tres logares, poderão ser renovados.

Com essa resolução da Liga, velava-se a pretensão da chancellaria brasileira e consequentemente, dada a feição publicamente internacional de nossa causa, estavamos demittidos do logar não permanente, logar que o embaixador Mello Franco, de accôrdo com as instrucções do seu governo e com os applausos unanimes da nação, devolveu á secretaria da Liga.

Homenagem dos funccionarios do Thesouro e da Recebedoria ao exmo. sr. governador do Estado



Os funccionarios do Thesouro e da Recebedoria do Estado promoveram uma carinhosa manifestação de agradecimento ao exmo. sr. Sergio Loreto, que reformou as duas importantes repartições tornando-as mais aptas a attender os seus crescentes encargos. Grupos tirados após a solennidade.

A HOMENAGEM DA FACULDADE DE COMMERCIO DE PERNAMBUCO AO DR. SERGIO LORETO

Realisou-se, no dia 19 do mez findo, ás 20 horas, a sessão solenne da Congregação da Faculdade de Commercio, com séde no Gymnasio Pernambucano, para apposição do retrato do exmo. sr. governador do Estado, em sua galeria de honra.

A'quella hora dava entrada no Gymnasio Pernambucano o exmo. sr. dr. Sergio Loreto, acompanhado dos srs. senador Eurico Chaves, presidente do Senado, dr. Coaracy de Medeiros, official de Gabinete, e capitão Alfredo d'Agostini, ajudante de ordens, sendo recebido com uma vibrante salva de palmas.

Entre o avultado numero de pessoas presentes, conseguimos annotar os srs. dr. Estacio Coimbra, vice-presidente da Republica; drs. Samuel Hardman, Annibal Fernandes e José de Góes, respectivamente secretarios da Agricultura, Instrucção e Fazenda; conego Henrique Xavier, presidente da Camara; cel. Alfredo Osorio, prefeito da Capital; senadores estaduaes Mario Castro e Epaminondas de Barros; deputados Fraga Rocha e Gennaro Guimarães; desembargador Silva Rego, chefe de Policia, prof. dr. Loreto Filho, redactor-chefe do **Diario do Estado**; Leal Ferreira, representante do commandante da Região; sr. Radler de Aquino, Manoel Arão, director da Faculdade de Commercio; dr. Trajano de Mendonça, director do Gymnasio Pernambucano; cel. Fernando Griz, director do Thesouro; drs. Eladio Ramos, Estevão Pinto, Raphael Xavier, José Eustachio, Sá Leal, Góes Filho, Dustan Miranda, Humberto Carneiro, Semeano das Mercês, João Paes, deputado Costa Ribeiro, Alves Barbosa, Julio Pires, Paulo Pimentel, Edilberto Mendes, Antiogenes Chaves, Theodulo de Miranda, Alcino Coelho, Adrião Bernardes, Monteiro Pessôa, Dacio Rabello, Layette Lemos, Armando Pasine, Correia Netto, Malachias da Rocha, Hermes Jovem, dr. Gastão Marinho e dr. Mario Castilhos e José Valeriano Lobo, além de grande numero de estudantes da Faculdade e representantes de outros estabelecimentos de ensino superior.

Tambem se viam presentes distinctas familias.

Assumindo a direcção dos trabalhos, o sr. Manoel Arão declarou os fins que congregavam ali os membros do corpo docente da Faculdade de Commercio, dando a palavra ao orador official que fez um discurso imaginoso, no qual historiou a phase agitada daquelle instituto após a crise estabelecida pela Associação dos Empregados no Commercio.

Damos a seguir esse historico:

Meus senhores, a vida da nossa Faculdade é relativamente pequena, embora cheia de abnegações, mas como muitos dos que me ouvem não a conhecem, permitti, meus senhores, que eu vol-a apresente em resumo.

Em 1 de Março de 1924, a Faculdade de Commercio, naquella epoca Academia de Commercio de Pernambuco, celebrava, entre demonstrações de jubilo, o 13º anniversario da sua fundação, sem vislumbrar as densas nuvens que se avolumavam no horisonte, prenuncio da tempestade que em breve se desencadeiaria sobre ella.

Treze annos de uma existencia relativamente feliz, sob o tecto da Associação dos Empregados no Commercio, obedecendo á sabia e competente direcção do prof. Manoel Arão, que merecera a confiança incondicional de doze directorias successivas, com uma somma consideravel de optimos serviços prestados á causa da instrucção, nada fazia prever que dentro de poucos dias tão radicaes transformações iriam se produzir no seu **modus vivendi.**

A discordia começava a soprar forte, crestando as tenras folhas do ramo de Oliveira que ali verdejava ha tantos annos.

O calor da lucta que se approximava começava a dissipar as vivas côres do formoso arco-iris que se erguia entre nós e a Associação, como um signal de alliança.

A directoria de então da Associação dos Empregados no Commercio parecia não ver com bons olhos a actuação criteriosa e illibada de Manoel Arão á frente da Academia, hoje Faculdade de Commercio e como nenhum dos seus membros individualmente se achasse com a hombridade precisa para atacal-o de frente, tratou de o fazer por meios indirectos. Assim o convidou para uma reunião, durante a qual a Directoria manifestou intuitos de ferir os direitos do corpo docente, sendo, porém, repellida em tom de cordialidade.

Poucos dias depois recebia Manoel Arão um officio em que a Directoria, á revelia do que havia sido pessoalmente combinado, lhe ordenava que exonerasse um lente, puzesse um outro em disponibilidade e nomeasse um terceiro.

Assim se externou esta Congregação em um boletim publicado naquella epoca sobre o assumpto: "A directoria sabia perfeitamente que o director da Academia (hoje Faculdade), cujo caracter inamoldavel estava bem experimentado em 12 annos de prova, não desceria dessa alta tradição por amor a nenhuma prerogativa. E para que se veja de que modo a directoria maculava a fundo o proprio Regulamento que a Assembléa Geral dos socios outorgara á Academia, basta que se vejam os dispositivos que regulam a nomeação dos respectivos docentes. Assim o art. 35 daquelle Regulamento dá ao director a competencia de propôr os nomes a indicar á Associação e declarar vago o logar de lente, ouvida a Congregação. E ainda o art 44 dá á Congregação a competencia, mediante proposta do director, de indicar os lentes effectivos e substitutos. O que fazia a directoria era, pois, uma inversão propositada e acintosa de que nada a exime, dada que já havia sido advertida pelo director dos tramites regulamentares".

O director, que era um delegado da confiança da directoria, ou cumpria as ordens absurdas que havia recebido, ou se exoneraria do cargo, e foi o que fez.

Esta Congregação, meus senhores, só encontrava um caminho compativel com a sua dignidade, isto é: "prestigio e solidariedade ao director que punha acima do cargo a alta visão do dever e o respeito aos direitos expressos", tendo disto feito sciencia á directoria.

Estava assim travada a luta, cujas consequencias a ninguem era dado prever, luta desigual entre uma douta Congregação e uma associação de classe, cuja directoria se obstinava em permanecer no erro em que havia incorrido, conforme o declarou.

Esta Congregação appellou para a Assembléa Geral, poder maximo da Associação, na certe-

Continúa duas paginas adiante



A chegada do dr. Estacio Coimbra





Não obstante o máo tempo a nossa objectiva conseguiu apanhar no desembarque do sr. dr. Estacio Coimbra, varios flagrantes, que attestam a vultosa concurrencia.

1 — Aspecto do caes Rio Branco, antes da chegada do paquete "Arlanza".





2 e 3 — O cortejo desfilando pela avenida Marquez de Olinda. Os alumnos da Colonia Correccional e os escoteiros do patronato Barão de Lucena prestam continencias ao illustre recem-chegado.

4 — Almoço intimo na residencia do dr. Samuel Hardmann, secretario da Agricultura.

A HOMENAGEM DA FACULDADE DE COMMERCIO DE PERNAMBUCO AO DR. SERGIO LORETO

Conclusão

za de que o direito lhe seria reconhecido.

A directoria, porém, protelando sempre, tratou de alliciar novos socios, espalhando aleivosamente que esta Congregação queria se apoderar da Associação e que os nossos dignos alumnos vinham se referindo com palavras nada cortezes ou mesmo injuriosas aos tambem dignos auxiliares do commercio.

A Assembléa Geral de 11 de Maio, na qual tomaram parte socios insinuados pela Directoria e de animos exaltados, nada poude resolver porque degenerou em tumulto.

Ainda assim não desanimou esta Congregação e tentou um ultimo recurso: a mediação amigavel de elementos alheios aos interesses em litigio.

Foi neste ponto, meus senhores, que começou a se fazer sentir a acção benefica do exmo. sr. dr. Sergio Loreto.

S. exc. confiou ao coronel Radler de Aquino, então presidente da Associação Commercial, o estudo cuidadoso da questão.

Este, animado dos melhores propositos para levar a bom termo a delicada missão que lhe fôra confiada, convidou as partes em conflicto para um entendimento com s. s., tendo a directoria da Associação se recusado a comparecer.

Aliás nesse interim havia ella nomeado um novo director para a Academia e no mesmo dia em que lhe cumpria responder ao appello do sr. Radler de Aquino, publicava um edital pelos jornaes declarando vagas quasi todas cadeiras da Academia por abandono dos respectivos lentes dissidentes que eramos nós, representando sete oitavos da Congregação daquella epoca.

Sem meios outros, de que podessemos lançar mãos, compativeis com a nossa dignidade, vimos despedaçar-se, sob a forte pressão de vaidades e caprichos incontidos, aquelle elo forte que nos prendera durante treze annos á Associação, estavam rotas as nossas relações, uma barreira intransponivel elevara-se entre nós e a Associação dos Empregados no Commercio.

O sr. Radler de Aquino levou então ao conhecimento do exmo. sr. dr. Sergio Loreto o resultado da missão de que fôra incumbido, o mallogro dos seus intuitos de conciliação e s. exc. nos acolheu sob o seu patrocinio, indicando-nos, por acto de 28 de Maio de 1924, para séde provisoria o edificio do Gymnasio Pernambucano. Por lei 1676, de 10 de Junho foi elevada para 12:000$000 a subvenção que nos era concedida e foram reconhecidos os nossos titulos.

Ainda pela lei 1795 do anno passado s. exc. cedeu a esta Faculdade, para effeitos do seu funccionamento a parte do Gymnasio onde funcciona a Escola de Aprendizes Artifices, logo que este instituto federal se transfira do mesmo predio, continuando porém a Faculdade a funccionar no Gymnasio Pernambucano, nos termos da concessão anterior, emquanto não se effectuar a transferencia da referida Escola.

Ainda não satisfeito, s. exc. influiu junto ao Governo Federal para que fosse reconhecido o nosso direito e a nós entregue a subvenção votada pelo Congresso.

O orador fez outras demoradas considerações sobre o valioso auxilio do governo e pede a todos os presentes que se levantem em homenagem ao exmo. sr. dr. Sergio Loreto, cujo retrato ia ser inaugurado.

A assistencia, de pé, acclamou enthusiasticamente o homenageado.

S. excia., em resposta, proferiu mais ou menos as seguintes palavras:

A **Faculdade de Commercio** nada devia ao governador. Este cumprira um dever elementar de ir ao encontro de trabalhadores incansaveis na lucta pela instrucção do povo.

Referiu-se ás palavras do orador, dizendo que vinham muito a proposito naquelle fiel relato dos acontecimentos, para pôr á prova a correcção do governo, atacado, calumniado e apresentado numa evidente exploração como o perturbador da vida da antiga **Academia de Commercio**.

Ahi estão ditos com clareza quaes foram os intuitos do governo, cuja mediação foi reclamada por uma das partes e desattendida por aquelles que eram realmente os algozes da classe.

Lembra-lhe dizer que evitou sempre intervir nessa questão. Procurado em dias necessarios pelos representantes dos dois grupos em que se havia scindido a **Associação dos Empregados no Commercio** e tendo em vista que a **Academia** era subvencionada pelo Estado, competindo a este fiscalisar o emprego dessa subvenção, suggeriu s. excia. que fosse ouvido como arbitro o outro presidente da **Associação Commercial**, sr. Radler d'Aquino.

Nada de extranho havia nessa suggestão que chamava a contribuir com suas bases o legitimo representante do commercio.

S. excia. reiterou a sua admiração pela classe commercial cujos trabalhos representam tambem uma força poderosa para o nosso progresso.

Accentuou ainda que a calumnia não pudera vencer. Como esta outras têm sido atiradas contra o governo, mas confia que a historia restabelecerá na sua justiça a verdade que sempre sobrenada.

Agradecia a homenagem e accrescentava que eram ainda merecedores da gratidão da **Faculdade de Commercio** o eminente vice-presidente da Republica, sr. dr. Estacio Coimbra, ali presente, o Congresso do Estado e a Camara Federal que empregaram toda a sua boa vontade no amparo áquella instituição.

S. excia. terminou saudando o corpo docente da **Faculdade de Commercio** e a mocidade estudiosa.

Muitas palmas acolheram ás ultimas palavras do sr. governador.

Em seguida foi lida a acta da sessão que teve a assignatura das autoridades presentes.

Representaram o **Diario do Estado**, Solon de Albuquerque o **Diario de Pernambuco**, Arnaldo Constantino; **A Provincia**, Manoel Cavalcanti e **A Rua**, João Felix Sobrinho.

Dr. José Augusto







De passagem para o Rio de Janeiro, demorou-se, nesta capital, o exmo. dr. José Augusto, governador do Rio Grande do Norte, tendo sido homenageado pelo exmo. dr. Sergio Loreto, governador do Estado.

Os clichés mostram o dr. José Augusto, em companhia do exmo. dr. Sergio Loreto e outras auctoridades do Estado.

A AVENIDA BEIRA-MAR

Um dos motivos que levaram o governo do Estado a dirigir solicitamente as suas vistas para a construcção de uma extensa avenida ligando o Recife á pittoresca praia de Bôa-Viagem, foi a indiscutivel preferencia que as nossas classes em geral vinham de ha longo tempo manifestando por aquella praia com especialidade durante a epoca da estação balnearia.

Assim, a nossa actual administração publica deixando-se dominar de preferencia pelo aspecto economico da questão, estudou com o maximo cuidado as possibilidades desse vultuoso problema urbano, a opportunidade da sua realização e os resultados praticos que delle poderiam decorrer.

De resto, a Avenida Beira-Mar é, por assim dizer, mais uma obra da nossa portentosa natureza, até porque a sua construcção consistiu em ligeiros serviços de terraplanagem numa extensão de 6.000 metros além de alguns aterros nos trechos de ligação entre a ponte de saneamento e a Ilha do Pina e Cabanga, trechos esses que se tornou indispensavel reparar e construir, formando duas outras avenidas ligando o Recife a Bôa-Viagem.

Além de se ter encontrado a maior bôa vontade da parte dos proprietarios dos terrenos comprehendidos no traçado da grande arteria que cederam as faixas necessarias á sua abertura, não se fez necessaria a construcção de obras d'arte, o que representou completa ausencia de onus para os cofres do Estado.

Em toda parte a construcção das grandes e modernas avenidas tem sido por demais onerosos, principalmente pelo elevado custo das desapropriações.

Entretanto, em o nosso caso o Estado apenas dispendeu a insignificante quantia de 12 contos de réis, dez contos da indemnisação reclamada pelo proprietario de uma area de 2.658 metros quadrados e dois da acquisição de pequenos casebres existentes na faixa da avenida, proximo ao Pina.

Removido assim o obstaculo, que decerto seria a desapropriação das terras a serem atravessadas pelo traçado da avenida, novas vantagens se apresentaram em pról da realização do arrojado emprehendimento.

Aproveitando o projecto todo o trecho marginal da via-ferrea de Comportas ao Pina, não houve serviço de nivelamento, não só pela especial natureza do terreno como pela grande facilidade de se fazer alli a remoção de terra para os pontos em que se verificava alteração de nivel.

Para os trabalhos da avenida foram tambem aproveitados as installações de Comportas e do Pina, onde o Estado possue excellentes officinas mecanicas e de carpintaria, além de um moderno **chantier**, apropriando á rapida construcção de obras em cimento armado.

Com a utilisação dessa apparelhagem e servindo-se da linha ferrea já construida e em pleno trafego, poude o Estado obter por um preço insignificante, impossivel em outra opportunidade, os materiaes de que carecia.

De facto não seria possivel conseguir barro a 1$600 o metro cubico, parallelepipedos a 198$000 o milheiro e meio fio á razão de 1$500 o metro corrente, sem o auxilio dessas machinas e dessas officinas de que o Estado já era possuidor.

A importação de postes de ferro actualmente, com a queda do cambio, importaria, em uma somma fabulosa, que foi possivel evitar, substituindo-os pelos de cimento armado, que além de artisticos têm a vantagem de não ser prejudicados pela acção do ar salitroso.

Todos os motivos que vimos apontando são bastante poderosos para demonstrar as vantagens dessa avenida ligando a nossa capital á praia de Bôa-Viagem, que desfructa uma situação unica como zona balnearia, protegida pelos arrecifes naturaes.

Outros motivos que convêm salientar são o descongestionamento da cidade para um ponto onde ha grande quantidade de terrenos baldios, o saneamento da zona e a creação de um local confortavel para a estação balnearia.

As despezas feitas com a confecção e assentamento dos postes e com a construcção da linha serão indemnisadas pela **Pernambuco Tramways**. A intervenção do governo se fez apenas por se achar elle apparelhado convenientemente: —Possuia os trilhos que cedeu á **Tramways**, e estava apto a confeccionar e a transportar os pesados postes de cimento com a apparelhagem existente e a **chantier** de blocos do Pina.

Agora que já estão de todo concluidos os trabalhos de construcção tanto da avenida Herculano Bandeira,—ponto intermediario entre a avenida da Cabanga, que foi a primeira do conjuncto de avenidas construidas ali pelo actual governo, e a Avenida Beira-Mar, é mister salientar ter sido o asphaltamento dessa nossa deslumbrante arteria littoranea o serviço de maior vulto realizado com o fim de tornar Bôa-Viagem uma praia balnearia á altura do nosso progresso e da nossa civilização — objectivo esse que está sendo plenamente attingido pelo governo do Estado.

E assim, a actual administração junta ás obras de benemerencia que vae realizando desde o **Palacio da Justiça** para os seus magistrados, os Codigos de Processo para os seus cidadãos, o quartel para seus soldados, a hygiene para o seu povo, as escolas para a infancia, as estradas para seus municipios, esta admiravel obra de saneamento e esthetica urbana que é a formosa Avenida Beira-Mar.

Estação radio-telegraphica de Olinda











Com a inauguração dos ultimos melhoramentos a estação radiotelegraphica de Olinda tornou-se a mais possante do littoral brasileiro. O acto teve o comparecimento dos exmos. srs. dr. Sergio Loreto, governador do Estado e d. Miguel Valverde, arcebispo de Olinda e Recife, altas autoridades estaduaes, federaes e municipaes e innumeras pessôas gradas.

1, Edificio da Estação.—2, Chegada do exmo. sr. governador.—3, Dr. Renato Barroso, chefe do Districto Telegraphico.—4 e 5, Os exmos. srs. dr. Sergio Loreto e d. Miguel Valverde, deixam a Estação após o acto inaugural.

Telephones automaticos

Graças a pertinaz actuação administrativa posta em pratica pelos poderes publicos do Estado, vae dentro em breve passar por uma completa remodelação o importantissimo serviço telephonico desta capital e de que é concessionaria a companhia ingleza **Telephone Company**.

Esse grande melhoramento de tão benefica influencia para a perfeita regularidade das nossas communicações urbanas, suburbanas e, futuramente, intermunicipaes, é o que se relaciona com a adopção entre nós de um systema ultra-aperfeiçoado, actualmente em uso nos mais adeantados centros do mundo civilisado — o telephone automatico.

Esse processo, que tem produzido resultados os mais satisfatorios em toda parte em que tem sido adoptado, permitte a ligação rapida e directa entre as partes interessadas, sem a incommoda e demorada, interferencia das estações centraes.

Por uma engenhosa e simples disposição que apenas requer a exacta formação ao numero do telephone desejado para a communicação, esta se realiza sem delongas.

Por meio de um disco de metal, onde estão recortados dez orificios que permittem ver em um mostrador externo os algarismos de 1 a 0, forma-se com a maxima celeridade o numero do apparelho que se deseja.

Em seguida, com o dedo successivamente applicado sobre os diversos algarismos de que se compõe o numero do telephone com que se deseja falar, submette-se o disco a notações mais ou menos completas.

Depois de cada notação o disco metalico, voltando á sua primitiva posição, permitte recomeçar a operação com os restantes algarismos.

E' assim, sem a intervenção de telephonistas obtem-se com segurança e rapidez qualquer communicação de que se necessita.

Resalta á analyse mais superficial a grande economia de tempo e de esforço que o novo serviço virá offerecer ao publico desta capital.

Até junho de 1927 estará inaugurado no Recife o novo serviço, cuja installação se acha confiada a um profissional idoneo, especialmente contractado em Londres, já estando encommendado a uma casa especialista da Inglaterra o copioso material necessario á perfeita installação ao referido serviço.

Na revista ingleza **Overseas**, de Londres, assim escreveu o sr. A. Cooper sobre as vantagens do telephone automatico:

"Quando todas as coisas forem automaticas, poderemos nós passar o dia jogando **"golf"** e deixar que o trabalho se faça por si mesmo?

Eu fiz esta pergunta depois que visitei o **"G. P. O."** e vi lá um trabalho modelo no ultimo systema de telephones automaticos, que me foi gentilmente demonstrado por um distincto engenheiro electricista. Fiquei impressionado com a idéa de que, se todos os productos de **"G. P. O."** são iguaes ou melhores do que esse modelo, nós não ficamos, em conhecimentos technicos, atraz de qualquer outra nação de industrias adiantadas.

Tres edificios para a installação das ligações automaticas já se encontram construidos — Holborn, Sloane e Bishopsgate — e o predio principal para as communicações com o oeste está quasi concluido. Espera-se que a primeira linha de communicação a ficar prompta será a de Holborn, que deverá começar os seus trabalhos nos fins de 1926. Essas quatro linhas marcam apenas o principio da nova era de telephones automaticos em Londres.

Talvez se organize um systema completo de telephones automaticos até 10 milhas em derredor do Oxford Circus, e, em logar das setenta estações que existem agora, vamos ter cerca de 136 linhas de communicações automaticas.

Póde-se ter uma idéa do que seja o enorme serviço telephonico de Londres pela existencia de 1.750.000 milhas de fios por baixo das ruas da metropole, para fins telephonicos. Estes fios confinam com cabos, dos quaes existem cerca de 7.000 milhas sobre Londres. O peso total do cobre destes cabos é de 10.000 toneladas e a materia isolante de que elles são revestidos pesa cerca de 40.000 toneladas.

Provavelmente será novidade para muita gente do outro lado de Epson — o logar onde fica o Derby — saber que o serviço telephonico foi alli organizado desde 1912. Dois annos mais tarde, depois do inicio da installação de Epson, Darlington e Hereford a imitaram. A estas accrescentaram-se, em 1915, as estações de Accrington, Chepstow e Newport; em 1916 Balckburn, Dudley, Paisley e Portsmouth; em 1918, Grimsby e Leeds; em 1919, Stockport; em 1921 Ramsey e Hurley; em 1922, Fleetwood; em 1923, Southampton, e em 1924 Hadleigh, Swansea com Sketty, Dundee com Broughty Ferry, Marton, Blockel e York.

Os londrinos podem regosijar-se por estar Londres — a maior cidade do mundo — sendo provida do systema **G. P. O.** que dentro de poucos annos substituirá completamente o actual systema installado.

A possibilidade disto está provada no facto de que o typo installado em Darlington, Dudley, Hereford e Fleetwood, por motivos de uniformidade (standardisation), e onde as installações foram substituidas somente ha dois annos passados, está sendo sobrejugado pelo systema agora definitivamente adoptado depois de demorado exame e de varias experiencias.

E' evidente que se trata de um typo indubitavelmente superior a qualquer outro systema existente. — (a) **A. B. Cooper".**



Fabrica de Tecelagem de Sêda e Algodão de Pernambuco



Diversos aspectos do acto inaugural, presidido pelo exmo. dr. Sergio Loretto, governador do Estado.







Entre o passado e o futuro

LUIS DELGADO.

Não escapou a Gilberto Chesterton que não somos, os homens, o campo de acção e de luta de duas forças contrarias — o passado e o futuro. O futuro não é propriamente uma força, pelo motivo muito simples de não existir ainda. Quando nós nos pensamos levados pela força de attracção do futuro, o que em verdade nos move é a repulsão do passado. O medo do passado é que nos projecta para a frente, num atropelo cego de fugitivos descrentes de escapar á perseguição poderosa que lhe vem pisando os calcanhares.

E o espirito moderno está hoje, completa e exclusivamente enamorado do futuro.

A razão, seja Chesterton quem a dê:

The modern mind is forced towards the future by a certain sense of fatigue, not unmixed with terror. Rather it is a fear of the past: a fear not merely of the evil in the past, but of the good in the past also.

There have been so many flaming faiths that we cannot hold: so many harsh heroisms that we cannot imitate; so many great efforts of monumental building or of military glory which seem to us at once sublime and pathetic. The future is a refuge from the fierce competition of our forefathers.

Tudo isso—esse culto do futuro pelo medo do passado—é alguma cousa mais do que uma fraqueza de nossa idade. E', para o ensaista inglez, um legitimo signal de covardia. O futuro, escreve no What's wrong with the world, é um muro branco em que cada um pode escrever seu nome, tão grande quanto quer: o passado, esse já está cheio de signaes illegiveis —os signaes de Platão, Isaias, Shakespeare, Miguel Angelo, Napoleão, gente assim. "Eu posso imaginar o futuro tão estreito quanto eu sou mas o passado ha de ser imaginado largo e tumultuoso como a propria humanidade."

Por consideração de tudo isso, afundamos os modernos numa lamentavel preoccupação do dia de amanhã, preoccupação amaldiçoada desde o Evangelho propagado no tempo em que muito homem morria para provar que um outro Homem morrera antes. Deliciosa pagina da historia, pelo seu sabor de sacrificio collectivo ao passado.

Os homens somos, um pouco uma especie de arvores: para que nos possamos elevar para o futuro, é necessario encontrar terra para metter raizes. Quando as raizes não são fortes e não se enterram profundamente, fica a gente reduzida a um melancolico crescimento de gerimum, alastrando no chão, pisado de cascos de animaes mesmo rasteiros.

E o chão capaz de supportar a dilaceração das raizes, é o passado em que se sepultaram os mortos da raça, com os esqueletos a exercer o papel que as vigas de ferro desempenham nas construcções: formando a estructura.

Desprezar portanto o passado, equivale a pôr um jardineiro uma arvore de raizes para o ar. Mesmo sob o pretexto de um contacto entre as folhas a que vae ter a sèlva outr'ora elaborada pelas raizes, e a terra — não deve a troca dar bons effeitos.

E o desenrolar dos pensamentos leva-nos de novo a citar G. K. Chesterton, para quem o olhar dirigido em linha directa para o futuro muda o homem em pedra. "Os calvinistas com sua crença na predestinação mudaram-se em pedra, do mesmo modo que os modernos eugenistas. Está a differença apenas em que o puritanismo deu estatuas severas e o eugenismo grotescas."

Esse medo do passado vem da epoca em que a decadencia do serio e bom pensamento medieval permittiu uma inquietação social fecunda em sonhos visinhos do delirio puro. Assim como uma viuva pobre á espera de casamento rico com a porta aberta a seductores ruins — porque realmente só se casam viuvas ricas. As outras limitam-se a ser exploradas.

Depois das republicas utopicas e das theorias que refundiam o mundo para bota-lo em moldes novos (seculos de Bacon, de Kant e de Rousseau), o evolucionismo, a cujos olhos o passado era o avô macaco e o pae pithecantropico. O avô numa caverna, o pae num mocambo africano e o filho em Versailles. E o neto naturalmente num palacio das mil e uma noites, realisado por copia.

Todas as sociedades começaram então a voltar-se para o futuro. Perdeu-se a concepção de que o passado continuava vivo dentro de nós. Era um organismo em cujos peitos havia um generoso sangue materno que era o primeiro alimento maternal da vida.

Foi enthronisado o progresso — progresso material que se resume numa avançada para a frente, esquecendo o que vae ficando atraz. A civilisação com seu sentido superior, espiritual, implicava a attenção ao passado, ás descobertas do passado cuja novidade é sempre maior que a novidade das descobertas actuaes. Pode-se passar sem a electricidade e sem outras cousas de laboratorio e de usina — isso é de Daudet — mas não se passa sem o pão e o vinho, velha sciencia de fermentações anteriores a Pasteur.

O progresso, mesmo quando vae junto da ordem, não é uma formula de vida. Primeiro, porque o connubio repugna á natureza do mesmo modo que a febre e a serenidade de movimentos. Segundo, porque o progresso implica uma decepação de raizes, um corte na continuidade que se faz pelo espirito, pelas lições que um espirito recebe de outro. E eu falei em serenidade de momentos em vez de serenidade de espirito, porque o progresso começa por abafar o espirito. Pode um homem dispersar o patrimonio herdado dos paes ou mesmo a fortuna ganha durante um periodo de sua vida, sempre com a possibilidade de refaze-la. O esquecimento das lições paternas, o isolamento ao longo da primeira infancia são cousas para as quaes o espirito em formação não encontra compensações completas por mais que as procure. E' o espirito que ensina a continuidade e o amor ao passado.

Para Ingenieros, el pensador, segundo um meu amigo que o leu, a vida na Meia Idade resumia-se em esperar e obedecer. Não via elle — nem é razoavel exigir-se de pensadores que vejam... — não via elle que só pela obediencia ao passado, é que se pode esperar um melhor futuro e por isso era muito logica e muito bôa a formula da vida medieval. Os seus substitutos, dos medievaes, na historia, não obedeceram nem esperaram a dahi ser o futuro delles, o nosso presente, uma carga que conduzimos entre pragas como um almocreve irascivel conduzindo um burro tambem irascivel e emperrado a tal ponto que ás vezes pesa como uma carga morta.

E' que, ao final das contas, o homem é sempre como uma arvore: para que viva bem é necessario ter-se enraizado a tal ponto que si tentarem muda-lo, corra elle o risco de morrer. Quando se enraizou tanto que é certo que morra si transplantado, então elle vive feliz.

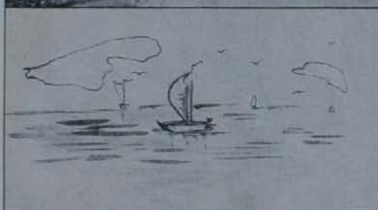
Somos todos uma especie de parasitas do passado.

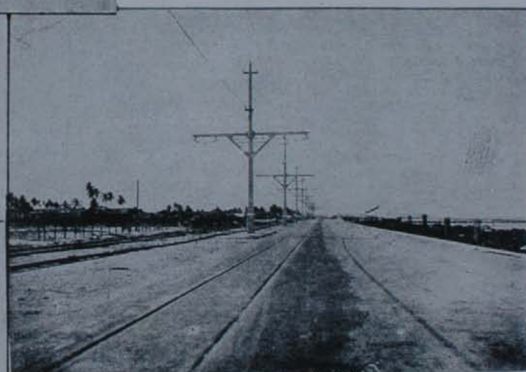
Avenida Beira-Mar

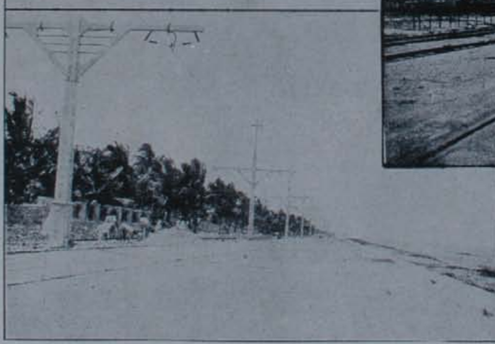




O embellezamento do Recife foi sempre o sonho dourado de todo pernambucano. A administração Dantas iniciou o movimento de aformoseamento da capital, continuando com grande rigor durante a progressista administração municipal do sr. Lima Castro. Mas foi o governo Sergio Loreto, que continuando e concluindo muitas das obras deixadas incompletas, e tomando a iniciativa da construcção de quasi todas as lindas avenidas, praças e parques actualmente existentes em nossa capital, consolidou definitivamente os creditos do Recife ao titulo de mais formosa cidade do norte do Brasil. Dentre todas estas obras, emerge, por seu encanto todo singular, a extensa Avenida Beira-Mar, que emoldura seis longos kilometros de nosso littoral, ao sul da cidade.









1) — O edificio da usina e das officinas do saneamento, situado na Avenida da Cabanga, uma das arterias de accesso ao Pina, tambem construida pelo governador Sergio Loreto,

2, 3 e 4) — Varios aspectos da encantadora Avenida littoranea

MEU HYMNO D'AMOR

Para Mlle. C. A.

Naquella noite, em que tu me viste,
Ao distinguir-te, me allucinei!
Fiquei immovel, senti-me triste,
E foi scismando que te deixei...
Naquella noite, em que tu me viste,
Chegando a casa por ti resei.

Inda voltei-me para o portão
Onde aguardavas quem eu bem sei,
Pulsava tanto meu corção
Quando, entre sustos, te divisei.
Inda voltei-me para o portão
Extasiado suppuz-me um Rei.

Teus olhos negros, a tua face
E teus cabellos a Nazareno,
O proprio Phydias, que os vejo e trace,
Para imital-os, será pequeno;
Teus olhos negros, a tua face
Deixam-me n'alma doce veneno.

Quando tu passas para o collegio,
Eu sinto n'alma febril calor,
E, si me fitas com o porte regio,
Góso a ventura de um terno amôr.
Quando tu passas para o collegio
E' a natureza que exhala odôr!

Quando tu passas tudo é delirio...
Cantam guitarras desconhecidas;
Tudo é festivo, té mesmo o empyreo
Onde palpitam milhões de vidas.
Quando tu passas tudo é delirio,
Como venturas jamais sentidas.

Naquelle dia, quando nos vimos,
Minhas tristezas se apasiguaram...
Foi numa egreja, depois sahimos...
Nossos olhares bem se fitaram.
Naquelle dia, quando nos vimos,
Minhas desditas se desfiaram.

Inda me lembro, foi na "Hora Santa"
Que as nossas vistas se entrechocaram;
Com a minha lyra que, agora, canta
As minhas maguas tambem cantaram!
Inda me lembro, foi na "Hora Santa"
— Nossos desejos se vincularam.

Desde esse dia, meu pensamento
Escravisou-se; tanto soffri!
E eu tanjo a lyra, vibra um lamento
Meigo sussurro do que senti.
Desde esse dia, meu pensamento
Vive apegado somente a ti.

A' natureza, prodigiosa,
Meu verso ardente quero offertar;
Cinzeladora da humana rosa,
A linda fada do meu sonhar!
A' Natureza, — prodigiosa,
Meu astro ardente vou dedicar.

....

....

Naquella noite, em que tu me viste,
Ao distinguir-te, me allucinei!
Essa tristeza, que em mim existe,
Vem desse sonho que me fez Rei!
Naquella noite, tão fria e triste!
Beijos, sem conta... tantos... te dei!

MURILLO-COSTA.

Desolação

Nunca viste a minh'alma... Nunca viste
meu coração desorientado palpitar...
Mas eu sou triste, entendes tu'? Sou triste!...
E se ás vezes sorrio — é para não chorar!

Comtudo, eu te amo tanto!
Ah, não dirás que não é teu meu puro amor!
Santa Luzia dos meus olhos! Meu encanto!
Amor do meu delirio! Meu amor!

A tua vida é toda a minha vida!
Os meus sonhos mais lyricos são teus!
Quantas vezes, porem, me foges, distrahida,
e nem me dizes, minha amiga, — Adeus!

E' que sou triste, pobre?
Que te importa, afinal, minha desolação?
Não rias! Olha, eu tenho um coração tão nobre...
Leviana, eu te offereço o coração!

Meu coração é original:
tem torres de ouro... Sinos de ouro a repicar...
E' uma pomposa cathedral
onde eu — espiritual — te fechei, n'um altar...
E desde então, no meu silencio scismativo,
ingenuamente vivo
a te incensar!

Não rias! Sê piedosa! Sê discreta!
Sê compassiva e bôa!
Tua ironia aguda é uma setta, uma setta
que me fere, faz sangue e me magôa...
Tua alegria me faz mal... E, vês?

Procuro embalde as tuas mãos franzinas
para que, ao menos, uma vez,
— n'um dia assim, na ansia de amar—
te possa confessar as palavras divinas,
as palavras de amor que fazem soluçar...

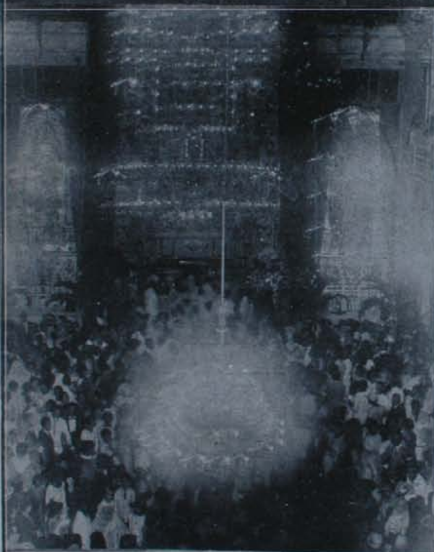
Rio — 926.

BASTOS PORTELLA

VIDA SOCIAL E RELIGIOSA







Em cima — Aspecto da assistencia do concerto do notavel pianista Arthur Rubinstein, realisado no Theatro Santa Isabel, vendo-se ao lado o insigne "virtuose". No centro — Flagrante do interior da matriz de Santo Antonio, no dia em que se realisou a imponente procissão de Corpus Christi. Em baixo — Grupo de catholicos aguardando, de uma das nossas principaes arterias, a passagem da procissão que foi uma vibrante manifestação de fé da alma pernambucana.



O Banquete da Convenção

O nosso velho e glorioso *Theatro Santa Izabel*, em cujo recinto tão extraordinarias emoções colheu a grande alma pernambucana, nas phases mais agudas e memoraveis da nossa vida politica, apresentava, em a noite de 26 de junho, um aspecto talvez ainda não attingido.

Realizava-se o banquete da Convenção das Municipalidades, em honra ao sr. dr. Estacio Coimbra cuja candidatura á governança estadual se firmou vencedora, com os applausos unanimes das forças politicas pernambucanas.

A grandiosa assistencia, o ambiente sumptuoso sob a féerie de luzes e de côres, a disposição de tantas cousas brilhantes e a harmonia desferida por numerosa orchestra de professores, tudo concorria, em perfeita combinação, para dar á platéa do grande *Theatro* o aspecto deslumbrante e imponente a que nos referimos.

A grande mesa contava 150 talheres e dispunha-se por sobre lustroso pavimento ao nivel da ribalta, cujo panno de bocca se escondia nas côres de Pernambuco e do Brasil.





1. — Vista geral d
venção das Municipalid
são governamental de

A grande solennid
sr. dr. Sergio Loreto,
photogravura se vê no
tendo a sua direita o
Coimbra, e, á esquer
dr. Enrico Chaves.

2 e 3 — Outros
nencia da brilhante h



das Municipalidades

Sómente um arco central, luminoso e artistico deixava ver bem alto, sobre palanque, a orchestra de 25 mestres que o conhecido professor Alberto Figueirêdo dirigia.

E aos lados, em lanças cruzadas, aos feixos, as côres nacionaes se destacavam no fundo azul e branco. E ao pé de tudo isto o symbolo de Pernambuco — o leão glorioso.

Nas frizas, todas occupadas, distinctissimas familias da nossa alta sociedade aguardavam a leitura da plataforma do illustre candidato, offerecendo-lhe assim a justa homenagem de que é digno. E cordões luminosos coroavam na variedade artistica das côres as frizas e balcões.

O effeito era deslumbrante.

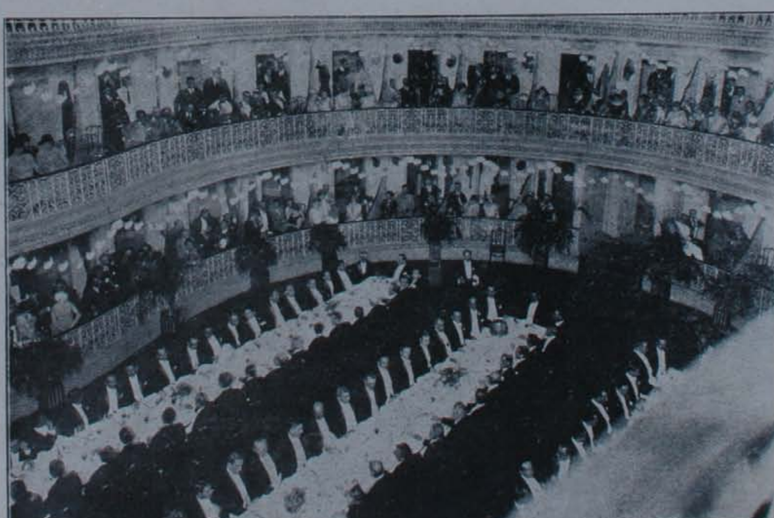
Ao fundo via-se a allegoria do escudo pernambucano: o sol emergendo.

Todos os camarotes e geraes estavam occupados, bem como todos os logares á mesa.

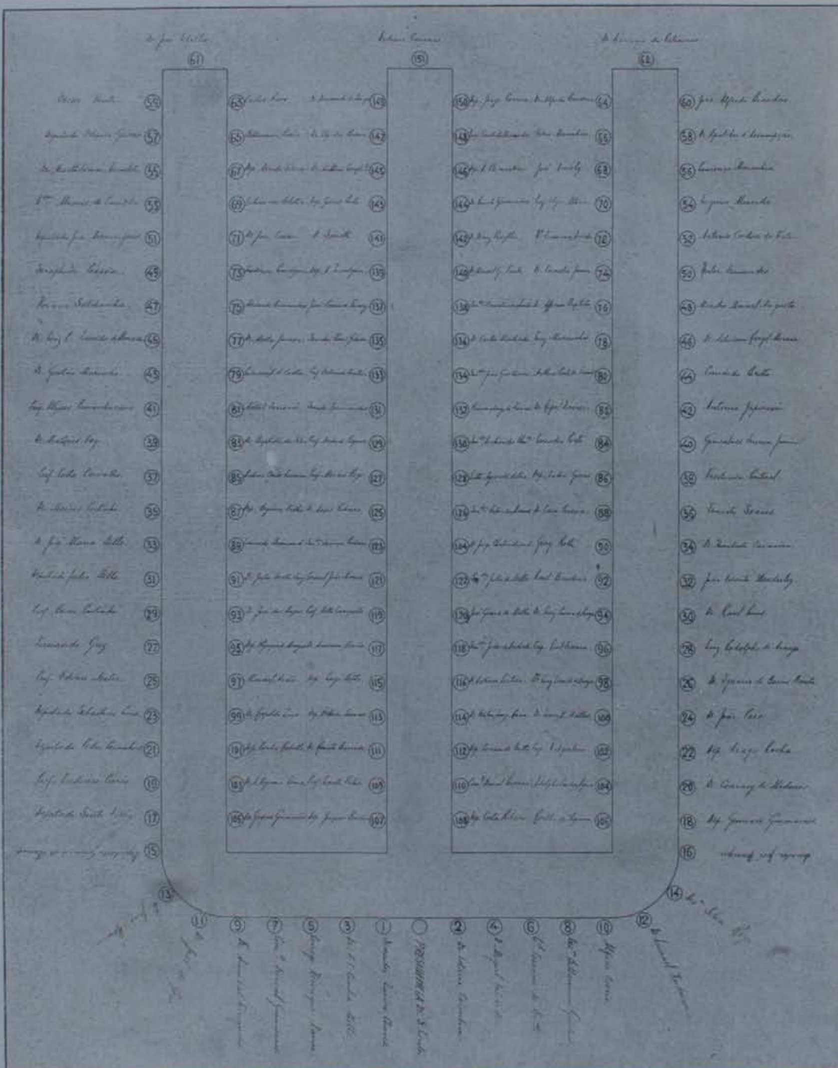
O dr. Sergio Loreto e o dr. Estacio Coimbra, chegaram poucos minutos após ás 20 horas. As musicas tocaram o Hymno Nacional.

quete offerecido pela Con-
ao seu candidato á succes-
ambuco.
politica foi presidida pelo
rnador do Estado, que na
da haste central do E —
enageado, sr. dr. Estacio
presidente da Convenção,

tos que resaltam a impo-
gem.



DISTRIBUIÇÃO DE LUGARES NO BANQUETE OFFERECIDO AO EXMO. DR. ESTACIO COIMBRA



Graphico do banquete offerecido pela Convenção das Municipalidades ao seu eminente candidato, sr. dr. Estacio Coimbra.

O grande agape, que foi presidido por s. excia. o sr. dr. Sergio Loreto, teve o comparecimento dos mais altos representantes, não só do mundo politico, mas tambem de todas as classes de actividade social.

Enlace

Heloisa Ferreira — Moraes de Oliveira

1 — Na capella mór, da Matriz da Bôa Vista, logo após o acto religioso. A' esquerda, o conego Jeronymo de Assumpção.

2 — Os noivos cercados de pessôas gradas.

3 — Jantar offerecido aos convivas.

4 — Aspecto da numerosa assistencia, que enchia a nave da matriz da Bôa-Vista, por occasião do acto do matrimonio religioso.



Palacio da Justiça

Tudo justifica a construcção do Palacio da Justiça: a esthetica urbana, economica, a moral social. O governo do Estado attendeu a todas essas finalidades.

Tres são geralmente os factores que, nos tempos modernos e no seio das verdadeiras democracias, mais decisiva influencia exerce no animo dos governantes para a execução de certos e determinados melhoramentos materiaes que correspondem a outras tantas necessidades publicas.

Esses factores são representados pelos motivos de ordem esthetica, de ordem social e de ordem economica.

A construcção do bello e magestoso edificio que ora se ergue á nossa tradicional praça da Republica, dominando o centro da cidade e ao mesmo tempo imprimindo-lhe um cunho de extraordinario progresso urbano, foi numa resultante da salutar influencia dos tres factores a que acima nos reportamos.

Realmente, o **Palacio da Justiça**, está destinado a realizar entre nós, do modo o mais integral, todas essas finalidades.

Quer se consultem as razões de esthetica, de economia e de sociabilidade que presidiram á sua realização, quer se invoquem motivos outros de caracter puramente administrativo, o **Palacio da Justiça** se nos apresenta como uma iniciativa governamental do mais indiscutivel alcance pratico.

Depois, entre as instituições publicas mais verdadeiramente dignas de acatamento e de prestigio official a Justiça, como elemento basico da sociedade, occupa um plano de inconfundivel destaque.

Para que, porém, possa ella corresponder, com a indispensavel efficiencia, aos nobres fins que lhe são attribuidos no organismo social, torna-se imperativa a condição de que se exerça, num salutar ambiente de prestigio e de conforto, a sua acção garantidora dos direitos constitucionaes.

Entre nós, essa questão já por si tão complexas, envolvia um aspecto ainda mais especial.

O chefe do Estado viera para o governo com os arduos deveres e com a immensa responsabilidade de um juiz.

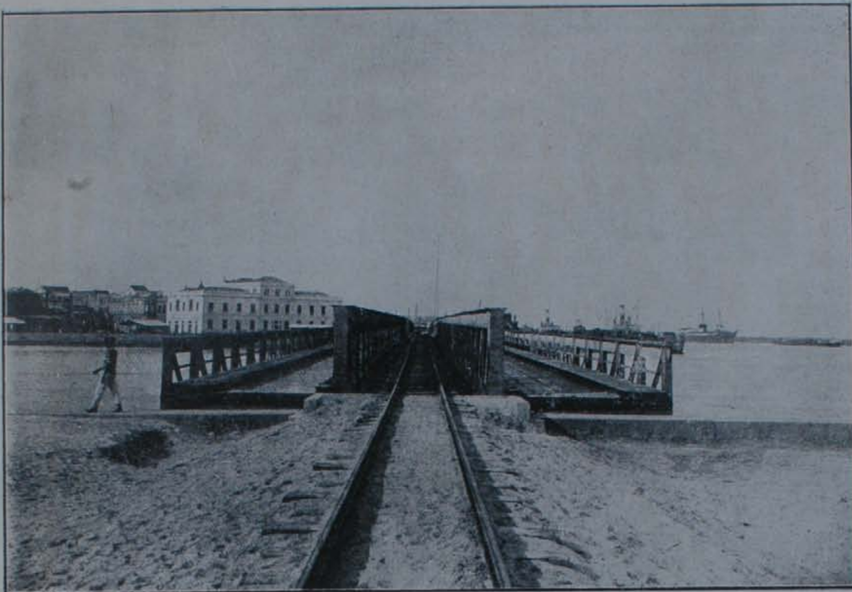
Aferrado ás praticas austeras de uma longa e inatacavel permanencia á frente dos negocios da Justiça Federal neste Estado, o nosso actual governador tinha a indeclinavel missão de reparar uma injustiça feita á instituição de que era elle um lidimo representante e, portanto, profundo conhecedor dos seus direitos, das suas aspirações e das suas mais prementes necessidades.

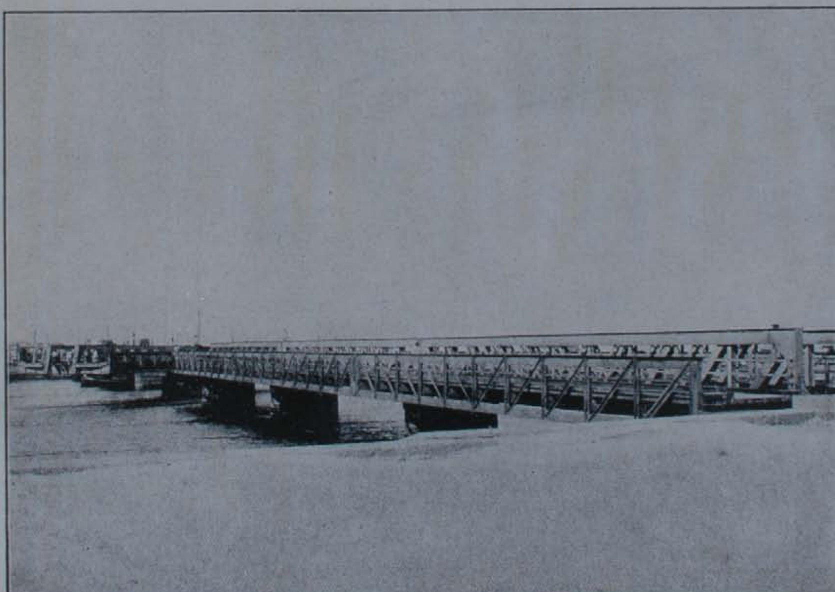
Desse perfeito conhecimento e dessa grande responsabilidade nasceu, nem poderia deixar de ser assim, a firme resolução, hoje quasi que plenamente objectivada, da construcção do **Palacio da Justiça.**

No vasto indice de melhoramentos publicos que assignalam o actual quadriennio nenhum sobrepuja, como razão esthetica, economica ou social, essa iniciativa que veiu collocar o Recife em o nivel das mais progressistas cidades do mundo civilisado, sendo ao mesmo tempo um frizante attestado do grão de cultura da sua população.

Realmente, grande e culto é por excellencia o povo que em tão alta conta sabe ter a Justiça Publica, dando-lhe por séde um edificio em que á belleza architectonica e á grandeza das proporções allia-se a sobriedade do estylo como a denunciar a nobreza da sua missão pela sociedade e para a maior garantia da sociedde.

PONTE GYRATÓRIA





A ponte gyratoria que une o novo caes de Sta. Rita no bairro do Recife, que se vê ao fundo, na photogravura, é uma das obras mais interessantes do novo Porto do Recife.

A sua parte central, constitue um corpo á parte que, gyrando sobre carris em uma circumferencia de trilhos assentada sobre um grande pilar, póde, quando se faz necessario, occupar uma posição perpendicular ao eixo da ponte, dando logar a duas aberturas. Estas permittem a passagem dos barcos do serviço interno do porto e, tambem a pequenos navios. No inicio do Governo Sergio Loreto, esta ponte, estava completamente abandonada e as suas delicadas engrenagens inutilizadas, por assim dizer. A deliberação do Governo Sergio Loreto de realizar as obras complementares do porto, salvou-a de uma ruina certa.

UM HOMEM DE BEM

Como uma affirmação a mais vehemente e mais sincera dos sentimentos equanimes da maioria dos pernambucanos, — disse, não há muito, um dos nossos homens publicos de incontestavel autoridade moral, falando das preclaras virtudes do eminente dr. Sergio Loreto, que sua excellencia era, acima de tudo, um homem de bem...

Esta phrase magnifica, que veio directa do coração, summariou, por assim dizer, todo um discurso do mais raciocinado patriotismo, proferido por um homem de larga visão intellectual e de grandes responsabilidades publicas que, por isto mesmo, deve conhecer de perto e a fundo, por uma convivencia ininterrupta de quasi dois annos, todas as nobres qualidades do grande pernambucano.

Ella, de facto, se justapõe, admiravelmente, á inconfundivel personalidade de sua excellencia; e ninguem haverá, extreme de qualquer paixão, que lhe ponha restricções, — trate-se do homem particular que, no recesso do lar, cultiva e cultúa a religião da familia; ou do magistrado que, por annos a fio, soube fazer da distribuição imparcial da justiça o seu grande sacerdocio; ou, finalmente, se trate do administrador esclarecido e patriota, que faz do bem da terra commum a sua desvelada preoccupação de todos os instantes...

Por qualquer aspecto porque o encaremos, sua excellencia se nos depára o mesmo homem prudente, ponderado e bom, de uma bondade excellente; e se o estudarmos como chefe de Estado, constantemente absorvido pelas multiplas responsabilidades da administração, ahi é que se revelam os seus incomparaveis predicados de administrador e de politico sempre bem avisado, sobremaneira reflectido no resolver os assumptos de ordem publica, mas, ao mesmo tempo, inflexivel na objectivação daquillo que ficára resolvido definitivamente, e após méditadas ponderações da propria consciencia: isto sem perder nunca de vista as graves responsabilidades do cargo, e em respeito mesmo ao principio da sua alta autoridade que, aliás, não permittio fosse jamais diminuida ou amesquinhada.

Sobretudo a serenidade da sua consciencia, resultante, talvez, da constante e harmonica actividade do corpo e do espirito no trabalho intenso da politica e da administração, — sobretudo esta serenidade imperturbavel parece constituir o segredo das suas grandes victorias...

Realmente, o homem excepcional que nós encontramos, diariamente, perfilado na sua banca de trabalhos, a dirigir, dahi, com uma alta convicção burocratica, toda a engrenagem administrativa, é o mesmo homem de sempre, discretamente delicado e grave, que, nos momentos mais agudos da vida do Estado, sabe solucionar da mesma maneira, ponderada e calma, mas decisiva, todos os intrincados problemas que interessam á politica ou á administração.

Dahi, desta uniforme feição do seu temperamento, forte na decisão das grandes causas, decorrem natural e logicamente este prestigio e este respeito em cuja atmosphera se exercita a sua nobilissima acção de governo.

Pernambuco, durante este quadriennio fecundo, cresceu e prosperou maravilhosamente; por tal maneira que, já agora, ninguem poderá falar do seu progresso e da sua grandeza sem exalçar, ao mesmo passo, a brilhante actuação do governador actual. Isto porque a tanto não teriamos, certamente, attingido se, nos momentos precisos,nos faltasse a sua sabia interferencia pessoal: interferencia que se não limita ao exame superficial das coisas, mas que, ao contrario, desce aos detalhes dos assumptos administrativos, por tal modo que o torna conhecedor perfeito de todos os segredos da administração.

Não vae nisto nenhum exagêro, porque a verdade é que, recebendo nas suas audiencias diarias u'a media de sessenta pessoas, a todas as quaes ouve, aliás, com distincta urbanidade, sua excellencia, que nem um momento siquer deixa de estar rodeado de amigos —, emquanto estes, nos grupos, palestram pelas janellas do gabinete,—lê, meticulosamente, todos os papeis do expediente, dando a cada um o destino conveniente!...

E o que mais admira, a quantos o observam, é que, mesmo d'alli decide, com a mesma segura reflexão e o mesmo pulso firme, os mais transcedentaes problemas, como inda ha pouco, o da incursão dos rebeldes em territorio pernambucano e o da successão governamental.

Eis porque conseguira sua excellencia imprimir uma feição inconfundivel ao seu governo, iniciando e completando tantas obras de vulto, regulamentando serviços tão complexos e, finalmente, solucionando problemas importantissimos que hão de orientar Pernambuco para os seus grandes e gloriosos destinos. Eis porque o grande pernambucano, chegado quasi ao fim do seu brilhante governo, se sente tranquillo e forte na convicção de haver cumprido, dignamente, os seus altos deveres civicos.

E' que sua excellencia, effectivamente, reune áquellas qualidades de homem particular e de magistrado incorruptivel, as do administrador honesto, laborioso e esclarecido, que o fazem o homem de bem, que honra o meio social em que vive e dignifica os cargos que ocupa.

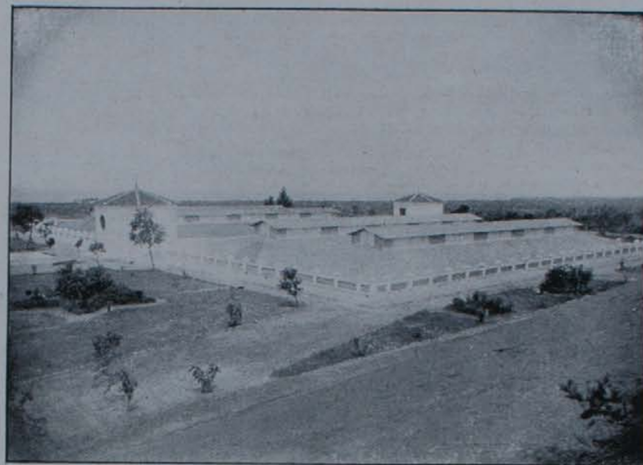
Inspirada e justa se nos afigura, pois, aquella expressão do distinguido politico pernambucano, em referencia ás virtudes pessoaes e publicas de sua excellencia o sr. dr. Sergio Loreto, cuja vida de labor incessante é bem um exemplo a seguir, ao mesmo tempo que constitue uma prova do quanto pode a vontade firme de um homem quando a serviço de uma intelligencia lucida, orientada sempre no sentido do bem, e para as bôas causas.

Mais do que as palavras, nem sempre eloquentes, e por via de regra desvirtuadas pela critica apaixonada, — ahi estão, immutaveis, os factos e os fructos inequivocos dessa superior diretriz por onde marchára, rectilineamente, o homem bem intencionado, durante todo o curso prolongado, e por vezes accidentado, de sua vida particular e publica.

M. da Silva.

ABASTECIMENTO D'AGUA DO RECIFE

Entre os nossos serviços publicos de maior vulto pela sua importancia para o bem estar e o conforto de todas as classes sinceramente interessadas na evolução do Estado, o abastecimento dagua do municipio do Recife merece aqui um especial registro pelo interesse, pela perseverança e pelo sincero esforço com que a actual administração conseguiu mercê de uma feliz actuação constructora integral-o na sua completa finalidade social, atravez da influencia dessa mesma finalidade, para o continuo desenvolvimento do nosso urbanismo.



Reservatorio de Prazeres — (39 metros acima do nivel do mar).

Como já é de inteiro dominio publico não mais, ao iniciar-se o actual quadriennio, estava o referido serviço publico em condições technicas que lhe permitissem acompanhar com segurança o rythmo do nosso progresso encarado sob as suas varias manifestações.

Com o assás pronunciado accrescimo da população desta capital nos ultimos quatro annos, phenomeno esse que deve naturalmente ser attribuido ao alargamento cada vez maior da nossa zona urbana provida dos modernos elementos existenciaes, a precariedade do nosso serviço de abastecimento d'agua jámais deixou de merecer a cuidadosa attenção do poder publico.

O que era a insufficiencia do nosso serviço de abastecimento, di-lo a impressionante e minuciosa representação dirigida ao exmo. sr. governador pelo dr. Odilon de Souza Leão, director do Departamento Geral de Viação e Obras Publicas:

"Exmo. sr. dr. governador do Estado:

E' de meu dever trazer ao conhecimento de v. exc., a premente situação do nosso serviço de abastecimento d'agua, reclamando urgentemente a adopção de certas medidas, que aqui venho suggerir.

O notavel desenvolvimento do Recife, excedendo de muito ás mais optimistas previsões, tem dado logar a extraordinario e progressivo augmento no consumo diario d'agua potavel, em consequencia do avultado numero de requisições de pennas d'agua originadas, principalmente da construcção das novas e numerosas canalisações distribuidoras, que ao fecundo governo de v. exc. como medida de alto alcance sanitario, approuve realizar.



A represa de Gurjahú, vista da margem direita.

Por outro lado os varios parques arborizados inaugurados recentemente nesta cidade, o intenso supprimento dagua aos navios, uzina das Docas e Obras do Porto; o abastecimento a estabelecimentos industriaes, etc., etc. tudo contribue para o formidavel consumo actual, sem levar em conta os disperdicios em taes pennas e tambem nas domicilIares, malgrado a distribuição systematisada e intensiva dos hydrometros; e as inevitaveis perdas d'agua pelas juntas das canalisações, só tardiamente verificadas, nas ruas dotadas de calçamento moderno.

E', conseguintemente, bem reduzido o volume d'agua de que dispomos, como sobra, no momento, nunca excedente de mil metros cubicos diarios.

Além disso, por um grave defeito, que é a falta de automatismo das ventosas da linha adductora existente, perturbando pelo accumulo de ar o seu funccionamento normal, nem sempre é possivel dar ao trabalho das duas baterias de filtros a ma-

xima efficiencia, por se produzir o phenomeno de refluxo da agua na canalização, em Gurjahu'.

De tal anormalidade resulta frequetemente a depressão de Prazeres, forçando-nos, mesmo agora pelo inverno, a fazermos nivel d'agua no reservatorio de auxiliar o serviço de Gurjahu' pelo antigo e dispendiosissimo serviço de Dois Irmãos, afim de evitar a queda demasiada de pressão na rêde de abastecimento e consequente falta d'agua, principalmente, nos extremos da malha distribuidora e nos predios de varios pavimentos.

E' frequente, aliás, a deficiencia notada, nas horas de maior consumo, nos suburbios mais distantes, taes como: Casa Amarella, Casa Forte, Monteiro e Apipucos. Esta situação aggravar-se-á, fatalmente, durante o proximo verão, quando a carencia d'agua na cidade se torna mais premente, tendo como resultado o sensivel augmento do consumo publico em vinte e quatro horas.

Devo, aliás, dizer de passagem que, além de outros motivos de ordem technica, não é de modo algum conveniente a manutenção do regimen de trabalho simultaneo de Gurjahu', e Dois Irmãos, em vista de ser carissimo o custeio deste ultimo, elevando-se diariamente em combustivel, lubrificantes, etc., a cerca de um conto de réis. Para solucionar essa seria situação, cumpre-me apresentar a v. exc. as seguintes suggestões:

a) — Intensificar a construcção da segunda linha adductora, actualmente bem reduzida por medida de economia, imposta pelo momento.

Com a inauguração dessa linha ficaremos apparelhados não só a reforçar a primeira linha mediante uma ligação entre as duas, como a receber a producção da terceira bateria de filtros, já encommendada e cuja contribuição será absolutamente inapproveitavel sem a referida segunda linha.

Com o dispendio de mais 3:000$000 por semana conseguiremos o nosso intento.

b) — é indispensavel a construcção de um novo reservatorio "de compensação", no Monteiro, constante, aliás, do plano organisado pelo dr. Saturnino de Britto, e destinado ao reforço da malha distribuidora nos suburbios, armazenando as sobras do abastecimento nas horas de minimo consumo durante a noite, para restituil-as á rede nas horas de grande consumo, mantendo ainda constante a pressão dos encanamentos.

—Não é emprehendimento, cuja realização esteja alem das possibilidades financeiras do Estado. Obra, cujo custo total não excederá de 400:000$000, deverá ser feita, segundo a projectamos, sob os modos mais economicos sendo de notar que para sua execução já dispomos de grande parte do material a importar: cimento e vergalhões de ferro.

Os demais são de facil acquisição, pois a areia não precisaremos comprar e a pedra britada temo-la de Comportas.

—Devo assignalar mais uma vez aqui que se trata de um serviço essencial, com a realização do qual pouparemos á nossa população suburbana as inconveniencias, e os atropelos resultantes de um supprimento d'agua intermittente em absoluto improprio a uma capital progressista como Recife.

c) — Não menos necessaria é a construcção da segunda linha de alimentação na Estrada dos Remedios.

Parte integrante do plano geral do abastecimento dagua, difficuldades oriundas do irrompimento da guerra européa impediram a sua execução.

urbana, é natural que se faça deficiente serviço, cuja situação se torna cada vez mais precaria.

E para exemplo basta citar que, tendo montado um chafariz no largo da Casa Amarella, verificamos que só á noite a agua alli chega, isto é, nas horas de fraco consumo na cidade.

E', conseguintemente, tão premente a realização desse emprehendimento como a dos dois primeiros citados.

Aliás, afigura-se-me favoravel a opportunidade para acquisições do material necessario, tendo-se em consideração a recente proposta da Societé Anonyme du Pont-á-Mousson e attendendo-se ainda ao custo relativamente reduzido de encommenda de cerca de francos 1.000.000.

desse fornecimento coincidiria justamente com o termino dos trabalhos da segunda linha adductora, caso v. exc. delibere intensifica-los.

São estas, em summa, as considerações que me cumpre fazer em torno de tão delicado assumpto, dado o dever que me occorre de prevenir com sinceridade a v. exc. das reaes e prementes necessidades do serviço de abastecimento d'agua a esta capital e a responsabilidade que sobre mim pesa para a sua regular manutenção.

A visão esclarecida de v. exc. será facil perceber como se impõe a execução das medidas que tenho a honra de suggerir no presente memorial. Respeitosas saudações. — (a) **Odilon de Souza Leão**, engenheiro-director".



A velha Ponte dos Carvalhos, sobre o rio Jaboatão, na estrada de rodagem do Recife ao Cabo e a Gurjahú. Dá passagem á linha adductora dos mananciaes, que abastecem a cidade.

Dispomos, unicamente, de uma canalização alimentadora destinada a abastecer a zona urbana, passando pela rua Imperial, cuja capacidade está ha muito attingida.

A outra, a construir-se pela Estrada dos Remedios, alimentará a zona suburbana.

Facil é comprehender a sensivel lacuna que representa a falta desta linha, tanto mais evidente agora com a extensão de novas canalisações em Casa Forte, Poço, Torre, Encruzilhada, Casa Amarella, Zumby, etc., etc., tendo como consequencia o augmento no consumo.

Ora, alimentadas as malhas suburbanas pelas mesmas e unica canalisação, destinada á rêde

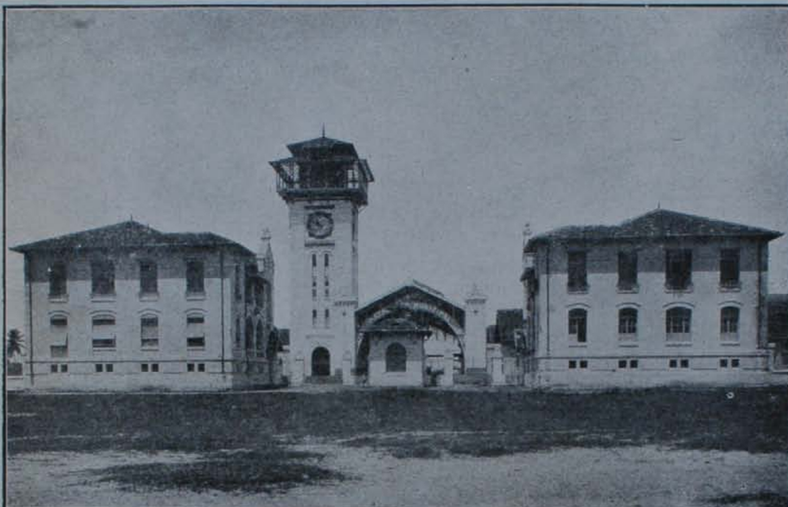
Com effeito, estando prestes a concluir o fornecimento de tubos para a segunda linha adductora, e desejando approveitar a custosa installação feita para o fabrico daquelles, de diametro usado exclusivamente em Recife, propõe á Pont-á-Mousson "effectuar o fornecimento em condições bem vantajosas, não só quanto ao preço, mas principalmente em relação ás condições de pagamento, as quaes são em resumo: remessa adiantada nos proximos mezes de dezembro, janeiro e fevereiro; pagamento, em prestações e em continuação ao da segunda linha adductora, nos mezes de agosto e setembro do anno vindouro.

Releva dizer que a entrega

Inteiramente senhor da situação e desejoso de quanto antes achar para um problema assim tão complexo e ao mesmo tempo tão essencial aos interesses da população recifense uma solução satisfactoria o governo do Estado, nem um só momento trepidou no caminho a seguir e, de logo, poz em execução uma serie de providencias praticas cujos beneficos resultados já estão se fazendo sentir de modo bastante significativo.

Do vasto plano então adoptado pelo governo, nesse particular, figura a construcção de uma segunda linha adductora d'agua dos reservatorios de Gurjahu' e Prazeres, composta de tubos de

NOSSOS EDIFICIOS PUBLICOS



Matadouro Publico dos Peixinhos. Um dos mais aperfeiçoados do Brasil.

0,75 de diametro, numa extensão de 21 kilometros.

Essa nova linha já se encontra concluida, apenas dependendo agora o seu funccionamento da conclusão dos vultosos trabalhos de reconstrucção geral da ponte dos Carvalhos, cuja capacidade de resistencia teve de ser consideravelmente reforçada, por isso que sobre ella, alem da antiga linha, tambem passará a 2.ª linha adductora que é objecto desta reportagem.

Alliás já apresentam os trabalhos ora em activa execução na ponte dos Carvalhos um avançamento bastante satisfactorio.

Alem desses foi realizado um outro serviço de grande monta, como seja a construcção de uma nova e extensa linha distribuidora, que parte do Giquiá e segue ao longo de toda a Avenida José Rufino, numa extensão de mais de 2.500 metros.

A secção de Aguas do Departamento Geral de Viação e Obras Publicas, de accordo com o plano adoptado pelos poderes publicos, tem conseguido sensivelmente melhorar certas zonas mal abastecidas, reforçando as respectivas linhas distribuidas, estando nessas condições um grande trecho da rua Visconde de Goyanna, onde foi substituido todo o encanamento de 3" por 6" o mesmo se tendo verificado na rua dr. Sá Pereira, cujo encanamento que era de 2" foi todo substituido por outro tambem de 6".

Ainda varias ruas como sejam Carlos Gomes, S. Miguel, Gomes Taborda, D. Manoel Costa, João de Deus, todo o bairro da Estancia, rua D. Bemvinda, Visconde de Araguaya, Padre Lemos, Dique, Peixoto, Travessa Tiradentes, Avenida José Rufino, Caxangá (até o Cordeiro), Ruy Barbosa, Rio Branco e Moraes Rego, praças da Paz e Tiradentes e cães do Apollo e do Porto, que dantes não dispunham de abastecimento d'agua foram agora contemplados com esse relevante melhoramento.

Pelo governo do Estado já foram adquiridos na Europa, até dezembro de 1925 para esses trabalhos, 2.567 tubos representando uma extensão de 14.624 metros.

Tambem foram, neste quadriennio, favorecidas com o serviço de abastecimento d'agua as ruas Christovam Colombo, Manoel Bezerra, Carneiro Vilella e Avenida Santos Dumont.

A 9 de março deste anno foram iniciados os trabalhos de montagem da 3.ª bateria de filtros composta de 8 filtros e que elevará a um total de 25, o numero de filtros empregados em o nosso serviço de abastecimento d'agua, numero julgado sufficiente pelos technicos para satisfactoriamente attender às necessidades publicas nessa materia.

Para a conducção desse vultoso trabalho de engenharia hydraulica foi escolhido, mediante proposta considerada a mais vantajosa para os interesses do Estado, um technico de reconhecida idoneidade profissional, — o mechanico pernambucano Lino Martins de Cerqueira.

As despezas effectuadas até dezembro ultimo pelo Estado com a acquisição de materiaes para a 2.ª linha adductora de Gurjahu' a Prazeres vão descriminadas adiante.

Importancia recolhida à Banque Française & Italienne pour l'Amérique du Sud:

Janeiro a dezembro de 1924 ...	1.800:000$000
Janeiro a setembro de 1925 ...	1.350:000$000
Novembro de 1925	150:000$000
Dezembro de 1925	131:100$000
	3.431:100$000

Frs. 460.000.

Não está incluida a despeza com o transporte terrestre, despacho alfandegario e mão de obra.

Afóra essa despeza, já o Thesouro effectuou pagamentos que se elevam a quasi .... 4.000:000$0000 com a acquisição propriamente do material destinado ao serviço de construcção da 2.ª linha adductora de Gurjahu' a Prazeres.

MAROT, SAINT GELAIS E AS TROMBETAS DE JERICHO'

Meu preclaro amigo:

Marot e Saint Gelais foram dois poetas muito cortejados, nos principios do esculo XVI, o seculo da renascença.

O primeiro, tinha valor, o segundo tinha, prestigio. Marot diz Faguet era um poeta infinitemente espiritual, espontaneo, satyrico por vezes, mas sem czedume e por vezes elevando-se ao nivel da poesia philosophica, tinha eloquencia verdadeira, tudo isto sem exaggeros e sem constrangimentos como convem a um verdadeiro poeta.

Tambem o Brasil os tem como Marot; neste Recife luminoso poderiamos enfileirar uma lista que chronologicamente começaria assim: Anisio Galvão, Araujo Filho, Austro Costa, Ayres Palmeira, mas para que enfileirar essa gente indiciplinada?

Saint Gelais, pelo facto de ser um poeta da corte, e o poeta mais cortezão de todos os tempos, foi considerado em sua epocha ao n'vel de Marot, em essa indevida altura se conservou trávez alguns seculos, não obstante a pleide de illuminados que floresceu em toda a renascença.

Faguet depois de quase quatro seculos fez descer do andor o idolo e collocou-o no seu logar, dando-lhe como unico titulo de gloria, o ter trazido da Italia o soneto.

O gesto de Faguet, como era natural teve simiescos dicipulos, tanto mais que já não havia para elles, o perigo da lapidação dado o remotismo da iconoclastia.

Comprehende-se porem que na epocha de Saint Gelais, o terrorismo, e as superstições fanaticas, não deixassem muito á vontade os criticos que se não atreviam á irreverencia de esquadrinhar as razões das cortes que eram verdadeiros dogmas infalliveis.

Alem disso foi aquelle principio de seculo um periodo de transição para as artes e para as letras, improprio pois para essas escaramuças em cearas alheias. As artes começavam a se depurar e harmonisavam o grotesco das suas linhas primitivas de arte barbara pela bellexa inconfundivel e superior dos gregos e latinos: as letras aprimoravam-se perdendo o estylo quase infantil dos primordios.

Foi aquelle principio de renovação, uma epocha de desordem espiritual, de exuberancia, de liberdade da fantasia e tambem do estylo livre... sêez...

O livre arbitrio que nos foi dado pela astuta serpente do paraizo de Jehovah, estava então aferrolhado pelo intransigente dogmatismo dos canones, por causa da sua origem satanica.

Hoje porem o livre arbitrio fez a liberdade da expansão e do pensamento e vae numa explendida ascenção, num vôo "luminoso" de... balão, esses bonitos balões das noites de S. João. Se o facto se repete não obstante isso é culpa do determinismo fatal do circulo vicioso da vida, e tambem, quem o sabe, pelo mysterio das reincarnações, ficaria comprehendida a crescente multiplicação de exemplares, typo Saint Gelais, a maravilhosa "blague" da corte de Luiz XIII e os parceiros da engraçada e bem urdida comedia intellectual.

"Nem só de pão vive o homem" diz o evangelho, mas o diabo é que sem pão elle não vive, eis porque meu illustre amigo, os nossos criticos, ainda hoje conservam por atavismo, as mesmas fórmas de amalgamar celebridades. Embora elles já não tenham como desculpas á complacencia e ao "debonaire" o receio das sentenças inquisitoriaes, têm em compensação como escusa as allucinantes attrações do seculo meirotoca!...

Depois o escãlbo não é mau; por alguns grãos de volatilisante invenso, algumas pepitas concretas de ouro; e o ouro classificado pela physica de corpo mineral simples é o unico capaz de satisfazer ás complicações do corpo animal, restrictamente superior. Ha ainda a contar as dividas de gratidão e de amizade, que valem bem uma amavel pennada.

Como vê meu amigo não accordo comsigo na calumnia que abtriu ao nosso seculo. A critica não é propriamente parasita da literatura, ella é a lanterna magica de Aladino ou a lanterna bisbilhoteira e irreverente de Diogenes, que carece de bom azeite e mais alguma cousa...

Não é critica o que por vezes faço é apenas a expontanea revelação de uma opinião muito pessoal sobre espiritos que por algo, afinam com o meu ou ferem a minha sensibilidade esthetica; e quando acontece pedirem-me opinião sobre um trabalho ou um livro dou-a com sinceridade, e por isso meu amigo, não me pode acontecer, desdizer —"intra-muros"— aquillo que escrevi, como diz ter observado em nosso meio.

Creia, que mesmo sendo obrigada por quaesquer circumstancias a ser insincera escrevendo, continuaria a sel-o, fallando.

O écho da fama hoje em dia faz-nos pensar nas celebres trombetas de Josué, feitos de chifres de carneiro e sopradas pela força sobrenatural de uma dynamica divina, para derrubarem os muros da Jerichó da seenographica biblica, toda uma scena esbardalhante, arranjada para pasmo dos crentes... do mesmo credo.

Sabe o que se salvou das ruinas para perpetuação da raça?

Pergunte á Biblia quem era Rahab.

Quando a posteridade embocando as trombetas do juizo final separar os Marot dos Saint Gelais, nos valles da literatura, já os carunchos e traças haverão roido os despojos materiaes desses felizardos que na vida estiveram em communhão com os puros.

A minha literatura, meu illustre amigo é calafate de estopa em barco velho, não vale uma pennada de tinta, falar nella: sou passadista, ou ancesratista... isso não vem ao caso.

Receba antes, neste espaço pequeno, um grande aperto de mão da

Juanita B. Machado.

O MENDIGO

(A Lucilo Varejão)

Como a vida do misero é sombria!
Elle é um paria triste e sem ventura,
Vive entregue ás borrascas. Desventura!
Vida atra! sem o pão de cada dia.

Ora vive na estrada, numa via,
Sem luz! sem fogo e pão, que desventura!
Indizivel soffrer, que vida dura!
...Uma vida sem animo, sem guia.

Ora anda ao léo, a mendigar o pão,
Maltrapilho, nas portas a bater
Pedindo avido, commiseração.

Não tem um ente, é triste se dizer!
Que lhe conforte o peito, o coração,
Que abrande suas penas, seu soffrer.

PAULINO DE BARROS.

De Luis Carlos, o admiravel poeta, cinzelador de Columnas, ultimamente eleito para a Academia Brasileira de Lettras, é o soneto que damos abaixo, **Minha-Musa** todo elle sinceridade e doçura.



Minha Musa

Vi-te, a principio, sobre mim pairando
como subtil e dubia nebulosa,
e julguei-te uma imagem vaporosa
que se apegasse ao zephyro mais brando...

Mas, attento, fitei-te os olhos quando
vi que a forma tomavas de uma rosa;
pasmei, depois, com ver-te mais formosa
n'uma expressão de estrella, rebrilhando!

Cego fiquei, de vista deslumbrada,
dentro do Sonho em que inda estou vivendo!
Pois essas variações, Musa encantada,

São, no teu vulto, que hoje, emfim, comprehendo:
feições supremas da mulher amada
— Braços abertos para mim descendo!...

LUIZ CARLOS

VIDA QUE CORRE

BARRETTO FILHO.

Intensidade e rapidez, eis o que caracteriza a vida moderna.

Nesses dois sentidos marcha a civilização actual, transformando os quadros habituaes da existencia.

Todos os males modernos são oriundos desse deslocamento prodigioso, em que o homem foi abalado na sua estabilidade, arrancado ao seu modo classico de existir, para uma vertigem que elle não esperava, e para cujo ambiente não teve uma preparação sufficiente.

Parece que a civilização soffreu um acceleramento evolutivo, e que transpuzemos muito rapidamente uma das suas phases, de modo a realizarmos o curioso paradoxo de estarmos adiantados ao tempo.

As causas dessa moção energica que nos levou muito para o futuro não são difficeis de descobrir.

As energias latentes da humanidade foram subitamente acordadas; uma corrente electrica invisivel inflammou-as, e a guerra Europêa acabou por obrigal-as á acção immediata, á manifestação extemporanea.

Por mais que pareça audaciosa a affirmativa, o mundo está inadaptado. Não conseguiu ainda identificar-se com a nova situação das cousas, porque essa situação lhe foi precoce.

Passou-se muito depressa da carruagem para o aeroplano, dos pavimentos simples para os arranha-céos, do correio para o telephone e o radio.

Só assim se explica a inquietação moderna.

Ella consiste no facto de que o homem já não coincide com o meio.

O ambiente evoluiu rapidamente, e os grandes transatlanticos appareceram numa época em que o homem é, subjectivamente, feito para as caravellas, e o auto-fallante afronta a sua ingenuidade e ainda lhe dá uma impressão de maravilhamento.

A concepção do mundo já não está de accordo com elle.

O pensamento ficou desorientado nas suas regras, e sente difficuldades invenciveis nessa brusca modificação, obrigado a renovar-se para apprehender o mundo.

Aquelle mundo que elle encerrava nas suas construcções e nas suas formulas adquiriu de repente um transbordamento desconhecido, alargou-se, tornou-se de uma maleabilidade inedita, e adquiriu uma multiplicidade de aspectos positivamente inesperada.

O mais gigantesco esforço para essa adaptação philosophica é Bergson. A sua philosophia tenta acompanhar a realidade nas suas modificações incessantes.

Não tem formulas nem conceitos, que foram os senhores absolutos da realidade immobilizada, fixa, feita; é, ao contrario, uma philosophia do movimento, do vir-a-ser, da transformação, do que se está fazendo, porque a realidade hoje corre.

Foi esse conjuncto actual do mundo, na sua vida intensa, na sua physionomia movel, com os seus aspectos e as suas paysagens que se succedem numa rapidez angustiante diante dos olhos maravilhados, que Anisio Galvão, um dos mais brilhantes e coloridos espiritos que tenho conhecido, trouxe-me com o seu livro "Vida que corre".

O mundo hoje em dia é um "film" cinematographico que se desenrola sem solução de continuidade. As distancias estão extranhamente encurtadas, e nem mesmo a travessia dos mares é uma occasião de isolamento e descontinuação.

Os portos se succedem com os seus costumes, os seus homens, as suas mulheres, semeiando-nos viajantes attonitos essa inquietação profunda, essencial, em que o pensamento se desorienta, não reconhecendo mais nessa mobilidade, nessa ausencia de repouso e de objectivação, o ambiente que elle synthetisava e fixava diante de si como uma base segura e inabalavel.

Anisio Galvão nas suas chronicas de viagem com aquella penetração susprehendente e aquelle estylo delicioso que lhe são peculiares, põe-nos diante dos olhos esse "film" maravilhoso, a que elle assistiu encantado, constrangido, porém, pela onda profunda de nostalgia, de vago, de indefinido, de saudade, que caracteriza a reacção da alma humana, que, diante de um futuro que chegou muito depressa recúa instinctivamente para o passado.

Anisio, sensivel, romantico, organizado pela familia nortista dentro dos quadros ancestraes, quadros que fôram o mais legitimo producto da experiencia de muitas gerações que lançaram raizes no coração da terra, analysa o que viu de grande no mundo, de bello, de surprehendente, e sente-se entretanto, no fundo do seu enthusiasmo, uma amargura inconsciente.

Essa amargura é a queixa profunda dos velhos habitos; é a reacção do nosso modo de ser diante de alguma cousa de absolutamente novo; é a mão invisivel do mundo envelhecido, que ainda nos prende e nos detem nos seus laços de atavismo, de educação, de ideas, de sentimentos.

Por uma reacção natural o nosso genio profundo nos adverte do que ha dissolvente e de instavel no cosmopolitismo, no pensamento e na vida moderna e nos convida a voltar para um mundo que já está feito, que ao envez de desdobrar-se se concentra, e ao contrario de procurar o movimento creador mas doloroso, immobilizou-se, repouse, fez-se consolador e cheio de uma vida affectiva e alentadora.

Assim é que Anisio entrou no mundo moderno, sentiu-o, comprehendeu-o, trouxe-nos uma noção global e viva do que elle seja, mas andou como um homem só no meio da multidão. Todos os problemas universaes de mais palpitação actual as suas chronicas commentam, e quantos delles não aproveitaram da sua graça, do seu colorido, do seu sabor fino, cheio de "humour" e de um amavel e sentimental scepticismo!

As affinidades que nutro com Anisio Galvão fôram accentuadas por esse estado de espirito que ambos alimentamos diante da vida; O seu livro vale por uma philosophia ironica, e indifferente. Em nós ambos se manifestaram as duas correntes contrarias em differentes direcções, e o resultado foi o mesmo: essa abstenção da vida no seu aspecto novo, o aguçamento disciplinado e polido do espirito critico, que, não nos illudamos, meu caro Anisio, é o nosso verme commum o mas nocivo, embora lento nos seus effeitos.

Salva-nos a crystalização interior, difficil de se esgotar porque é um diamante rijo. Herdamol-o, como um presente magico, de não sei quantas influencias anteriores. E' uma formação para a qual pouco contribuimos, e que como aquelles talismans antigos, que exerciam um poder magico sobre as cousas, conserva-nos o enthusiasmo e a alegria.

Nós, os filhos do norte, somos ainda os ultimos Aladins e emquanto as nossas lampadas estiverem accesas, banhando-nos dessa suavissima luz interior, continuemos sorrindo a olhar a vida que corre...

Rio, Julho, 926.

O ENSINO PUBLICO E O DR. ANNIBAL FERNANDES

E' bem um signal da vitalidade que existe em nosso ensino publico, principalmente nos grupos escolares, o enthusiasmo com que os pequenos estudantes desses estabelecimentos de ensino têm realisado há poucos annos, festas de caracter civico pedagogico, revelando-se garbosamente, em interessantes numeros de gymnastica suéca, declamação, cançonetas ou mesmo scenas interessantes do theatro infantil, levadas, com graça e intelligencia, pelos referidos escolares.

E' a alegria, esse poderoso tonico psychico, cujo enorme valor na transmissão do ensino tem sido reconhecido por todas as autoridades pedagogicas, que, substituiu, por completo, em nossas casas de ensino, os processos disciplinares obsoletos e contraproducentes da escola antiga, monotona e aborrecida, considerada, por vezes, um castigo para as crianças malcriadas.

Hoje, os nossos cinco grupos escolares, graças á actuação intelligente e proveitosa do dr. Annibal Fernandes, que bem tem concretisado o pensamento do actual governo, no tocante á instrucção publica, offerecem o aspecto alegre e convidativo de verdadeiras escolas, aptas, material e didacticamente, ao preenchimento da sua nobre finalidade.

Dahi, esse transbordamento de alegre actividade das crianças dos nossos grupos, que têm demonstrado, em suas interessantes festas, as beneficas conquistas physicas, moraes e mentaes alcançadas por elles ali, sem necessidade do emprego dos castigos corporaes, antes guiados por uma disciplina liberal baseada na reciprocidade do affecto de mestres e discipulos e na alegria dos pequenos educandos.

São factos, que todos veem e que dizem bem da attenção que as questões do ensino têm merecido ao sr. secretario da Justiça e Instrucção Publica, solicito sempre em corporificar o pensamento do actual governo, no tocante a tão importante ramo da administração publica.



Sala da classe infantil do Grupo Escolar "Sergio Loreto".

Recife, junho de 1926

ROCHA PEREIRA

RECUERDO !

(ECHOS DA CONFERENCIA DO DR. IVON COSTA)

Djénane Azâdé

A' sã moral do joven Joaquim Ferreira Borges, — Do Centro Social Catholico.

O gesto em, si todo natural e espontaneo. Não presidiu a lhaneza do seu alcance, uma segunda e má intenção.

Déste-me *flôres*...! E ao recebel-as das tuas mãos, incontinenti se desenhou no meu cerebro, a certeza irrefutavel de que eras um perfeito cavalheiro, e mui joven ainda, estabeleci um paralello que não vae aos outros moços que frequentam os centros de reunião collectiva.

Quando, no momento actual em que a deficiencia moral faz rolar em catadupas, para o abysmo corruptor do crime e do peccado, energias novas na especie, combalidas na essencia, pela falta absoluta de uma crença, que dignifique o homem, quando, cégos conscientes ao rosiclér das auroras flammejantes do fulgor empolgante que nos annuncia um Deus; quando, na duvida que assoma o nosso eu interior, as systoles se fazem sentir independente da nossa vontade, na suspeita de qualquer cousa superior, á materia abjecta; quando essa geração nova e ardente traz na circulaçãc do sangue, toda especie de microbios e bacillos que gangrenam a carne, no prazer das torpes sensações do vicio; quando, só o predominio da carne, despoticamente, calca a lama, a esperança de uma humanidade, que se estraçalha nas leis atavicas de epocas remotas e transcendentaes; quando na loucura dos tempos que, vertiginosamente, passam, o cerebro humano, absorvido pelo halo que á falta de uma religião venha de permeio collocar um anteparo entre a carne e o espirito; quando uma pleiade de homens, que se dizem cultos, se entrega á profissão ridicula, cynica e revoltante de conquistas malevolas e corruptoras, profanando com o seu instincto bestial, os mais santos e inconcussos sentimentos, tu, moço, ainda, calcando aos pés, preconceitos vãos, que assombram os fracos; tu em pleno publico, lançaste a luva á enorme mocidade que te ouvia, para sem respeito humano, dizeres aos quatro ventos que crês num Deus, que crês si possivel fôr desmesuradamente no que pregam as escripturas nem sempre, bem interpretadas.

E si no Salvara de tua alma, vislumbraste, de repente o oasis da fé, que ella seja a escada de Jacob, á ascensão ao premio que Deus reserva a cada um de nós, não no Paraizo, indicado pelo interesse de toldar a Verdade, mas no selo de Abrahão, que é a magnanimidade de Jesus!

No recésso de teu espirito longe das podridões terrenas, no impulso superior da vontade dynamica que anima o eu intelligente, encontrarás as andromedas de uma promessa que não falta, como charisma, á ataraxia aos que vivem em luctas constantes, com o acceitar ou não, a origem das cousas.

Ora, tu que já possues a inaudita felicidade de crêr em Deus, rasga de uma vez a tunica inconsutil que te venda os olhos interiores e contempla, de alma ajoelhada, a grandeza dos phenomenos metaphysicos na evolução dos corpos siderues, e reconhece então, porque força é admittil-o que este eu que vibra em nós é immortal e que só será digno de ver a Luz, quando torturando a materia que se decompõe, sentir-se tantalicamente torturado, á conquista do descanço Bemaventurado.

Não vejas tu, ó joven que me lês, a catechese das minhas theorias, não; se te falo assim é porque no vaso de crystal onde repousam as flôres que me offertaste, o perfume que dellas se evola, traz algo de tua fé, ao meu espirito, ascendendo sentimentos; eu lastimo profundamente, que permaneças irreductivel, não no erro, mas na duvida, onde si penetrasse com a tua fé, qual lampada de Aladino, verias mundos desconhecidos, mas existentes, confirmando sem ancias de reclames, a verdade da Vida.

Sê tu, ó joven que me lês, o pharol guiando essa mocidade corrupta que infesta a nossa infeliz e solerte sociedade; encoraja-a soergue da putrescencia do vicio, essas energias que se estiolam nas tabernas e nos clubs, exhausta, exangue á busca de emoções inconfessaveis; e nesse dia, então, terás a aureola da gloria, a emoldurar-te a fronte bella e intelligente e renderás convicto, culto a Deus no intimo do teu coração, o unico Paraizo que Elle concedeu á humanidade, mas que nem todos sabem gosal-o como soe ser, transformando-o quasi sempre na caverna sombria e lubrica de Satanaz, á conquista do Inferno, e ahi permanecerá por longas peregrinações á reparação do erro, e então nesse dia que não falha, porque Deus é infallivel, conquistará ao preço de lagrimas o reino do Ceu.

. . . .

O perfume material que se desprende das corollas multicores, disperso no ether, transitorio será na pituitaria organica; porem, o que se evolou de tua alma na lhaneza do teu gesto gentil, passando de tuas mãos, ás minhas, abraçada de rosas que o apostolo do Bem, incarnado no verbo fluente de Ivon Costa, lá por bem houve, te offertar, esse perfume será immorredoiro, porque traduz algo talvez de uma affinidade transcendental no emmaranhado dos nossos espiritos e para que seja sincera no que penso devo confessar que aguardo confiante a tua profissão de Fé.

E nesse dia, rompendo os arcanos da intelligencia humana, mais uma estrella, fulgurante, baixará a estrada que conduz á Verdade.

Recife, Maio 1926.

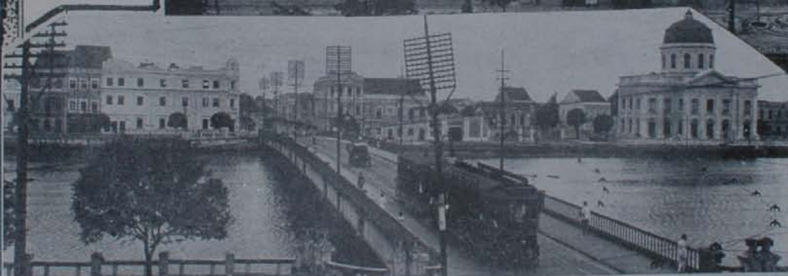
RECIFE DE HOJE



1—O tradicional Theatro Santa Izabel á praça da Republica.



2—Rio Capibaribe, vendo-se o edificio da Inspectoria da Guarda Civil e, do outro lado do rio, á esquerda, o edificio do Departamento Geral de Viação e Obras Publicas.



3—Ponte S. Izabel. Destaca-se, á direita, o magestoso edificio da Camara dos Deputados.



4—Pittoresco trecho da cidade—Inicio da Rua das Florentinas.

Dansas espirituaes ou logares que não são communs

Debora do Rego Monteiro

As multidões assiduas nos cinemas e que cruzam as avenidas, imaginam com facilidade que seja bem mais vantajoso não ler coisa nenhuma que ler muita coisa e não conservar toda essa leitura; por mim duma incarnar por conservar. Habitantes satisfeitos do planeta, não ha nesses numeros humanos, palmo para a Angustia do que eu confessaria ingenuamente: da cultura. Seu contra-veneno: uma armadura completa.

Utilitarismo interessante que provoca o mais cru' dos descasos, o mais admiravel dos descasos!

Descaso similhante encontra elucidação stricta no magro julgamento da actuação de leituras incontaveis.

Por não ser uma addição, antes, sempre um album em ordem, symetrico, em que cartões-postaes de mil paisagens não se confundem, pregados, o resultado de leituras incontaveis, é preciso ver claro ao menos um cunho mysterioso, o que aliás é espantoso nas encruzilhadas de leituras, das melhores leituras. Comprehendam-se aqui nossos proprios centros mentaes, esses centros de captação.

O ideal para os espiritos communs seria constatar uma intelligencia culta como se abre uma bibliotheca, como se vêem em tamanho natural bibliothecas a olho nu.

Elles podem bem esperar a realização de sua visão tão rica si — verdade é que não têm coisa nenhuma, eis as coisas.

O erudito consegue commovel-os menos que aquelles refugios nitidos dos "bonhommes" rudes das primeiras edades em que jamais puzeram pé. Donde a seu respeito, uma attitude de pedra. — Grande pena, na verdade. Qué! o erudito (suggere-me uma bocca composta com dentes supra-numerario) o erudito, este cerebro gordo impedido de estar na admiração de mais aquellas tantas percepções. Bastar-lhe-ão parabens dos jornalistas, os que escrevem para todos, dos advogados, dos chornistas dos tabelliães, de pequenos grandes homens, das legiões de condecorados...?

Noto que a menor alfinetada desinflamma aquelle Senhor, conforme observaria Veuillot.

Isto me faz passar á substancia do motivo a que mais uma vez tenho in-mente o prazer de apertar a mão.

E' um erro eternamente renovado — rejuvenescido, — preferir entre nós a maioria nenhuma leitura á leitura mais vasta que se não relem. Quando devéra a maioria preferir sua ignorancia ou infantilidade ás leituras millionarias conservadas em estado bruto.

Accentuo a expressão para caracterizar (não caricaturar) o que seja por excellencia a conservação inteira de mil e uma leituras.

Naquelle sentido tem o mais cortante relêvo o elogio de Laurence Sterne; uma onça de espirito pessoal vale mais que duas mil libras de espirito alheio: — "An ounce of a man's own wit is worth a tun of other people's".

Nunca se apreciará muito a compleição espiritual no menino, do espirito virgem, como dorsos virgens da terra, pelos seus contornos francos, pela sua imperiosidade, pelo sua audacia estimulante, uma força que não tem mêdo; a qual compleição mais abeira a virilidade intellectual do dito espirito, aquelle espirito levado não sei por qual graça que o soccorre.

Adoptando, por outra aproveitando mais tarde no estudo feito á tôa insanidades doutoraes é que o menino sae quasi sempre roubado. O olho, os ouvidos que enchem das mais absurdas tolices catalogadas, vão namorando preciosas coquettes que lhe crearão brilhos de fanfreluches. E depois as insolencias da vida, a experiencia desacompanhada de reflexão, se podem oppor sem intervallo á reconciliação com a meninice vivida: recuperação que impõe o frescor, a pureza: á pureza — refinamentos differentes.

A tecla a clarear em assumpto de estudo e leitura concentra-se na selecção dos livros, das leituras. O que já resume as tendencias mentaes de cada um, donde possiveis reacções individuaes, absorpção do que lhe é homogeneo.

O senso critico, ah, o senso critico! não será raro dar-se com elle nos espiritos em que desencafuou Ch. Beaudelaire "uma especie de mechanica celeste". Encontro-a em pagina de Conselhos aos jovens litteratos". Nos outros tão nobre senso insere-se mal.

Não se consegue nunca deixar de ler más coisas á falta de entendimento lucido. A descoberta desta impotencia deve permittir dar-se força aos salubres julgamentos alheios. Arthur Schopenhauer — e que não era de uma faculdade critica sobremaneira delicada — persistio durante a vida em contar como um excellente conselho, conselho ascetico do Augusto Wilhelm Schlegel, que um dia o surprehendeu.

Parecia ao auctor de "Parerga e Paralipomena" uma immolação sem heroismo do espirito o se embrenhar nas massas dos livros dernier-bateau, existindo o melhor de todas as epocas.

Continua duas paginas adiante

A "REVISTA" EM OLINDA



1 — A tradicional Sé de Olinda.
2 — Gruta de N. S. de Lourdes, no recolhimento da Misericordia, em Olinda.
3 — Irmãs Benedictinas do recolhimento da Misericordia.
4 — Igreja da Misericordia.

Melhoramentos Publicos

137 predios saneados em tres mezes. — Tres novos collectores, medindo 490 metros de extensão. — Novas galerias de aguas pluviaes.

Nos tempos modernos, de accordo com a nova concepção das exigencias urbanas e das noções sobre o conforto material que as collectividades têm o indiscutivel direito de exigir dos dirigentes dos seus destinos politicos, não mais se podem attribuir fóros de civilisação a um grande centro de actividades humanas que não possua certos e indispensaveis requisitos formadores do verdadeiro urbanismo.

Entre os factores que geram esse ambiente de commodidade publica, figura num plano de especial relevancia, os serviços de abastecimento d'agua, de illuminação electrica e, finalmente, a rêde de exgottos.

Com relação ao sensivel progresso por que tem ultimamente passado os dois primeiros serviços, — o abastecimento d'agua e a illuminação publica desta capital, já se acham os nossos leitores sufficientemente informados, mercê dos momentosos inqueritos com que temos acompanhado o extraordinario surto de desenvolvimento que lhes tem imprimido o actual governo do Estado.

Hoje, de conformidade com as informações que nos foram ministradas pela secção de Exgottos, que é, como se sabe geralmente, subordinada ao **Departamento Geral de Viação e Obras Publicas**, podemos dizer o seguinte, sobre os melhoramentos introduzidos em a nossa rêde de Exgottos, e fazemol-o numa synthese que deixa perfeitamente demonstradas a opportunidade e, sobretudo, — a proficuidade das medidas postas em pratica pelo poder constituido.

Somente o numero de predios perfeitamente saneados no periodo de 1.° de abril a 18 do corrente mez é, sem duvida, um flagrante depoimento em pról das nossas asseverações.

Realmente foram naquelle periodo saneados, dentro do perimetro municipal do Recife, 137 predios, e esse resultado denuncia antes de tudo que a Secção de Exgottos das Obras Publicas acompanha vantajosamente o rythmo de trabalho que caracterisa a actual phase governamental do Estado.

Mas a isso não se limitou a sua productividade, como se pode colligir dos seguintes dados:

Acham-se em franco andamento as installações sanitarias do **Hospital de Doenças Nervosas e Mentaes** e do **Hospital Oswaldo Cruz**, bem como a ligação para o respectivo collector da installação do **Hospital dos Lazaros.**

Foi construido na Avenida Norte um collector com a extensão de 129m,91 e 10" de diametro, bem como 248m,60 x 0,90 de galerias de aguas pluviaes, na praia de Santa Rita.

Acha-se com um grande avançamento a construcção de outra galeria ligando-se á existente na rua do Nogueira e que fôra interrompida pelo aterro da praia de Santa Rita.

Acha-se tambem deveras adeantada a construcção de mais 2 collectores nas proximidades do canal do Derby, passando um delles normalmente sobre o referido canal e descarregando no poço ao lado da estação sanitaria.

Esses dois novos collectores têm, respectivamente 8" e 10", medindo 360 metros de extensão.

DANSAS ESPIRITUAES OU LOGARES QUE NÃO SÃO COMMUNS

Debora do Rego Monteiro

Conclusão.

Minha opinião é que se não debruce alguem com insouciance ás fontes desde que as fontes produziram rios. Agua viva que se alargou no tempo.

Meu amigo sr. Luiz Cedro, garantio-nos uma occasião, a mim e a dois ou a tres camarados, que, livros, elle lê quaesquer, para aproveitar... O assumpto era pamphleto do saudoso sr. dr. Armando Gayoso, que tem o ar, ao nosso ver, de folha sécca...

E Goethe não consola collegas de pequenos passos, essencialmente complacente: " — Não ha meu trabalho onde não reponte alguma coisa de bom"...

Piso dolorosamente em terreno gibboso; em Paris por volta de 1600 e tanto andaria no xadrez delicioso de suas ruas empestádas como o transeunte a olfacto de tisico, com uma flor no nariz. Faltam-me olhos de sympathia ás cabeças ordinarias. Nos mesmos casos, têm as mesmas receitas. Refujo ás suas seducções assim repetidas, tão eguaes entre si, com uma prevenção quente. Ao leitor que tamanha lealdade desconcerta, accrescento que o que me interessa, tenho grande "chance" de conserval-o somente por amor e consciencia. E por compra primetro de tempo a mim mesma para tel-o.

Arlequim, pretendendo vender uma casa, trazia como amostra sob o seu manto uma pedra. Ha espiritos subtis que de toda construcção se apropriam ao diabo de uma boa pedra sem embargo de tropeço ao carregal-a. Mas tal ponto abandono-o a esses espiritos subtis.

A melhor orientação nas leituras presumindo um systema de ideas, ou isto, apezar dos pezares: visões pessoaes; elementos de onde deriva toda a cultura, seu aguçamento; as verdadeiras leituras fazem-se pelas segundas leituras. Cada obra fecunda não mostra ao olho mais arguto seus valores profundos senão invadida intimamente. Tanto mais intensificada bout à bout *a analyse, tanto mais se condensa e serve. Viagem sul a norte, norte a sul de um paiz cujas differenças se apanham mas se comprehendem como por milagre. E que mesmo a ausencia de papeis regulamentares, auctorização de permanencia, não póde obstar.*

Isto é substancialmente moderno.

Dirijo-me aquelles para os quaes nada mais voluptuoso que a cultura intellectual como um objectivo e que sabel-a plasmar pura do que a compromette. E' voluptuoso a vontade.

Dirijo-me antes de todos a mim mesma.

Eu penso em Rainer Maria Rilke. Nos extranhos "Cadernos de Malte Laurids Brigge" em que escreveu a sua aristocratica calligraphia de casmurro: "Ah! qu'il fait bon être parmi des hommes qui lisent. Pourquoi ne sont-ils pas toujours ainsi?"

Os livros cáem dos espiritos como fructos, quintessencias os livros, quintessencias que elles serão sempre. As mais preciosas conversas, não n'os valem as mais preciosas conversas. São-nos mestres e são-nos companheiros — com o mais bello movimento: são pessoas que se aprimoraram para se apresentar a nós.

Como os livros afastam dos homens.

Os livros caem dos espiritos como fructos.

LUIZ DA CAMARA CASCUDO, DO INSTITUTO

SYLVIO RABELLO

Em Luiz da Camara Cascudo nada como a propria figura em toda a expansão. Viva, fortemente colorida, desembaraçada de amarras.

As idéas e as imagens correm nelle naturalmente, sem esforço suado. Um vasto armazem a sua cabeça. Não um armazem onde tudo está etiquetado, arranjadinho nas prateleiras. A cabeça de Luiz da Camara Cascudo é um armazem intransitavel — um bazar de turco. Os fixos seccos do Instituto Historico estão de permeio com as novas peças de seda ordinaria de Le Breton ou de Jean Cocteau — peças de seda para uso urgente. Não raro se encontra uma gravura barata — uma oleographia de qualquer rel de parede pobre, — dentro das paginas frementes de um livro de Walter Pater ou mesmo de um livro de horas ricamente illustrado por mão agil de frade medieval. Panellas de barro do regionalismo de Gustavo Barroso e de Leonardo Motta por cima das edições novas, cheirando a tinta fresca dos livros de Proust e de Claudel. A **Cathedral** de Blasco Ibanez ao lado do **São Francisco de Assis** de Chesterton. E por baixo de tudo, como um paradoxo vexatorio, as mais recentes theorias a fazer espirrar traças prateadas dos pesados e grossos volumes dos Institutos Historicos de todas as terras.

Tão embaraçoso bazar para a curiosidade intromettida que lá conseguisse penetrar é uma facil loja para o seu dono. Uma facil e surpreendente loja onde todas as coisas são apanhadas no momento opportuno, embora isso necessite de derribar rumas alarmantes de alfarrabistas já empalhados ou todos os volumes do prestante Doutor Cabanès.

Quem uma vez ouve a Luiz Cascudo admira-se da sua vivacidade em commentar e illustrar os mais banaes casos de rua. Isto sem vexame, sem snobismo de erudito para simples e incautas creaturas. Fica-se a pensar naquelle rico armazem admiravelmente sortido e arranjado na cabeça de Fradique Mendes...

Conversando, elle sabe trazer sempre esperta a attenção dos presentes. Para isso dá nervos ás expressões. Sacode os gestos, levanta-se, anda, puxa a fumaça do seu eterno charuto de palmo, a animar com os proprios movimentos as figuras e os factos do seu mundo. E bem cheio mundo o seu, de tons quentes a formarem as mais variadas phantasmagorias — um kaleidoscopio inquieto que dá novas imagens a cada novo movimento. Por isso interessa antes de tudo a figura. A figura solta. Os tiques. O traço pessoal. Não lhe terá faltado quem teceste a trama dos louvores ás suas qualidades de escriptor. Aos seus interessantes livros de critica literaria e de novella historica. Póde-se entretanto accrescentar mais. Alem das tabocas, nada fica dos estouros dos adjectivos que os foguetieiros do elogio costumam soltar. As tabocas...

Nunca se diz tudo de um homem. Sobretudo quando esse homem se renova sempre, com a facilidade com que certos palhaços mudam de physionomia. Luiz Cascudo é assim.

Não se póde estar seguro a seu respeito. Escorrega, escapole a todo juizo. E' um **jongleur** caprichoso que a um tempo pratica os mais complicados **numeros** de malabarismo mental.

De certo não irei ao extremo de dizer que dos contactos que tive com Luiz Cascudo resultaram lembranças deliciosas. Seria demais. Tem-se realmente lembranças deliciosas de um Joseph Conrad — desse homem estranhamente feito, como intellectual. E Paul Vallery não esconde o seu embevecimento quando fala dos ligeiros contactos com elle. Das approximações que deveriam conservar o ar duro das ceremonias. Era de um Conrad... De um Luiz Cascudo, por mais difficeis **passes** que consiga fazer, guarda-se a lembrança dos **passes** difficeis...

E entre parenthese vae dito que o nome do grande escriptor de Lord Jim veio parar aqui, por um motivo muito simples. Para começar bem. Começo pomposo... Aliás é muito do gosto de Luiz Cascudo essa gymnastica dos altos e baixos. Expondo não sei que juizo, disse elle um dia muito naturalmente: é essa a minha opinião; e a de Anatole...

Ha nos avêssos um sabor muito picante que satisfaz o paladar dos saboreadores de contrastes. Nesse arrepio do vulgar é que está o encanto das coisas.

Não foi em **decor** arranjado que pela primeira vez apertei a mão de Luiz Cascudo. Foi ha tres annos num segundo andar de hotel de ordem pouco definida. De uma das janellas via-se em baixo a ramalhuda gameleira do caes do Abacaxi. O grande kiosque, — retardatario de um Recife velho. E os grupos de carregadores de dorsos reluzentes no afan do descarregamento de mercadorias das barcaças acostadas ao cáes.

Achei-me em companhia de Lucilo Varejão a bater á sua porta. Delle sabia as coisas naturalmente exageradas que Lucilo me havia contado. Lucilo Varejão usa umas lentes de forte grão para os amigos.

—Você precisa conhecer esse grande Cascudo...

Fui conhecer o Luiz Cascudo. Em certa manhã, achámo-nos no seu apartamento do segundo andar do sobrado que olha para o cáes do Abacaxi. Deante de nós estava Luiz Cascudo. Estava deitado. Coberta por um vasto lençol vi-lhe apenas a cabeça e os pés que estavam inexplicavelmente sujos de barro. E por notar gente estranha não apressou os movimentos. Continuou deitado. Estirou-me a mão com simplicidade. E sem nenhum protocollo entrou a conversar como velho camarada. Contou o seu fracasso de estudante de medicina no Rio e os novos projectos de curso juridico. Dahi para a literatura era um passo. E foi. Falou de livros. Dos alheios e dos proprios. De autores. De anecdotas.

Contou as suas proezas nos meios intellectuaes do Rio. As suas relações ennumerou-as todas. E' um forgicador de relações. São tão variadas que desmentem assim aquella historia de espelho e de reflexo em amigos — historias tolas de Nestor Victor. De pé, vestindo-se, agitando os braços, falou da origem da sua familia. Do seu parentesco com D. João da Camara. Confessara por signal, ter usado um imponente **Don** antes do seu nome christão, — Don que de uma feita escandalizara o salão do garboso sr. Gustavo Barroso, annunciado em voz alta pela bocca do creado...

Falando, sentiamos que lhe faltava espaço para os gestos livres. Esbarrava de vez em quando com uma mesa onde se erguiam intrepidamente pilhas de brochuras. Eram as obras completas do prof. Netto Campello. Então Luiz Cascudo mostrou-nos as dedicatorias. Expressivas dedicatorias. Muito cordeaes. Muito amigas. Era Luiz Cascudo um forgicador de amizades...

Como nesse tempo estivesse eu a interessar-me pelos **humouristas**, foi o meu amigo recente a um bahu', e de lá das suas profundidades extrahiu um volume de Tackeray, aconselhando-me a sua leitura. Era o **"Livro dos**

O vaticinio da velha cigana

JOÃO PUGLIESI

Conta a lenda que, quando eras muito pequena e não sonhavas o destino radioso da tua alma, uma velha cigana tomou-te a dextra, olhou-te os olhos bem no fundo, e disse, a voz morrendo na bocca desmaiada:

— Vais crescer entre rithmos de belleza e harmonias eternas. No dia em que ficares grande, e te tornares moça, os homens todos se ajoelharão a teus pés e te gritarão hosanas e alleluias. Serás rainha. E em teu louvôr os mundos se enfeitarão de flores maravilhosas. E os passaros cantarão, em festa, as cantigas mais doces que Deus lhes ensinou. E o sol terá mais pompa. E a lua, branca, dar-te-á suavidade e meiguices que ninguem nunca teve. A tua belleza viverá nos versos ardentes dos poetas e no coração de nobres e valentes cavalleiros. Dominarás. Outros reis magos virão de muito longe para te offertar o oiro, o incenso e a mirra do seu culto apaixonado. As mulheres te odiarão. E quando passares, esplendendo á luz dos teus olhos de maga, ellas, medrosas do teu fulgor, esconderão, de inveja, o rosto entre as mãos.

Diz a lenda que, neste ponto, a velha cigana deixou de falar. E só no fim de pausa demorada, a pythonisa, os olhos alevantados para o céu, murmurou, suspirando:

— Minha filha, o mundo é máu. Os homens são máus. Faze de tua vida um exemplo. Educa-te nos conselhos de teus pais. Sê como elles. Nasceste de uma arvore que apenas dá bons frutos e que sempre distendeu os galhos mais viçosos para acolher as almas fatigadas e boas. Segue-lhe a trilha gloriosa. Detesta a inveja. Odeia o odio. Foge da ambição e da vaidade desmedida. A vaidade é um bem. Mas applicada em excesso, é um vicio. Todos os vicios são peccados. Ama. Não se prescinde do amor. As almas que não amam perdem o frescor e se estiolam e morrem. O amôr é a alma das almas. Dá-lhe mais viço e mais gloria. Ama, porém, com serenidade e com prudencia. E serás feliz, por fim.

Eu o desejo e quero. A sibyla se foi. Fóra, a tarde morria na agonia rubra do sol. Havia quietude no ar parado. E paz no céu. Tu choravas na innocencia de tua meninice.

Annos passaram. Cresceste. Ficaste moça. Realiza-se a predição da sacerdotiza de Apollo. Estás linda. Tão linda que o mundo inteiro se curva diante dos teus olhos de maga. Tão linda que o sol te vem pedir, todas as manhãs, um pouco de luz para accender a terra.

Anoitece. Espio a rua. Lento, grave e triste, vem vindo uma cigana. Estendo-lhe a mão que treme:

— Tens um grande amor na alma. Sê feliz. Eu o desejo e quero.

Partiu. Dentro da noite, lento, grave e triste, o seu vulto era um mysterio.

LUIZ DA CAMARA CASCUDO, DO INSTITUTO

(Conclusão)

snobs em horrivel edição popular portugueza.

— Esplendido livro — dizia. Você verá o processo de Tackeray. Leia!...

Tomei o Tackeray. Ia conhecer o processo de Tackeray, lendo o **Livro dos Snobs** em ordinarissima edição popular portugueza!

— Um pouco pesado, vagaroso, esse Tackeray...

Saimos. Na rua, Luiz Cascudo pareceu-me no seu natural ambiente. O chapeu desabado, um collete côr de gema de ovo e umas polainas brancas. Um enorme charuto a fumegar. E pelas calçadas da rua do Imperador, andando pesadamente, lembrava longe o João do Rio dos ultimos tempos, já excessivamente barrigudo.

De outras vezes encontrei-o. Sempre uma novidade — um collete de côr gritante, um monoculo impertinentemente entalado no olho, uma gravata da Regencia —fazia desse Luiz Cascudo um homem differente, como nem todos os dias se encontra no cinzento monotono das ruas. E pelas attitudes estranhas em que algumas vezes o vi, impossivel seria medi-lo pela craveira commum. Luiz Cascudo foge a todo intuito de classificação. Não ha uma ordem a que elle se possa enfileirar. E se o tentasse, logo estaria elle a mexer-se. A quebrar a linha rigida da sua ficha.

Em certa tarde, companheiros de um mesmo bonde, voltavamos de Olinda. Na praça Maciel Pinheiro saltámos. E pela interminavel escada de um sobradão formulava uma maneira de apresentá-lo ao Queiroz Lima. Lá para o terceiro andar, num pequenissimo apartamento Luiz Cascudo fez-se apresentar, falando e gesticulando. E dahi a entrar na mais estreita intimidade foi rapido. Pediu cigarros. Mexeu num monte de livros. Dois ou tres separou. Ia lê-los. Em dado instante voltou-se para o Queiroz Lima empunhando uma brochura de capa vermelha. No meio daquelle amontoado de romances francezes e inglezes, de ensaios, de historia, de theatro, apanhara as **Grilhetas** de Albino Forjaz Sampaio! E por isso o agudo senso de Queiroz Lima teve de receber insultos desnorteantes. Pela tarde adeante e pela noite, sempre juntos, mostrou-se Luiz Cascudo a encantadora creatura que é.

Não impedia esse cavaco com gente nova de ir Luiz Cascudo no dia seguinte ao Instituto Historico e lá tratar com o prof. Netto Campello e o secretario perpetuo sr. Mario Mello de coisas archeologicas. E com a mesma segurança que rebatia, esplantava, esmiuçava questões de historia — a indumentaria das Donas da primeira Regencia, ou um detalhe mal fixado de uma pagina do **accurate** Koster — Luiz Cascudo falaria dos illustradores de Wilde, de um Beardsley agil e fino, ou da caprichosa viagem do lycanthropo até chegar ao nosso **lobis-homem** assombrador...

Talvez seja isso uma **tradiquice** que maldizentes relegariam para plano secundario. Mas no nosso Brasil tão melancolicamente favoravel á ignorancia, não é uma louvavel excepção ter-se um cerebro bem mobiliado? Note-se que Luiz Cascudo não é apenas um passeador despreoccupado. Não trata de historia, de folklore, de literatura por mero gosto de **flaneur,** para quem esses assumptos são um prazer de cançados da mesmice quotidiana. Luiz Cascudo é um trabalhador assiduo. As **"Historias que o tempo leva"**, com a reconstrucção de um passado que elle soube salpicar de leveza, sem falsear nas vigas-mestras do **facto** — são um trabalho de methodo, de fixação apurada. Esse outro livro **"Joio"** em que reune pedaços mais ou menos improvisados de commentarios para **"A Imprensa"**, de Natal, os seus annunciados livros de motivos regionaes — de tentativa de literatura accentuadamente brasileira, são a prova do labor de um espirito assentado, de ordem, na sua edade de contornos fluctuantes.

Justamente os seus dois ultimos livros estive a folhear. Reli algumas paginas. Detive-me a pensar naquella cauda do seu nome: as varias associações a que pertence — quatro ou cinco institutos nefastos...

Outro máu gosto é ter-se abrigado ao manto protector de um prefacio de Rocha Pombo — desse paciente e laborioso Rocha Pombo que anda a fazer com os dados esparsos da Historia do Brasil uma apreciavel obra de coordenação. Desnecessario esse prefacio em que o velho Pombo diz que Luiz Cascudo se filia á estirpe espiritual de Alvares de Azevedo e outras clamorosas mentiras e logares desoladoramente gastos por um seculo de maus escriptores.

E' assim Luiz da Camara Cascudo. Surprehende pelo subito **bouleversement** das attitudes. Com o mesmo enthusiasmo escreve as vivas paginas **"Viados de Santo Huberto"** e lá depois um louvor descompassado do cavalheiro portuguez Sr. João Grave. Decepciona. E' o mesmo homem que numa cidade asphaltada fala largamente de Tackeray com os pés inexplicavelmente sujos de barro...

"FIANDEIRA"

(Ouvindo Bogumil Sykora, na "Fiandeira" de Popper)

Ah! Fiandeira do meu Sonho, fiandeira
subtil, das Illusões da minha Vida!
Fia, com o teu Amor, mas fia de-vagar!

—Vês?— A Vida é ligeira,
e sem tua Chimera balsamica na Vida
tudo seria tortura e soffrimento!
Fiandeira:
—não deixes de fiar, um só momento,
—não deixes numca de fiar!...

Fia para a Illusão de um Amor espiritualisado!
Fia para a Illusão de uma Gloria inaccessivel!
—Fia, para mim, uma Eterna Illusão,
a sorrir... a cantar...

Fia, minha fiandeira querida,
mas fia de-vagar,
o meu Amor, a minha Gloria, - o meu Praser!...
—Perfuma com a essencia ideal da tua Vida,
toda a minha Vida,
e morre depois, commigo, quando eu morrer!...

Abril 926.

Góes Filho.

AO POETA
GÓES FILHO
EM HOMENAGEM
JUNHO-926. PEDRO STRONG

Um optimo elemento de combate á tuberculose

A escarradeira hydro-automatica virá offerecer um optimo elemento de combate á peste branca.

E' mais do que sabido que a fonte primordial do contagio da tuberculose é o escarro pela grande quantidade de germens que encerra.

O escarro, principalmente no interior das habitações, onde os germens encontram todas as condições favoraveis ao seu pullulamento, taes como, a humidade, a obscuridade, a materia organica, e são sómente desalojados de habitação favoravel para outro ainda melhor, o organismo humano, para onde são levados pelas poeiras desprendidas pela vassouragem diaria, constitue um grande perigo, mas não se podia obrigar a população a acabar com o máo e pernicioso habito de escarrar no chão, emquanto não houvesse um systema perfeito para a collecta e destino do escarro. Os antigos typos de escarradeira não servem, e são com razão desprezados pela maioria das pessôas asseiadas, que preferem se privar do uso de apparelhos tão asquerosos.

Não garantem, como já mostramos, uma bôa collecta dos escarros que são com frequencia projectados fóra do vaso, mas mesmo quando tal não se desse, offerecem o enorme perigo da contaminação no momento em que são lavados.

A escarradeira de limpeza automatica com tampa e jacto d'agua movida a pedal, é o que ha de mais hygienico pois a collecta e remoção do escarro para o esgoto é immediata sem nenhuma intervenção manual.



TYPO PAREDE

Escarradeira HYGÉA

PATENTE Nº 14698

LIMPEZA AUTOMATICA

A MAIOR CONTRIBUIÇÃO PARA O COMBATE A TUBERCULOSE

APPROVADA PELO D.N. SAUDE PUBLICA

E' encontrada em todas as casas de ferragens, artigos sanitarios e cirurgia



TYPO CENTRO

OLINDA

Cidade-Capital da Archidiocese Olindense, antiga capital da ex-capitania de Pernambuco, e séde do municipio a que empresta o nome.

Historico. —Foi fundada pelo 1.º donatario de Pernambuco, Duarte Coelho Pereira, que a sua Capitania, doada no anno anterior, por D. João III, aportou em 9 de Março de 1535, acompanhado de sua mulher D. Brittes de Albuquerque, de seu cunhado Jeronymo de Albuquerque, e outros membros da familia, e de varios fidalgos seus parentes e amigos dando então principio á povoação.

Em 1537, por alvará de El-Rei D. João III foi elevada á categoria de villa e freguezia, e a 12 de Março do mesmo anno firmava o donatario o foral da Camara de Olinda concedendo-lhe o respectivo patrimonio.

E Olinda prosperava rapidamente a ponto de, segundo Fr. Raphael de Jesus, em breve tempo contar-se na villa com .. 700 visinhos. Da época da fundação da villa é a primitiva egreja da invocação de S. Salvador, depois chamada Sé e cathedral do bispado; e tambem a de Nossa Senhora do Monte que até vem mencionada no foral alludido.

Em 1630 teve logar a dominação hollandeza, que só havia de terminar 24 annos mais tarde, após gloriosa lucta que não cabe aqui estudar.

Volta a paz a todos os lares, vem novamente o desenvolvimento, que havia cessado, para dar logar á destruição. Olinda se reedifica aos poucos e goza outra vez dos fóros de Capital.

Ahi residiam os governadores e todas as autoridades. Seus edificios são reerguidos seus templos e conventos são reparados e reconstruidos. Mas o progresso é mais tarde vagaroso, porque o Recife, que se tinha povoado e desenvolvido no tempo dos invasores, continuava a crescer; a sua proximidade da velha capital e seu porto já eram um estorvo ao facil progresso della. Além disso alguns governadores portuguezes, entre os quaes salientemente figuram Jeronymo de Mendonça Furtado, conhecido por Xumberga de Miranda Henriques, D. Pedro de Almeida, João da Cunha Souto Maior, D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre e Sebastião de Castro e Caldas, tinham manifesta má vontade aos pernambucanos e sobretudo aos Olindenses.

A origem disso foi porque o rei D. João IV, grato aos heróes da restauração, que tinham com os proprios esforços reivindicado para Portugal todo o territorio conquistado pelos hollandezes, concedeu aquelles quantos privilegios pediram e desejaram. E se entregando nos braços da nobreza, que era a descendencia dos povoadores da capitania, desde logo foi a mesma senhora da administração, gozando por isso a capitania de Pernambuco de prerogativas e immunidades que nenhuma outra do Brasil tinha. Os primeiros governadores mesmo que se seguiram á restauração, foram escolhidos de preferencia dos que haviam servido na guerra hollandeza, notando-se entre elles André Vital de Negreiros, duas vezes, D. João de Souza, e o historiador Britto Freire, sendo que os substitutos vinham sempre de accordo com o Senado da Camara, representação directa da nobreza pernambucana, cuja séde principal de residencia era Olinda.

Ainda outra caracteristica de semelhante differencia real— foi o caso da prisão, na tarde de 31 de Julho de 1666, quando em passeio, e acompanhado de suas ordenanças, passava pela rua de S. Bento, do governador Jeronymo de Mendonça Furtado. Arbitrario, violento, despotico, deshonesto, e cheio de desattenções para com os pernambucanos, estes, offendidos em seus brios, resolveram prendel-o em satisfação dos aggravos recebidos.

E de facto, levaram a effeito por accordo de todos e execução de André de Barros Rego, recolhendo-o ao forte do mar, com guarda á vista até o embarque para Lisbôa seguido do summario de seus crimes.

Nomeou então o Senado da Camara, para substituir ao governador deposto, uma junta de tres membros, e depois como governador interino a André Vidal de Negreiros, approvando el-rei todos esses actos e sem nenhuma advertencia ao Senado, siquer mas até confirmando a nomeação de Negreiros. Nesse tempo os habitantes do Recife, povoação já bastante crescida e habitada pelos portuguezes mercadores e mascates, dirigiram duas representações a el-rei, no sentido de ser a mesma eregida em villa, sendo ambas indeferidas, porque o Senado da Camara informara contra.

No reinado de D. Pedro II, egualmente devotado aos pernambucanos, renovam-se as petições no mesmo sentido, e, apezar das favoraveis informações dos governadores, mallogravam-se as tentativas, sendo que por fim aquelle rei indefere uma dellas, com a declaração de que nunca mais tão absurda pretenção se renovasse.

D. Pedro II, em 1676, tendo creado o Bispado e nomeado o seu 1.º bispo, concede á villa de Olinda as honras de cidade. A carta régia de 4 de Junho de 1675 determinou que a residencia dos governadores e ouvidores fosse naquella cidade, talvez devido á reclamação do Senado da Camara. A influencia da nobreza que fazia desapparecer a preponderancia do dinheiro dos mascates longe de fazel-os arrefecer em sua empreza mais os levava a procurar a realisação de seus interesses. E assim iam corrompendo quanto podiam os governadores gananciosos que se esqueciam de seus deveres, e sem escrupulos e arbitrarios tudo faziam para se enriquecer, como foram João da Cunha Souto Maior e D. Francisco Mascarenhas Lencastro. Apesar de tão podarosos auxiliares nada conseguiram do reinado de D. Pedro II.

Morto, porém, esse monarcha, e occupado o throno portuguez por D. João V, sendo Sebastião de Castro e Caldas o governador de Pernambuco, de cujo cargo tomara posse, em 9 de Junho de 1707, tudo ia mudar para a nobreza olindense.

Avaro, escandaloso e sem escrupulos, elle cuidava unicamente em enriquecer, e desde logo, entregando-se a toda sorte de especulações, alliou-se ao partido dos mascates, que o attrahiram. Desde então não perdeu ensejo de servil-os e de contrariar, até á violencia, aos do partido opposto. O Senado da Camara era-lhe um obice immenso, em tudo quanto podia impedil-o de praticar irregularidades. Pois bem, não trepidou em invadir as attribuições daquella corporação e as de outras autoridades da Capitania, não ligando importancia ás leis e provisões régias existentes; e toda a sorte de absurdos, excessos e despotismos commetteu. Logo ao iniciar de sua administração o mesmo Senado da Camara representou a el-rei contra os criminosos actos do governador, e o monarcha pela carta régia de 7 de Outubro de 1709, mandou, em expressões bastante asperas extranhar-lhe o procedimento.

E assim, francamente aberta a lucta entre os pernambucanos e o governadorrenovou-se nos mascates a idéa da creação da villa do Recife, tantas vezes abortada.

Elles, pois, endereçam ainda nova petição a el-rei, que enviada por intermedio do governador Caldas, e por este favoravelmente informada, tem deferimento. Assim, pela carta régia de 19 de Novembro de 1709, é o Recife elevado á categoria de villa, autorisando a mesma carta régia ao governador fazer erigir o pelourinho e de assignalar á nova villa os limites de accordo com o ouvidor, dando o juiz de fóra audiencia, alterna-

OLINDA

(Continuação)

tivamente, em Olinda e no Recife.

Na divisão do termo o governador e o ouvidor José Ignacio Arouche discordaram inteiramente: este queria que o termo da nova villa comprehendesse sómente o que então demarcava a freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves (hoje esse territorio corresponde ás do Recife, Santo Antonio, S. José e Afogados), sufficiente para manter a mesma villa: aquelle, porém, era de opinião que o termo reunisse as freguezias do Cabo, Ipojuca, e Muribêca.

Os recifenses ou mascates como chamavam os de Olinda, por serem mercadores, festejavam a opinião do governador; mas os Olindenses applaudiam o ouvidor, e até affirmavam que o governador estava vendido aos mesmos mascates. Então estando os factos nesse ponto, o governador intimou ao ouvidor Aroucha, ou consignar o termo á villa, de accordo com a sua vontade, ou a desistencia do cargo que occupava; resolvendo o intimado pela ultima hypothese, e sendo substituido pelo juiz de fóra Dr. Luis de Valenzuela Ortiz, passando aquelle a exercer o officio de tombador, cuja provisão régia já possuia. Dividido o termo ao desejo do governador, este, certo do grande e manifesto desagrado dos nobres de Pernambuco, julgou prudente mandar lavrar em segredo as pedras para o pelourinho, que foi erguido durante a noite de 3 de Março de 1710, de modo que ao romper do dia estava a povoação feita villa, com a invocação de Santo Antonio do Recife. Este facto causou ao Senado de Olinda tanto resentimento e indignação que seus membros se dirigiram ao palacio do governador a protestar contra, chegando um vereador a dizer-lhe, n'um arrebatamento de colera "que se havia o mesmo governador podido erguer o pelourinho, podiam elles derribal-o".

Levado de paixão o governador prendeu-o, e começou a mandar lançar em rigorosas prisões alguns individuos das principaes familias, como Leonardo Bezerra Cavalcanti, seu irmão Manoel Bezerra Cavalcanti, Luiz Barbalho de Vasconcellos, seu primo Manoel Barbalho Feio, Affonso de Albuquerque Mello e outros indispondo cada vez mas os animos contra elle.

E, a lucta travada o plano concertado pelos descontentes foi verem-se livres do despota governador. Na tarde de 17 de Outubro, quando elle, tendo sahido da igreja da Penha passava, acompanhado de 25 individuos, pela rua das Aguas Verdes (Lomas Valentinas hoje), é ferido por um tiro partido de uma daquellas casas. Furioso, prohibiu na capitania o uso de armas, e mandou prender a todos aquelles que considerava hostis, e, nomeadamente, a André de Figueiredo, Pedro Ribeiro da Silva e Lourenço Cavalcanti Uchôa. O signal de Alarma estava dado, a lucta aberta feita a revolução.

O capitão-mór Pedro Ribeiro da Silva começou por atacar e aprisionar ao capitão João da Motta, encarregado de prendel-o, sublevando-se suas tropas e fraternisando com ellas outro reforço do resto das da capitania, enviadas pelo governador. O mesmo aconteceu com as tropas dirigidas por Placido de Azevedo. Os revoltosos então, a 7 de Novembro, em numero de 2.000, depois de terem, á noite, feito alto em Apipucos, chegam á Bôa-Vista na manhã de 8. Bernardo Vieira de Mello e outros se reunindo ao capitão-mór Pedro Ribeiro da Silva, no domingo 9, triumphantes, penetram na villa, lançam por terra o pelourinho, e esbordoam os mascates do senado, fazendo fugir espavorido para a Bahia, n'esse mesmo dia, o governador Caldas.

Acephala e sublevada a capitania, tratou-se pois de se lhe dar o chefe; e, na segunda-feira, 10 de Novembro, em Olinda, reunidos o senado e a nobreza, convocados para resolver a questão, entram os revoltosos que alli são recebidos. Tomando parte n'essa sessão o capitão-mór Bernardo Vieira de Mello propõe:—"para que se declare a capitania em republica ad instar de Veneza, e mostrando que a capitania tinha recursos para sua independencia, lembra ainda, como prova, —os Palmares, concluindo que, si por desgraça não tomassem tal deliberação, se entregassem aos polidos e guerreiros francezes."

Depois de longa discursão em que foi considerado audacioso e temerario o projecto foi deliberado ser chamado ao governo o bispo D. Manoel Alvares da Costa, que estava na Parahyba, visto ser a quem competia a substituição, em segundo lugar, porquanto era fallecido o primeiro individuo indicado na ordem régia. O bispo, apenas avisado, não se fez demorar, e a 15 de Novembro tomou posse da capitania, sendo um de seus primeiros actos, em nome de seu soberano, conceder o perdão a todos que de qualquer modo estivessem compromettidos no movimento, confirmado esse perdão pela carta régia de 2 de Junho de 1711.

Quasi nove mezes decorrerãm sem que nenhum successo viesse perturbar seu governo, e aguardava elle a calma completa dos animos para se occupar da creação do novo municipio do Recife, quando a 18 de Julho de 1711, os mascates consumaram no Recife, achando-se ahi o bispo no collegio dos Jesuitas, uma revolta de parte da tropa, pretextando queixas de que o sargento mór Bernardo Vieira de Mello queria proclamar-se governador. Este foi surprehendido em sua casa pelos revoltosos que, em altos brados, pediam sua morte; sendo-lhe disparados dous tiros no momento em que chegava á janella para observar, aquelle tumulto não o attingindo felizmente; e seria morto, com certeza, si não tivesse vindo em seu soccorro o tombador Dr. José Ignacio Arouche, que se responsabilisou pelo mesmo Vieira, conduzindo-o á prisão. Passaram como chefes principaes dessa insurreição, diz o Visconde de Porto Seguro, um Dom Francisco de Souza e varios recolectos da Madre de Deus, que a isso se prestaram; porém os verdadeiros autores foram commerciantes, tendeiros e caixeiros, filhos de Portugal e estabelecidos no Recife, que, entre si, se fintaram, no valor de uns setenta mil cruzados, para as despezas da revolta.

Uma exposição da Camara de Olinda ao soberano indicou a distribuição de varias parcellas desta somma, o revelou escandalos, sem calar nomes, pelos mascates foi o bispo forçado a assignar, em 19 de Dezembro, uma circular dirigida aos habitantes da capitania, desculpando a insurreição, dando Bernardo Vieira, que ficava preso como a causa d'ella, recommendando a paz, promettendo o esquecimento do passado, e ordenando que não impedissem a vinda de mantimentos para a praça. Expedida a circular, os de Olinda, desde logo, resistiram não aceitando-a, e o bispo, que entre os mascates sob o pretexto de decoro á sua pessôa, estava guardado por 150 soldados, na primeira occasião facil que teve (e foi esta a 21), passou para os pernambucanos, embarcando com o Dr. Arouche, n'um escaler e reassumindo em Olinda as funcções de governador. Immediatamente intimou-os á obediencia que lhe era devida, e os do Recife, resistindo-a quatro vezes consecutivas, proclamaram seu mandante ou governador intruso e capitão João da Motta, que se dispoz a combater qualquer ataque. Tambem em officio o mesmo bispo fez sciente as camaras de toda a capitania de modo como elle coa-

OLINDA

(Continuação)

cto assignara a circular que lhe apresentaram os mascates.

Mas, chegando os acontecimentos ao ponto de ser preciso o emprego das armas, o bispo não só em vista de seu sacro officio, que não permittia envolver-se em operações bellicas, como tambem, talvez, por segurança pessoal, ou porque mesmo não tivesse julgado que os factos se aggravassem a tal ponto, desobrigou-se das responsabilidades ulteriores, renunciando o governo civil da capitania, que ficou entregue ás pessoas do ouvidor Dr. Luiz de Valensuela Ortiz, do mestre de campo Christovão de Mendonça Arraes, e ao Senado da Camara de Olinda, composto do coronel Domingos Bezerra Monteiro, do capitão Antonio Bezerra Monteiro, e do procurador Estevão Soares d'Aragão.

Esse governo, desenvolvendo a maxima actividade, immediatamente chamou a postos todos os capitães-móres da capitania com os terços de suas ordenanças, e mandou sitiar o Recife. As forças do assedio foram divididas em arraiaes ou estancias, cabendo como chefe das forças armadas o arraial dos Afogados, que comprehendia a Barreta, ao capitão-mór João de Barros Rego; e da Bôa Vista e logares annexos, ao capitão Carlos Ferreira; o de Santo Amarinho ao capitão Mathias Coelho e os presidios da Tacaruna e Carreiras de Mazombos, ao tenente José Tavares de Hollanda e ao sargento mór Domingos Gonçalves Freire.

Convindo aos do Recife, de preferencia a qualquer outro ponto, ter desimpedida a Bôa Vista, com o maior empenho, 27 de Junho, deram a esse posto um assalto e, surprehendendo seis homens que estavam descuidados, os prenderam e conduziram.

A 19 de Julho uma força dos mascates de 300 homens, investe contra o presidio de Santo Amarinho, guarnecido por 40 homens, morrendo então em sua defeza seu valoroso commandante, Manoel Nunes, e mais cinco defensores, sendo o prejuizo do lado contrario de 9 mortos e de 17 feridos. Tres dias depois accommettem, com maior força, e em lanchas canhoneiras, á Barreta, se retirando com a perda de 11 mortos além de tres dos do forte, segundo diz Porto Seguro, incluindo nesse numero o sargento-mór Fernão Bezerra Monteiro. Com as continuas victorias, obtidas mostram-se os mascates cada vez mais audazes e arrojados, e assim a 7 de Setembro elles tentam romper o assedio com uma força de 400 homens, que distribuem 200 para o arraial dos Afogados, e outro tanto indo occupar a ilha de Joanna Bezerra. Deixam o campo fazendo fogo em retirada até se recolherem ao abrigo de sua artilheria, perdendo nesse assalto os pernambucanos, além do alferes Antonio Bezerra, dous homens, tendo 4 feridos; e da parte dos mascates morreram 7, sendo aprisionado um crioulo dos Henriques, ferido por bala em um dos braços.

Nessa perturbação incessante, de continuas correrias e investidas, ia o Recife, com um sitio que durava já tres mezes, quando a 6 de Outubro appareceu á vista de terra a frota que trazia a seu bordo, para Pernambuco, o novo governador, Felix José Machado de Mendonça.

Immediatamente mandou o bispo, por um jangadeiro, expor-lhe por carta, as condições da capitania, desculpando-se de não ser o enviado pessoa respeitavel, por falta de conducção, visto que os do Recife estavam na posse de todas as embarcações.

Mas João da Motta foi mesmo em pessoa á bordo; e, fazendo seus protestos de sinceridade, accrescentava que a sua presença alli, ás mãos e sob a justiça do governador, era a prova mais verdadeira do que asseverava.

Entretanto, Machado em vista da missiva do prelado ordenou a João da Motta, que, no mesmo instante, lhe entregasse as fortalezas e toda a administração, pois que de direito a elle cabia, e de cujas mãos unicamente receberia o governo. Apezar de descontentes com semelhante ordem, os mascates a cumpriram.

No dia 8, o bispo no governo, desde logo mandou soltar a Bernardo Vieira de Mello, ao mestre de campo e aos mais que tinham sido presos por Sebastião Pinheiro Camarão, oppondo-se ao levantamento do sitio do Recife, a nobreza, infantaria e moradores até que os mascates fossem presos ou castigados, cedendo por fim, pela intervenção e instancia de D. Manoel Alvares.

Nesse mesmo dia o novo governador entrou no Recife, e tomou posse, sem opposição alguma, restabelecendo-se a paz. De lado a lado seguiram-se festas e a todas o governador esteve presente, não obstando isto que depois se deixasse seduzir pelos seus patricios, por quem se mostrava dia a dia mais inclinado.

Apezar das objecções, em um manifesto offerecido pelo Senado da Camara de Olinda, o novo ouvidor, João Marques Bacalhau, que viera com o governador, em 18 de Novembro de 1711, mandou, erigir o pelourinho, fazendo pelouros no dia seguinte e se abrindo a 21.

Então já francamente devotados aos mascates o novo governador e seus ministros, dentre em pouco o mesmo ouvidor começou a perseguir o partido aristocratico, tratou de tirar devassa contra os dous levantes, apezar de perdoado o primeiro pela confirmação do rei de Portugal, e o segundo pelo governador geral na Bahia, D. Lourenço de Almada.

Desde logo como delinquentes, e por segurança, antes de conhecida a devassa, que concluida arrolou 19 culpados, em 17 de Fevereiro de 1712, foram presos o coronel Leonardo Bezerra Cavalcante e alferes André Bezerra de Mello e no dia seguinte os filhos do primeiro, Cosme Bezerra Cavalcante e Manoel Bezerra Cavalcante sendo todos algemados e mettidos numa das fortalezas da villa.

A 19 entrou preso, e tambem algemado, no forte de Mattos, o capitão João de Barros Corrêa. Em 27 publicou o governador Machado um bando mencionando como pronunciados por inconfidentes, o capitão André Dias, e sargento-mór Bernardo Vieira de Mello, os capitães-móres João de Barros Rego e Mathias Coelho Barboza, o capitão Cosme Bezerra Cavalcante (irmão do coronel Leonardo), Mathias Vidal de Negreiros, commissario geral Manoel de Barros Rego, José Tavares de Hollanda e o sargento-mór Sebastião de Carvalho e André, offerecendo naquelle bando um premio a quem os descobrisse e ameaçando de castigar aos que acobertassem.

A 27 de Março chegou preso á villa, pelo capitão-mór José de Barros Pimentel, o sargento-mór Bernardo Vieira de Mello, sendo recolhido á fortaleza do Brum, onde, além de algemado, foi mettido a ferros. E por fim esse governador, para completar sua obra da mais infrene perseguição aos pernambucanos chama ao Recife os ouvidores da Parahyba, Jeronymo Corrêa do Amaral, e de Alagôas, José Soares da Cunha, para que, juntos com o ouvidor João Marques Bacalhau e o Juiz de Fóra Paulo de Carvalho, constituidos um tribunal de relação, condemnassem á morte os presos; chegando a infamia do procedimento e empenho, ao ponto de ser offerecido ao ouvidor das Alagôas .. 3.000 cruzados, por seu voto, conforme depois elle certificou com juramento, nada sendo con-

OLINDA

(Continuação)

seguido pelos interessados, porque aquelles dous ministros retiraram-se para seus districtos, sustentando terem incompetencia, inclusive o proprio governador em chamal-os.

Então, a 25 de Julho do sobredito anno de 1712, o mesmo governador fez partir para Lisbôa, n'uma frota, todos os presos.

A 18 de Junho do seguinte anno, em vista de intimação para se afastar cem leguas da cathedral, deixa o bispo o Recife, e segue para a villa de Penedo, á margem do S. Francisco; e em 30 de Junho de 1714, tambem obrigado, embarcou para Lisbôa, o tombador José Ignacio Arouche, terminando inteiramente em 1715, com a chegada, em 29 de Maio, do outro governador D. Lourenço de Almeida, esses actos de caniballismo e selvageria, de uma época, sem duvida, para Pernambuco, conforme se expressa Porto Seguro, peior que a mais despotica do dominio hollandez.

Apezar da carta regia de 4 de Junho de 1678, que determinava a residencia dos governadores e ouvidores na cidade de Olinda, a partir da guerra dos mascates e da administração de Felix José Machado por diante, todos os governadores ficaram residindo no Recife, onde anteriormente iam e se demoravam somente emquanto despachavam os navios que voltavam para Portugual.

Dahi começou o Recife a ser a Capital de facto, emquanto que Olinda era a de direito, e tornava-se decadente.

Quem estudar, mesmo ligeiramente, a vida das duas localidades, daquella data por diante, encontrará Olinda em tudo crescentamente absorvida pelo Recife.

O erario publico, a força militar e todos os elementos de governo e da administração, tinham sua séde nessa villa cuja creação custava uma luta tremenda de sacrificios de vidas e de fortunas.

Nas duas revoluções, por exemplo, de 1817 e 1824, o Recife foi o principal theatro de tudo entretanto que em Olinda capital, quasi que somente accidentalmente se falla.

Em 19 de Janeiro de 1805 a Camara de Olinda solicitara de rei a creação de um tribunal da Relação da capitania, e, attendida, muito tempo depois, a 13 de Agosto de 1821, o Tribunal se installou na então villa do Recife, e não na capital.

Contra isso o Senado da Camara dalli, em 18 de Setembro do alludido anno, reclamou o governador Luiz do Rego Barretto, allegando suas prerogativas de capital e pedindo a trasladação do mesmo, do Recife para lá.

Não attendida pelo governador, faz outra representação ás côrtes constituintes de Lisboa.

Tomando conta da administração da provincia a Junta do Governo provisorio, da Camara de Olinda representa-lhe ainda em egual sentido, nada adiantando a resposta que lhe deu a mesma Junta.

Então, em 29 de Dezembro de 1825, o presidente José Carlos Mayrink da Silva Ferrão baixou uma portaria considerando temporariamente a cidade do Recife a capital de Pernambuco.

Olinda, reclamando outra vez contra esse acto da presidencia, que de todo a despoja das suas honras, dirige-se ao imperador Pedro I, em data de 20 de Dezembro de 1826, implorando-lhe a manutenção de sua prerogativa de capital da provincia.

O monarcha decide, então, autorisando ao Conselho Geral da Provincia a resolver a questão. Este a termina, em sessão de 15 de Fevereiro de 1827, confirmando o acto temporario da Presidencia, datado de 29 de Dezembro de 1825.

Por muitos annos foi Olinda ennobrecida por uma Academia de Sciencias Juridicas e Sociaes, a qual deu ao Brazil multos homens eminentes e distinctos, e sendo inaugurada em 15 de maio de 1828 foi em 30 de maio de 1853 transferida para a cidade do Recife.

Eis os nomes dos primeiros bachareis formados em Olinda em 1832:— Affonso Cordeiro de Negreiros Lobato, Antonio Batista Getirana, Antonio Felippe Nery, Antonio Gomes Villaça, Antonio Gonçalves Martins, Antonio Henriques de Miranda, Antonio Joaquim de Albuquerque Mello, Antonio Joaquim Moteiro Sampaio, Antonio Luiz Dantas de Barros Leite, Antonio Manoel Fernandes Junior, Antonio Thomaz de Luna Freire, Bento Joaquim de Miranda Henriques, Bernardo Rabello da Silva Pereira, Caetano José da Silva Santiago, Eusebio de Queiros Coitinho Mattoso da Camara, Firmino Pereira Monteiro, Padre Francisco Antonio de Oliveira Rosellis, Francisco Borges de Figueiredo, padre Francisco Joaquim das Chagas, Francisco Joaquim Gomes Ribeino, Francisco de Souza Monteiro, Henrique Feliz de Dacia, João Antonio de Vasconcellos, João Antonio Vasconcellos, João José Ferreira de Aguiar, João José Ferreira da Costa, João Querino Rodrigues da Silva, Joaquim Franco de Sá, Joaquim José Ribeiro Frões, Joaquim Nunes Machado, Joaquim Ribeiro Frões, Joaquim Rodrigues de Souza, José Antonio Pereira Ibiapina, José Telles de Menezes, José Ferreira Souto, José Joaquim Geminiano de Moraes, Navarro, Lourenço Trigo de Loureiro, Luiz Soares Queiroz de Azevedo, Manoel Augusto de Faria Rocha, Manoel Joaquim de Sá Mattos e Manoel Teixeira Peixoto. Desses quarenta e um bachareis formados em 1832, dezoito eram de Pernambuco, onze da Bahia, dois de Alagôas, dois do Ceará, um de Minas Geraes, um do Rio Grande do Sul, um do Rio de Janeiro, um do Piauhy, um da Parahyba, um do Maranhão, um do Rio Grande do Norte, um de Portugal e um de Angola, o conselheiro Euzebio de Queiroz.

O alvará de 30 de Maio de 1815 creou Olinda comarca, dando-lhe como termo as villas de Goyanna, Iguarassu', Limoeiro e Pau d'Alho desmembradas do Recife. Em virtude da execução do Codigo do Processo e da Resolução do Conselho do Governo da Provincia de 29 de Maio de 1833, que dividiu o territorio de Pernambuco em comarcas, Olinda foi considerada termo annexo á comarca do Recife.

A lei provincial n.° 520 de 18 de maio de 1862 restabeleceu a comarca de Olinda, unindo-lhe o termo de Iguarassu', que foi desmembrado do Recife. De accordo com a lei organica dos municipios, de 3 de Agosto de 1892, no regimen da Republica constituiu-se autonomo em 10 de Janeiro de 1893, sendo eleito como seu primeiro governo administrativo: Prefeito, José Candido da Silva Pessoa,, Sub-prefeito— Dr. Manoel do Nascimento Ferreira Castro; Conselho Municinel José Joaquim Antunes, João biano da Silva Guimarães, Coronel José Joaquim Antunes, João da Matta Rêgo Leite, capitão João Augusto de Mello, capitão João Henrique de Albuquerque Mello, João Baptista das Chagas, Dr. Cicero de Vasconcellos Cesar, Dr. Ernesto de Aquino Fonseca, capitão Francisco Velloso de Albuquerque Lima.

Aspecto da cidade e natureza do solo do municipio— Situada á beira do mar, sobre os montes que formam a ponta do mesmo nome Olinda é banhada ao sul e sudoeste pelo rio Beberibe, e apresenta agradavel aspecto vista em distancia, sobretudo para os que a observam do mar, ou se approximam do porto do Recife.

O territorio do municipio, porém, junto a costa, no geral é sempre baixo e plano, e no inte-

O L I N D A

(Continuação)

rior ligeiramente ondulado de collinas. Segundo Vital de Oliveira, eis do mar, o que vê o observador nos meandros da costa do municipio de Olinda.

Mai_s de seis milhas por 12.º

Mais de seis milhas por 12.º uma ponta fina de areia, saliente, raza e coberta de coqueirō que denominam ponta do Janga, a qual forma uma pequena enseada do Pau Amarello. Toda essa parte da costa é baixa e areiada, muito povoada, notando-se egualmente varios coqueiraes. Bem proximo da egreja do Leitão vê-se do largo a egreja de Nossa Senhora do O' (latitude 7º 52'25" e longitude 6º 18'56" leste), situada na praia.

Perto de 800 metros ao norte da ponta do Janga está o pequeno povoado de Nossa Senhora dos Prazeres de Pau Amarello. A terra alta e de collinas fica um pouco mais pelo interior, e no littoral estão as duas povoações Nossa Senhora do O' e Pau Amarello. Quasi ligadas. — Com pouco mais de 6 milhas por 14º SO da ponta do Janga está a de Olinda a latitude 8º 0'50'' e longitude 8º .. 10'48'' leste.

Começa essa parte da costa a ser de collinas pouco mais elevadas e mais proxima á praia, collinas e olteiros que vão unir-se as terras altas de Olinda, e que se entranham pelo interior. Entre essas duas pontas notam-se os seguintes logares: logo depois da ponta do Janga continuando a costa povoada e cheia de altos coqueiros, vê-se a egreja de Nossa Senhora da Conceição do Medico e mais adiante 1 milha) a ponta da Quadra. Com mais 3 milhas da Quadra está o pequeno pontal do Rio Doce, e deste mais duas milhas está a ponta de Olinda, ficando á egual distancia d'esta o rio Tapado.

E' a costa sempre povoada mesmo até as proximidades de Rio Doce, e da ponta do sul do e somente pelo norte da foz do Olinda, é que deixam de apparecer menos casas.

Finaliza na ponta de Olinda a terra mais elevada que vem do norte, tornando-se a que se segue para o sul muito mais baixa.

Olinda, do mar, póde ser vista e reconhecida na distancia de 5 a 7 milhas. Collocada a cidade no mais alto do olteiro sobrancéiro á praia, o panorama que offerece esse ponto da costa é, por certo, lindo e encantador. A verdura que tapiza o outeiro, o banquejar das casas, a elevação de muitas egrejas que se avistam, tudo apresenta um aspecto interessante e agradavel.

Facilmente se reconhece a cidade de Olinda vindo do largo: correndo-se para terra, sob seu parallelo, com a terra da cidade ainda alagada, avista-se a egreja de Nossa Senhora do Monte, que lhe fica pouco ao norte, na eminencia de um terreno que assemelha-se ao panno superior de um navio a grande distancia.

Avizinhando mais a terra que ella se veja descoberta, mais ainda alagada a costa para o sul, vê-se um monte redondo de altura regular, que é justamente terras de Olinda deste para o norte sete outeiros mais pequenos, divididos por quebradas conicas; e mais ao norte delles se une por um declive doce com a terra, de elevação egual á que lhe fica para o norte. Mais proximo se distinguem claramente os edificios da cidade e muitas egrejas, e então se descobre a terra do sul, porêm enfumaçada ainda, o que demonstra quanto ella é baixa e mais occidental.

Dimensões do territorio. — Tem o municipio do norte a sul 24 kilometros desde a Cruz do Patrão até a ponte do rio de Maria Farinha, sendo esta sua maior extensão, e desde a estrada do Arraial até a de Maricota, onde atravessa o mesmo rio Maria Farinha, 24 kilometros, que é a menor extensão.

De leste a oeste a maior extensão é de 24 kilometros a 27, desde á ponta de Olinda até a estrada do Macaco.

Limites. — O municipio de Olinda se limita — a leste com o oceano Atlantico; — ao norte com o municipio de Iguarassu' pela freguezia de Maranguape; ao oeste com S. Lourenço da Matta e Recife; e ao sul com o Recife.

A linha de confinação se estabelece pelo seguinte modo: A partir da Cruz do Patrão (no Isthmo, limites com a freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife) segue a encontrar a Cambôa de Tacaruna e em seguida a do Salgadinho; atravessa d'ahi o pantano a encontrar o riacho Agua Fria (limites cim a freguezia da Graça), e continuando por este acima chega até o riacho Bomba e deste a estrada do Bartholomeu; d'ahi vae ao encontro da estrada do Arraial; desta prosegue pela que se dirige, sempre direita ao Brejo: atravessa o riacho Brejo mōrmo e segue á linha pela estrada do Gizeiro e desse ponto a chegar ao logar Passagem das Moças, á margem direita do rio Beberibe; segue a divisão subindo pela margem desse rio, até o riacho Roncador (tambem conhecido por Beringuê), por este a Estrada da Linha, desta ao corrego Chã d'Anna, e atravessando o rio das Pinbas e passando em Pedrinhas, chega ao rio Paratibe, cuja margem se sobe até o riacho Cova de Onça (ahi terminam os limites com o municipio do Recife pelo Sudoeste e começam com S. Lourenço da Matta); desse logar toma a Oeste pela matta que fica 10 kilometros além da estrada que segue do rio Mirueira até o de Jacuipe (fim do limites com S. Lourenço): continuam então na direcção norte (limites com Iguarassu') pelos rios Mirueira, Jaguaribe, indo terminar na barra da Maria Farinha ou do Rio Dōce, no oceano.

Topographia. — A cidade, situada em terreno montanhoso, é banhada ao sul pelo rio Beberibe e a léste pelo oceano, tem um aspecto melancolico, que dimana sobretudo de seus templos e conventos annosos, e ainda do grande numero de casas antigas. E' não ha duvida, uma cidade de recordações historicas; aqui, alli e acolá passam por diante de nossa imaginação os phantasmas do passado que o nosso espirito insensivelmente faz evocar. Entretanto de todos os sitios elevados da cidade o observador tem em frente de seus olhos um quadro incomparavel de uma belleza sem par, um panorama cuja perspectiva sōmente com infidelidade se descreve.

A léste, o oceano beijando-lhe os pés, ora verde, ora azul, como uma esmeralda ou saphyra liquida, conforme a tonalidade das côres reflectidas pelo céo, e a vista vai perder-se naquella infinita vastidão equórea, encantada ainda mais pelo alvejar das velas das jangadas dos pescadores, das barcaças que bordejam á praia e do fumo dos paquetes ou vapores que lhe passam ao largo. Ao sul, e não longe, gracioso e surgindo das aguas, ostenta-se o Recife, —com sua muralha de pedra em cuja extremidade apparece o pharol da barra; —com seu porto cheio de navios, com sua casaria alvissima, com suas bellas pontes e com todo seu encantador aspecto. E ao poente e ao norte, finalmente, os campos, as varseas ferteis, embellecidas de coqueiraes, e serpeadas, aqui pelo rio Beberibe, alli pelo Paratibe, e além por varios arroios, vendo-se; de permeio, na extensão, os casaes esparsamente derramados.

Povoados. — Beberibe, a 6 kilometros ao oeste, á margem do rio Beberibe, tem uma capella de Nossa Senhora da Conceição e está ligado ao Recife e Olinda por estrada de ferro, sendo um logar muito pittoresco. — Porto da Madeira, perto


S.A. GRANDES
MOINHOS
DO BRAZIL E
MOINHO RECIFE
FARINHA
DE TRIGO
OLINDA
44 KILOS

CHAVE E SOLUÇÃO DO ENIGMA DE PEDRO STRONG

PREMIO

O autor offerece, como premio, para ser sorteado entre os decifradores exactos, um diccionario Simões da Fonseca.

HORIZONTAES

1—Arvore do Brasil sem fim
3—Montanha da ilha de Creta (t. de geogr.)
6—Cabeça e corpo de Idolo
7—Insectos hymenopteros
17—Só na essencia
19—Persuasivo
20—Graduar na França
21—Deus te salve!
23—Diz-se dos monstros que têm as duas orelhas confundidas numa só
24—Serve para chamar
26—Nada tem
28—Corte (fig.)
29—Nós temos invertido
30—Logro pela metade
31—Eu
32—Na imaginação
34—Homem sem barriga
35—Doutor abreviado
36—Semanalmente tem
38—Difficuldade
39—Sino rachado
40—Patria de Abraham
41—Faca sem "cabo"
42—Eleonora, Olga e Synesia
44—Perdido
45—Privado
46—Herva medicinal
48—"Cós" de calça
49—Toda sala tem
50—Em Roma
51—Avô de Priamo (Myth.)
52—Teixo (Bot.)
54—Faço sem os extremos
55—Dentro da mala
56—Moeda da Asia
58—Intervenção
59—Intriga
60—Prefixo
61—Prefixo
62—E' meu sendo do Francez
64—Nota musical
65—Toda mocidade tem
66—... de officio
67—Prefixo
68—Edição incompleta
69—Emboccadura de um rio
71—Denota privação
73—Cidade de Wurtemberg
75—Afastado na França
76—Mulher
77—Sahida abreviada
79—Marcellino Netto
80—Metade de nove
81—Lingua fallada na edade media pelos povos situados ao N. de Loire
83—Maleta usada pelos Mouros sem "fundo"
84—Amphibio (Ant.)

VERTICAES

1—Prefixo
2—Poeta pernambucano
4—Proverbio de convicção accrescido da primeira
5—Tem annotado
6—Tres pedaços de limão
7—Meio tostão
8—Está sem a ultima
9—Corre
10—Edgard Vieira da Cunha
11—Boeiro partido
12—De manhã tem...
13—Privada
14—Algum
15—Meio enorme
16—A terceira entre "esses"
18—Manto real
22—Siga
25—Parte do navio
27—Constellação boreal
28—Primo de Mafoma (Biogr.)
31—Aqui tendes
33—No Areopago
37—Templo japonez
38—Querer pela metade
41—Cavallo de Napoleão I
43—Vento
47—Preceptor
48—Cria sem fim
51—Internato ANTONIO MORENO
53—Argola solta
57—Resoa
58—Medida de Amsterdam
61—Prefixo
62—Difficuldade
68—O n. 31 vertical
69—Nós temos
70—Affluente do Danubio
71—Affluente do Danubio
72—Cabo
74—... de furo
78—Prefixo
82—Prefixo

O L I N D A

(Conclusão)

daquelle povoado está dividido em duas partes, — do Alto, á margem da via ferrea e debaixo á margem do rio Beberibo — possue uma capella de S. Benedicto— Pau Amarello, à borda do mar e ao norte tem uma igreja de N. S. do O' Maranguape, no littoral, a 12 kilometros ao norte — N. S. do O' — tambem na costa e ao norte— Paratibe, Janga, e outros menos importantes.

Orographia— Em Olinda não ha serras propriamente ditas, sim collinas e montes de pequena elevação. E com excepção do terreno em que está situada a cidade, raras ondulações se notam em seu solo.

Hydrographia— E' banhado o municipio á leste pelo oceano. Diversos rios, de pequeno curso regam-lhe o territorio entre os quaes: O Beberibe, que vem do municipio de S. Lourenço da Matta, corta o municipio do Recife e Olinda e vae, em confluencia com o Capibaribe, derramar no oceano.

O Paratibe, que tem as vertentes no monte denominado Cabeça de Cavallo (donde tambem procede o Beberibe), passa no engenho Jardim, na povoação do seu nome, na Usina Paulista e em Maranguape, e lança-se no mar depois de receber o rio Dôce, o Timbó, que toma a direcção norte, indo derramar no oceano depois de receber o Zumby. E outros de menor curso e volume d'agua.

Pharol. — Está situado onde foi o antigo forte Montenegro na latitude 8.º 1' 20'' sul e longitude oriental de 8.º 19' 20'' do Rio de Janeiro. O apparelho de luz é dioptrico de 1.ª ordem; exhibe luz fixa e alternada por lampejos brancos, de 2 em 2 minutos. O plano focal eleva-se acima do prêamar 19 metros em uma torre cotogonal de ferro forçado. Sua luz é visivel na distancia de 10 a 12 milhas em tempo claro.

Estrada de ferro e outras vias de communicação. — Está ligada ao Recife pela Pernambuco Tramways que tambem possue um ramal de estrada de ferro para o povoado de Beberibe. Existe uma bôa estrada de rodagem entre Recife e Olinda e desta até a cidade de Goyanna, passando por Paulista e Iguarassu'.

Commercio Industria e Agricultura. — O municipio de Olinda é de pouca importancia por seu commercio e industria. A agricultura, além da plantação de cereaes, taes como mandioca, milho, feijão, etc., comprehende o plantio de canna, havendo alguns engenhos e a Usina "Timbó" e ainda o cultivo abundante do coqueiro. No littoral ha algum serviço de pesca e quasi nada mais de que mereça menção.

Abdias Cabral de Moura

INDICADOR

MEDICOS, DENTISTAS, ADVOGADOS

CLINICA MEDICO CIRURGICA DO DR. JUSTINO GONÇALVES

Medico parteiro e operador especialista nas Molestias de Senhoras, Creanças e Syphilis. Residencia: Rua de S. Bento n. 301. Consultorio: Praça da Independencia n. 50, 1.º andar. De 2 ás 5 horas da tarde

DR. COSTA RIBEIRO

Polyclinica

Rua Larga do Rosario n. 228, 1.º andar

PHARMACIA NORMAL

Rua do Rangel n. 200

Absoluto escrupulo e exactidão no aviamento de receitas medicas.

RECIFE

CLINICA DENTARIA DE J. DANTAS SEVE

Consultorio: Imperatriz, 64, 1.º andar. Avulsão de dentes e do nervo dentario absolutamente sem dôr, pelo methodo de Lowen

DR. ADALBERTO CAVALCANTI

Medico do Hospital de Alienados

Doenças internas, Affecções do systema nervoso, Coração e Pulmão. Cons. R. Imperador, 14, 1.º andar, de 3 ás 5 da tarde. Res. R. Gervasio Pires, 257. Telephone, 504

DR. AMARO PEDROSA

ADVOGADO

Rua 1.º de Março n. 64, 1.º andar

LUCIO C. DE SA' LEITÃO

Cirurgião dentista

Consultorio: Imperatriz, 17 (1.º andar). Consultas: 8 ás 11 e 1 ás 5. Residencia: Av. Riachuelo, 156. Telephone, 881

EUTROPIA QUEIROZ

Parteira

Com longa pratica do Hospital Pedro II e clinica de medicos especialistas, offerece seus serviços profissionaes e como ajudante de tratamentos gynecologicos a quem delles precisar.

Rua Imperial n. 165

— Chamados a qualquer hora —

S. José RECIFE

GABINETE DENTARIO DO DR. MANOEL MATTOS

Praça da Independencia n. 50, 1.º andar

Consultas: das 8 ás 11 e das 14 ás 17 horas

Cuidadoso tratamento das molestias da Bocca e perfeita execução nos serviços de prothese dentaria

DR. CAETANO GALHARDO

ADVOGADO

Escrip. — Rua Duque de Caxias n. 81, 1.º and. Exp. — das 12 ás 14 1/2

DR. JORGE BITTENCOURT

Partos e molestias de senhoras

Escriptorio: rua Sigismundo Gonçalves, 86, 1.º andar. Residencia: Visconde de Goyanna, 199

CLINICA MEDICO CIRURGICA DO DR. ALFREDO DE MEDEIROS

Medico da Liga contra a Tuberculose e chefe da Polyclinica do Hospital Pedro II

Especialidades: Molestias dos Pulmões, Estomago e Intestinos

Consultorio: Rua Larga do Rosario n. 228, 1º andar. Consultas de 1/2 ás 3 1/2 horas da tarde

Residencia: Espinheiro: Avenida João de Barros, 1430 (antigo 50). Chamados por escripto á qualquer hora

DR JOSE' HUGO

Advoga perante a justiça federal e local e encarrega-se de processos de terrenos de marinha, monte-pio, meio soldo, pensões e quaesquer liquidações commerciaes ou administrativas n'esta cidade e na Capital Federal. Recife. Escrip. Rua 15 de Novembro, 276, da 11 ás 13 horas.

TELEPHONE, 871

DR. GILBERTO FRAGA ROCHA

Clinica de olhos, nariz e ouvidos

Escriptorio: rua Sigismundo Gonçalves (por cima do antigo "Louvre")

CLINICA DENTARIA DO DR. FRAGA ROCHA

Imperatriz, 107 — 1.º andar

Telephone, 739 — RECIFE

OCULISTA AMERICANO. DR. CELERINO

Especialista em Exames de refracção dos olhos

Consultorio: Optica Americana. Rua Nova, 356 (1º andar). Recife

COMMISSõES, CONSIGNAÇõES, AGENCIAS

ROSA BORGES & Cia.

Importadores e recebedores. Recebedores de productos do Estado. Casa Matriz: Rua Visconde Itaparica, 91. Caixa do Correio, 158. End. Teleg. "Rosa Borges" Pernambuco. Casa Filial: Rua Sá Albuquerque, 117. Caixa Postal, 29. End. Teleg. "Lafayette". Maceió — Alagôas. Usina "S. Ignacio". Cabo — Pernambuco

DIAMANTINO COELHO

Commissões — Consignações — Conta Propria — Algodão — Assucar — Café — Mamona — Alcool

Pernambuco — Caixa Postal, 372. Praça Arthur Oscar, 217, 1.º andar. End. Teleg. "Diamante".

S. Paulo — Caixa Postal, 1659. 15 de Novembro, 27, 2.º, Sala 3. End. Teleg. "Diamantino"

LEÃO & Cia.

Assucar, alcool, borracha e aniagem

Rua Barão do Triumpho, 303

M. DA NOVA & Cia.

Commissarios, Representantes e Importadores

Xarque, Farinha de Trigo, Sabão e Graxa refinada. Codigos: Ribeiro, Borges, A. B. C. (5.ª Ed.) e Particulares. End. Teleg. "Cintra". Telephone, 1888. Caixa Postal, 222. Rua Vigario Tenorio, 113. PERNAMBUCO

MEIRA LINS & Cia.

ASSUCAR

SOCIEDADE DE MOTORES DEUTZ OTTO LEGITIMO LIMITADA

Avenida Marquez de Olinda n. 150 Caixa Postal, 208. Telegrammas: "Ottomotor". Motores a gaz pobre, kerosene e oleo crú, motores Diesel e motores maritimos. Machinas em geral

GOMES OLIVEIRA & Cia.

Exportadores de alcool e aguardente End. Telegr. "Oliveira" — Caixa Postal, 374. Avenida Lima Castro, 2258

OSWALDO MACHADO BRANDÃO

Despachante aduaneiro e da Recebedoria do Estado. Residencia: Rua do Hospicio n. 479 — Pernambuco

Escriptorio: Avenida Marquez de Olinda, 1.º andar. Entrada: Rua Alvares Cabral, 142. Encarrega-se de Despachos de Exportação e Importação

ROSSBACH BRASIL COMPANY

Oleos, pelles, sabão, couros, algodão, aniagens, borracha, caroço de algodão, cera de carnaúba, farello de caroço de algodão, trigo e mamona

Rua dos Guararapes, 297

MARTINS & CANUTO

Assucar, aniagem e milho

Rua Barão do Triumpho, 41

ANNIBAL GOUVEIA

Algodão, couro preparado e café

Avenida Rio Branco, 66 1.º

ALBERTO LUNDGREN & Cia. Ltd

Rua do Imperador Pedro II, 503 e 511. Recife — Pernambuco. Caixa Postal n. 15 — Endereço Telegraphico "Paulista". Importação e Exportação de Tecidos Nacionaes e Extrangeiros. Unicos depositarios dos artigos da Companhia de Tecidos Paulista

PINTO & CARDOSO

ASSUCAR

Rua Barão do Triumpho, 148

SCHENKER & RODRIGUES

Café, cêra de carnauba e doces

End. Telegr. "Schenkerça"

Caixa Postal, 175

Rua do Imperador Pedro II, 259, 2º

LOYO & Cia.

ASSUCAR E CAFE'

Rua Visconde de Itaparica, 121

PEREIRA PINTO & Cia.

Alcool e aguardente

Rua Barão do Triumpho, 445

CALÇADO FINO

Especialidades para o fabrico

PAIVA FERREIRA & C.ª

Cimento, Azulejos e artigos sanitarios

Telephone n. 303. Telegr: "Chacim"

15. R. do Livramento, 15

RECIFE — PERNAMBUCO

RENE' HANSHEER & Cia.

Rua de Imperador Pedro II, 512

TECIDOS

INDICADOR

COMMISSÕES, CONSIGNAÇÕES, AGENCIAS

VIEIRA, COUTINHO & Cia.

ASSUCAR

Rua Visconde de Itaparica, 77

SILVA GUIMARAES & Cia.

Assucar, xarque e farinha de trigo
End. Telegr. "Guimarães"
Caixa Postal, 157
Rua Visconde de Itaparica, 97

NOVA & ABREU

ASSUCAR

Rua dos Guararapes, 215, 1º

WILLIAMS & Cia.

Assucar, café, mamona, milho e couro preparado
Rua do Bom Jesus, 144, 1.º

End. Teleg. "União" — Caixa Postal, 209 — Telephone, 1919
Rua Vigario Tenorio, 177 Trav. da Madre de Deus, 98

FERREIRA, RODRIGUES & Cia.

Importadores e Exportadores
Estivas, Louças e Papeis
RECIFE — PERNAMBUCO

A. JOVINO DA FONSECA & Cia.

Assucar e carvão animal

Rua Barão do Triumpho

A. OLIVEIRA & IRMÃO

ASSUCAR

Rua do Vigario Tenorio

H. DA SILVA LOYO & Cia.

Rua Visconde de Itaparica, 171

ALVES FERNANDES IRMÃOS

ASSUCAR

Praça Arthur Oscar, 217

PAIVA FERREIRA

O sortimento de CALÇADOS da casa PAIVA FERREIRA — Livramento n. 15 — rivalisa com o das melhores casas do Recife; com a differença porém, que seus preços são sempre mais baratos. Teleph. 303 — Tele. CHACIM

CORTE E GUARDE

Com este "coupon" V. Excia. terá direito á uma caixa de pó de arroz "Fanit", — e effectuando compras no valor de 20$, — idem a uma caixa de pó "Cigana" — grande—, de 40$ a 60$. — idem — a uma caixa de sabonetes; de 70$ a 90$; e de uma caixa do pó "Origan de Coty", de 100$ acima. Todos á "TOSCA". 25 — Livramento — 25 (Fazendas e modas)

A. C. COSTA ALECRIM

ASSUCAR

Rua Barão do Triumpo n.º 258

BRAULIO GONÇALVES

Mamona e assucar

Rua Barão do Triumpho, 280

A. BEZERRA LEITE

Assucar, café, milho e feijão
End. Teleg. "Abeita"
Rua Tobias Barretto, 363

AUGUSTO G. GALVÃO

Assucar, aguardente e alcool

Rua do Pilar, 147

JOSE' DE VASCONCELLOS & Cia.

ALGODÃO

Rua Marquez de Herval, 244, 1.º

ARTHUR VIEIRA

Assucar, algodão, café, milho e mamona

Rua Barão do Triumpho n. 289

GOMES OLIVEIRA & Cia.

Alcool e aguardente

Avenida Lima Castro, 2256

MODISTA

Mme. SOARES DE OLIVEIRA

Executa com perfeição, rapidez e grande modicidade de preços, vestidos por elegantes e lindos modelos, garantindo um acabamento irreprehensivel. A titulo de reclame executa-se vestidos para passeio a 20$000. ATELIER: — Rua Nova n. 259 — 1.º andar

---

CASA DUAS NAÇÕES

Compra-se tudo!

Offerece todas as vantagens a quem queira vender os objectos domesticos usados. Compram-se, trocam-se, moveis e adornos para casamentos e bailes

---

A. WOLKOFF & Cª.

Rua Marcilio Dias n. 106 — Recife

ATELIER DE PHOTO-GRAVURA

Bevenuto Telles
Estrada dos Remedios n. 2228
TELEPHONE N. 746
RECIFE

MACIEL, CORDEIRO & CIA.

Commissões, Consignações e Conta — Propria —
54, Travessa Marquez de Herval, 54
Recife — Pernambuco
Teleg: — Madeira

SOARES CALDAS & Cia.

Café, assucar, algodão e mamona

Avenida Marquez de Olinda, 150, 1.º

JOSE' RUFINO & Cia

ASSUCAR

Rua Barão do Triumpho, 77, 1.º

BOXWELL & Cia.

Aniagem e algodão

Rua dos Guararapes, 389

PINTO LAPA & Cia.

Alcool, aguardente e bebidas

Viveiros do Muniz, 110

COMPANHIA GERAL DE MELHORAMENTOS

Assucar e alcool
Rua Barão do Triumpho, 77, 1.º

JOSE' T. DE MOURA

Assucar e algodão

Rua Barão do Triumpho, 463

JOSE' GOMES DE MELLO

ASSUCAR

Rua dos Guararapes, 353

D. GONÇALVES & Cia.

Assucar, oleos, aniagem e cal

Avenida Rio Branco, 126, 1.º

DURAES, CARDOSO & Cia.

Assucar, aguardente, bebidas, arroz, café, doces, feijão e milho
Rua João do Rego, 182

JOSE' DE VASCONCELLOS & Cia.

ALGODÃO

End. Telegr. "Vasconcellos"
Rua Marquez de Herval, 244, 1.º

OLIVEIRA FILHO & Cia.

Arroz, assucar, café, doces, oleo, aguardente, bebidas, mamona, couro preparado e cócos
Praça Barão de Lucena, 316

MONTENEGRO, SIMÕES & Cia.

Alcool, oleo e productos pharmaceuticos

Rua Barão da Victoria, 260

LEONIDAS BARBOSA

Café e algodão

Rua Barão do Triumpho, 101, 1.º

I. F. DE PONTES & C.ª

Caixa Postal, 185 — Rua do Bom Jesus, 220, 1.º andar, Sala 4 —

Telephone n. 1788 — End. Tel.

"Animo"

Vendem: alvaiade; cal branca e virgem e extincta; cal preta virgem e extincta; carbonato de ammoniaco; bicarbonato de soda; carbonato de magnesia; lupulo; chlorureto de cal; ferro gusa; coke para fundição; carvão de pedra; grampos para estrada de ferro; azul de assucar; enxofre; soda caustica; metal anti-fricção; papel de prova e outros. Consultem os nossos preços.

A INTERNACIONAL

Armazens: Rua do Imperador, 303 e Avenida Martins de Barros, 288 End. tel. "Pinhal". Codigo — "Ribeiro", Tel. 344. Bellos, artisticos e luxuosos mobiliarios. Club de moveis, adornos, metaes, tapeçarias.

PINHEIRO & ALMEIDA

REPRESENTAÇÕES

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Codigos — Ribeiro e Mascotte
Endereço telegraphico — SANTOS

ADOLPHO SANTOS

Agente de Richard Whicherlo e Cia.
Rua Imperador Pedro II, 376 — 1º. andar

PERNAMBUCO—RECIFE

PHARMACIA FLORENTINAS

de

ANTONIO DE AZEVEDO

Receituario e drogas

— Rua das Florentinas —

RECIFE

CASIMIRO, FERNANDES & Cia.

Fabrica de velas de cêra

Grandes vendedores de papeis para jornaes, revistas e para embrulhos, livros em branco etc.

Rua Duque de Caxias, 379|387

RECIFE

ETIENNE OSWALD

Representante das Linotypos Margenthaler-Tintas Ch. Lorilleux & Cª. — casas de estivas, de miudezas, etc. Escriptorio fundado em 1904. Praça Barão de Lucena, 38, 1º andar — Recife

---

BRUNO VELLOSO

Tecidos

Rua dos Guararapes, 57

ALBINO SILVA & Cia.

Ferragens

Avenida Marquez de Olinda, 191

REVISTA DE PERNAMBUCO

SCIENCIA — ARTE — POLITICA — INDUSTRIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

PERNAMBUCO — BRASIL

EXPEDIENTE

A "Revista de Pernambuco" é elaborada pelo corpo Redaccional do "Diario do Estado" e editada pela Repartição de Publicações Officiaes do Estado de Pernambuco.

Asssignaturas:

Interior: anno	25$000
Exterior: anno	30$000
Numero avulso	2$000

GAZ CARBONICO

350 RS. POR M.³!

ANTIGAMENTE 700 Rs.

AGORA METADE DO PREÇO!

ESTE PREÇO EXCEPCIONAL E FIXO

é concedido para FOGÕES A' GAZ quando o consumo exceder a 100 metros cubicos mensal e não soffrerá alteração nenhuma com a baixa do cambio, ao contrario, se o cambio ainda subir, todo o possivel será feito para reduzir esta taxa.

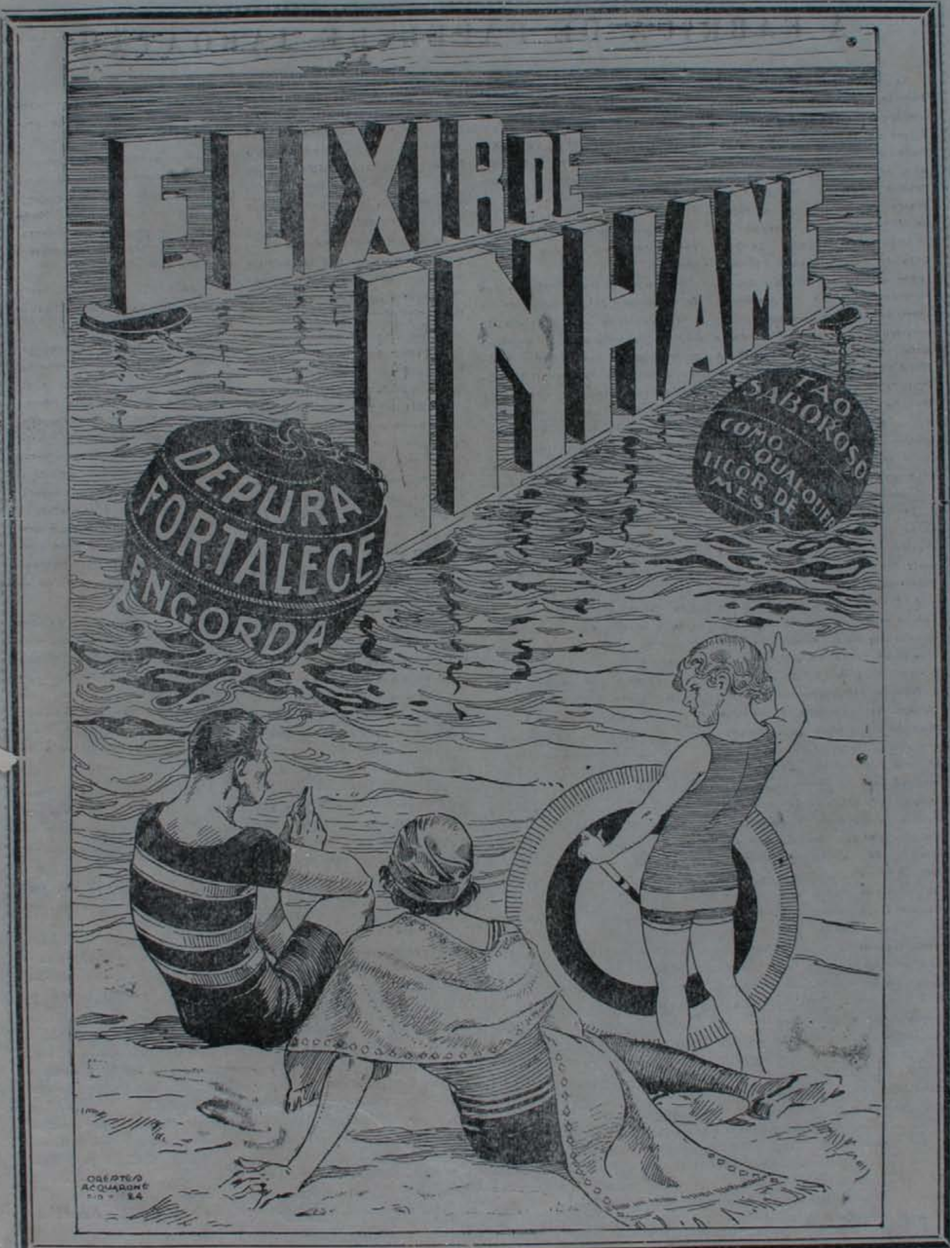


DEXAI-NOS COLLOCAR GRATUITAMENTE

UM FOGÃO Á GAZ

E TRAZER FELICIDADE AO VOSSO LAR

Secção do Gaz, P. T. & P. Co. Ltd., R. d'Aurora


ELIXIR DE
INHAME
DEPURA
FORTALECE
ENGORDA
TÃO
SABOROSO
COMO
QUALQUER
LICOR DE
MESA
ACQUARONE

A FABRICA DE PAPEL DE JABOATÃO

No movimento industrial de Pernambuco deve ser reservado um logar de relevo á Fabrica de Papel de Jaboatão, onde na cidade do mesmo nome occupa uma area de 22600 metros quadrados, ligada a rêde da Great Western por uma linha ferrea de 600 metros de extensão.

Adquirida, no anno de 1924 pela firma Dolabella Portella, começa dahi o seu grau de desenvolvimento e supremacia, verdadeiramente, notaveis. Incorporada, no principio deste anno pela COMPANHIA INDUSTRIAS BRASILEIRAS PORTELLA S. A. com séde no Rio de Janeiro, ella continua sob a mesma direcção que tem levado a cabo os melhoramentos e as transformações por que vem passando, tornando-a pelo volume da sua producção que é de 6.000.000 kilos annuaes, entre as 22 fabricas de papel existentes no paiz, uma das mais importantes e melhor apparelhadas.

A fabrica comprehende dous vastos edificios construidos em cimento armado, sendo um destinado as caldeiras e turbinas e o outro a confecção do papel ou a fabrica propriamente dita.

Quem visitar a fabrica, nos seus dias de labor terá uma impressão exacta de um estabelecimento que corresponde a todas as exigencias da technica moderna, numa orientação de trabalho intenso e vigoroso. Para a producção de sua força existem duas caldeiras "Casey Hedge" de 252 H. P. cada uma, e alem de outra de Babcock & Wilcox de 300 H. P. todas munidas de super aquecedores Foster para uma temperatura até 300°. A alimentação dessas caldeiras é toda ella feita por meio de bombas que lhes conduz a agua já aquecida a uma temperatura de cerca de 80°, em virtude de sua passagem por um economisador Green. E' opportuno tambem notar que essas caldeiras que antigamente trabalhavam lenha teem, hoje, no oleo o seu combustivel, cujo consumo attinge a cifra elevada de 16.000 kilos diarios. Para o serviço de supprimento de oleo tem as companhias fornecedoras carros especiaes que o conduzem para a fabrica, onde é depositado em dous grandes tanques de ferro com a capacidade de 90 mil litros cada um. Não vale a pena insistir quanto a vantagem economica deste novo combustivel, que alem de tudo concorre para evitar a crescente devastação das nossas mattas.

Ha tambem duas turbinas dos fabricantes John Kopings e Oerlinken com uma potencia de 700 H. P. cada uma obedecendo ao que ha de mais aperfeiçoado na technica moderna. Ligado conjunctamente á cada uma das turbinas, está um gerador de 440 KVA, cuja corrente é fornecida aos diversos motores da fabrica. No seu quadro de distribuição estão colocados tres amperimetros, um voltimetro, um kilowoltimetro registrador com relogio de precisão e um medidor triphasico. Possue ainda esta secção um regulador automatico ultra rapido para manter constante a tensão, em qualquer variação de carga, ao envez de um serviço manual que tem o inconveniente de exigir uma permanente e vigilante attenção. O serviço de lubrificação é tambem, inteiramente automatico, já estando encommendado um apparelho De Laval para purificação de Oleo.

O papel, como é geralmente sabido, é fabricado com cellulose, actualmente importada do estrangeiro e papeis velhos e trapos collectados e adquiridos aqui mesmo.

A direcção da fabrica está patrioticamente empenhada no sentido de se emancipar da importação estrangeira, estudando o aproveitamento da materia prima nacional existente em nossas madeiras e em nossas fibras vegetaes.

Para a fabricação da massa possue a Fabrica de Papel de Jaboatão tres grandes moinhos com capacidade de 300 kgs. cada um para a trituração das aparas ou papeis velhos e da cellulose ou pasta de madeira, alem dos cylindros refinadores os mais aperfeiçoados. Conta tambem esta secção uma corideira para o retalhamento dos trapos e uma caldeira espherica, onde estes mesmos trapos recebem durante tres a cinco horas a acção purificadora do vapor que os expurga dos microbios e das impurezas que, por ventura, contenham.

Os cylindros refinadores estão situados num amplo pavimento superior para onde sobe a materia prima por meio de um possante elevador.

A machina, propriamente, do papel tem uma largura util de 3m. e 20 cm. e convem constatar,—é a mais ampla empregada, no Brasil, podendo fabricar papeis com varios pesos, entre 40 e 250 grammas por metro quadrado. Entre esta machina e os cylindros refinadores estão collocados tres tanques depositos com a capacidade de 1500 kgs. cada um, onde é a massa ainda uma vez batida, mais um areiro com dispositivos especiaes para depositos de areia que vem na agua conductora da massa e finalmente um depurador Voith que como o nome indica é uma apparelho para purificação das impurezas que ainda se contêm.

E' esta a parte mais interessante da fabricação. Chegada a machina, é curioso ver o lençol de papel numa velocidade de 120 metros por minuto conduzido por uma tela metallica de comprimento de 17m e 50 e por feltros especiaes, passando por prensas onde vae perdendo a humidade, até receber em cheio o vapor quente por meio de cylindros que o seccam inteiramente. Dahi passa o papel a ser enrolado em bobinas para depois ser recortado em formatos diversos.

A cortadeira rotativa marca Hanbold é que se póde dizer a ultima palavra, entre as congeneres, cortando 24.000 kgs. diarias.

Cortado o papel é o mesmo levado para a sala da selecção onde moças se occupam de retirar as folhas estragadas e fazer a respectiva contagem. Trabalham nesta secção cerca de 80 operarias. O papel uma vez seleccionado é emballado numa prensa e conduzido para o Recife, em carros da Great Western e em caminhões de propriedade da empreza.

Possue, ainda, a Fabrica uma officina rigorosamente apparelhada para os reparos e concertos das suas machinas. Estão as officinas confiadas a orientação technica do competente mechanico José Welker.

Trabalham, na fabrica cerca de 300 operarios de ambos os sexos.

Não é possivel tambem esquecer uma referencia especial á sollicitude e ao carinho da direcção da empreza pela educação e bem estar dos seus operarios. O aspecto social, hoje, visceralmente, ligado ao aspecto economico, no mundo industrial não foi de modo algum esquecido pela Fabrica de Jaboatão.

E' assim que ella possue destinada aos filhos dos seus operarios uma escola, perfeitamente, apparelhada para instrucção dos seus alumnos.

Possue, ainda, cerca de dez casas, onde estão localisados os chefes de suas secções, estando em projecto a construcção de uma ampla villa operaria. Ha tambem um bem organisado serviço medico destinado aos operarios, sob os cuidados do dr. Paulo Bernardes.

Contra os accidentes no trabalho, mantêm a empreza todos os seus operarios seguros na Companhia Segurança Industrial.

A Companhia Industrias Brasileiras Portella tem o seu escriptorio commercial nesta cidade sito á Avenida Moraes Rego n. 91 e mais dois grandes depositos para os seus productos.

E' director-presidente da Companhia proprietaria da Fabrica de Papel de Jaboatão o sr. Alfredo Dolabella Portella residente no Rio de Janeiro e directores neste Estado da empreza, os srs. José Dolabella Portella e o dr. José Versiani, a cujo espirito de iniciativa e capacidade realisadora, estão confiados os destinos de um dos estabelecimentos industriaes de mais futuro e importancia de Pernambuco.

ESTADO DE PERNAMBUCO

População — habt.	2.289.615
Superficie — Km.2	128.395
Estabelecim. ruraes	36.123
Usinas de assucar	68
Engenhos fornecedores de canna	1.074
Engenhos de fabricar assucar	821
Engenhos de fabricar raspaduras	834
Fabrica de tecidos	11
Diversas fabricas	431

PRODUCÇÃO AGRICOLA

	Kilos
Assucar	252.000.000
Fabrica de mandioca	240.000.000
Milho	60.000.000
Algodão	15.000.000
Café	15.000.000
Bagas de mamona	12.000.000
Rapaduras	12.000.000
Feijão	9.000.000
Arroz	2.000.000
Fumo	1.150.000
	Fructos
Côcos	12.000.000

PRODUCÇÃO AGRICOLA E INDUSTRIAES NOS MUNICIPIOS

Recife — População 355.871. Agricultura: canna de assucar, mandioca e fructas. — Industrias: tecidos, ceramica, sabão, perfumarias, pregos, artefactos de tecidos, doces moagem de café, oleos, cartas de jogar, gêlo, oxigenio, cigarros, charutos, bebidas, carvão animal, camas de ferro, biscoutos, moveis, objectos de cêra, chocolate, confeitos, mosaicos de pedra e madeira, conservas, massas alimenticias, massa de tomate, vidros, anil, caixas de papelão, calçados, chapéos, estamparia, trituração de sal, cortumes, velas de sebo, cofres e fogões de ferro, encerados, tinta de escrever, phosphoros, colla.

Afogados de Ingazeira — População 17.703. — Agricultura: canna de assucar, algodão, milho, mandioca, feijão, mamona, arroz.

Lagôa de Baixo — População 15.330 — Agricultura: canna de assucar, algodão, milho, mandioca, feijão. — Industrias: queijos, couros bebidas, calçados, conservas, preparação de cascas de angico.

Altinho — População 30.537 — Agricultura: canna de assucar, milho, mandioca, feijão, fumo.

Amaragy — População 21.182. —Agricultura: canna de assucar, milho, mandioca, feijão, fumo.

Agua Preta — População ..... 23.785 — Agricultura: canna de assucar, milho, fumo, mandioca, feijão.

Aguas Bellas — População 21.828 — Agricultura: canna de assucar, milho, algodão, mandioca, feijão. — Industrias: couros, bebidas calçados, vinagre.

Barreiros — População 17.363 — Agricultura: canna de assucar, côcos, milho, mandioca, fumo — Industrias: conservas, moagem de café.

Belmonte — População 8.500. — Agricultura: canna de assucar, algodão, milho, mandioca, feijão, mamona, arroz, fumo. — Industrias: queijos, couros, bebidas, calçados.

Bezerros — População 48.198 — Agricultura: canna de assucar, algodão, café, milho, fumo, mandioca, feijão, mamona, fructas. — Industrias: Doces massa de tomate, calçados, ceramica, queijos, couros, bebidas, moagem, de café, moveis, vinagre, artefactos de tecidos, cal.

Bonito — População 63.577 — Agricultura: canna de assucar, algodão café, milho, fumo, feijão, mandioca, fructas, côcos — Industrias: bebidas, couros, conservas, vinagre, calçados, ceramica, obras de metal.

Bôa Vista — População 7.067— Agricultura: canna de assucar, algodão, mandioca, feijão, mamona, arroz.

Bom Conselho — População ... 43.938 — Agricultura: canna de assucar, algodão, milho, café, mandioca, feijão, fumo. — Industrias: bebidas, calçados, vinagre.

Bom Jardim — População .... 92.515 — Agricultura: canna de assucar, algodão, côcos, café, milho, fumo, mandioca, feijão, mamona, fructas. — Industrias: bebidas, calçados, manteiga, moveis.

Brejo da Madre Deus — População 48.784 — Agricultura: milho, café, fructas, feijão, mandioca, fumo. — Industrias: bebidas, calçados, moveis, queijos, couros, artefactos de tecidos, tecelagem a mão, cordas.

Buique — População 23.621 — Agricultura: canna de assucar, algodão, milho, mandioca, café, Calçados, queijos, chapéos de palha.

Cabo — População 31.911 — Agricultura: canna de assucar, côcos, milho, mandioca. — Industrias: polvora, ceramica, esteiras, bebidas, perfumarias, moveis, artefactos de tecidos, tamancos.

Canhotinho — População ..... 54.251 — Agricultura: canna de assucar, algodão café, milho, mandioca, feijão, mamona, fumo, assucar, algodão, café, fumo, fructas. — Industrias: bebidas, calçados, moagem de café, moveis, queijos, vinagre, artefactos de tecidos.

Cabrobó — População 15.227. — Agricultura: canna de assucar, algodão, milho, mandioca, feijão, arroz.

Caruaru' —População 61.636 — Agricultura: canna de assucar, algodão, café, milho, mandioca, feijão, mamona, fructas, fumo. — Industrias: Artigos de couro, cal, sabão, tecelagem a mão, bebidas, vinagres, artefactos de tecidos, queijos, calçados, chapéos, moagem de café, moveis.

Correntes — População 39.295 — Agricultura: canna de assucar, algodão, café, milho, mandioca, feijão, fructas, mamonas, fumo. — Industrias: bebidas, calçados, vinagres.

Escada — População 21.135 — Agricultura: canna de assucar, café, mandioca, côcos. — Industrias: bebidas, calçados, conservas, moagem de café, vinagre, artefactos de tecidos, ceramica.

Exu' — População 21.301 — Agricultura: canna de assucar, milho, algodão, feijão, mandioca, fumo, café.

Flores — População 21.345 — Agricultura: canna de assucar, algodão, milho mandioca, feijão, mamona, arroz, fumo.

Floresta — População 19.780 — Agricultura: canna de assucar, algodão, milho, mandioca, café, feijão, arroz, mamona, fumo. — Industrias: calçados, chapéos de palha e couro, sabão, bebidas.

Gloria de Goytá — População 33.623 — Agricultura: canna de assucar, algodão, milho, café, mandioca, feijão, mamona, fumo. — Industrias: couros, cal, bebidas, calçados.

Granito — População 10.807. — Agricultura: canna de assucar, algodão milho, café, mandioca, feijão, mamona, fructas, arroz, fumo.

Gravatá — População 37.705 — Agricultura: canna de assucar, algodão, milho, café, mandioca, feijão, mamona, fumo. — Industrias: queijos, couros fibras de gravatá, cal, cortumes, objectos de cêra.

Goyanna — População 53.854 — Agricultura: canna de assucar, côcos, algodão, milho, feijão, fumo, mamona, fructas. — Industrias: tecidos, bebidas, obras de metal, moagem de café, ceramica, calçados, vinagre, biscoutos, cigarros, sabonetes.

Garanhuns — População .... 63.729 — Agricultura: canna de assucar, algodão, mamona, trigo, fructas, mandioca, fumo, milho, feijão, café. — Industrias: sabão, bebidas, tintas e cré, ceramica, oleos, calçados, queijos, arreios, conservas, moagem de café vinagre, artefactos de tecidos, productos pharmaceuticos, biscoutos.

Gamelleira — População 25.690 — Agricultura: canna de assucar, milho, mandioca, feijão, fumo. — Industrias: sabão, ceramica, bebidas, calçados, conservas moagem de café, moveis, vinagre, artefactos de tecidos.

Inojuca — População 21.331 — Agricultura: canna de assucar, fumo, cocos, feijão, milho. — Industrias: bebidas, calçados, vinagre, artefactos de tecidos.

Itambé — População 29.914. — Agricultura: canna de assucar, algodão, café, milho, feijão, mandioca, fumo, — Industrias: bebidas, calçados, vinagre, ceramica, marcenaria, cutelarias, funilaria.

Iguarassu' — População 30.918 — Agricultura: canna de assucar, café, mandioca, milho, feijão, fumo, côcos. — Industrias: cal, salinas, cortumes, escovas, pentes, oleo de côcos, bebidas, cigarros, calçados, moagem de café, vinagre, artefactos de tecidos, estopas, fibras.

Jaboatão — População 48.087. — Agricultura: canna de assucar, café, côcos, milho, feijão, fumo, mandioca, fructas. — Industrias: papel, doces, bebidas, calçados, moagem de café, vinagre, artefactos de tecidos, productos pharmaceuticos.

Leopoldina — População 10.007 — Agricultura: canna de assucar, café milho, feijão, fumo, mandioca, fructas, arroz, algodão. — Industrias: tecelagem a mão, cordas, couros, cortumes, bebidas, calçados.

Limoeiro — População 52.273 — Agricultura: canna de assucar, algodão, milho, mandioca, feijão, mamona, fumo. — Industrias: queijos, arreios, couros, bebidas, calçados, chapéos, moagem de café, manteiga, moveis, productos pharmaceuticos, artefactos de tecidos, oleo, sabão.

Ouricury — População 34.884. — Agricultura: canna de assucar, algodão milho, mandioca, feijão, café, mamona, arroz, fumo.

Nazareth — População 86.940. — Agricultura: canna de assucar, algodão, milho, café, fumo, mandioca, feijão, fructas, mamona. — Industrias: bebidas, calçados, chapeus, moagem de café, tecidos, productos pharmaceuticos cordas, ceramica, biscoutos.

Palmares — População 38.102. — Agricultura: canna de assucar, algodão, café, milho, feijão, fumo, mandioca, fructas, mamona. — Industrias: Vinagre, artefactos de tecidos, bebidas, moagem de café, calçados moveis, sabão, productos pharmaceuticos.

Panellas — População 45.985. — Agricultura: canna de assucar, café, feijão, milho, mandioca, côcos. — Industrias: calçados.

Pau d'Alho — População 36.988 — Agricultura: canna de assucar, algodão, milho, mandioca, feijão, Industrias: — Cortume bebidas, moagem de café, sabão, ceramica, calçados, vinagre artefactos de tecidos, tintas, vinho de fructas, conservas.

Pedra — População 9.973. — Agricultura: canna de assucar, algodão, café, mandioca, milho. — Industrias: queijos, calçados.

Pesqueira — População 45.513. — Agricultura: canna de assucar, algodão, café, milho, mandioca, feijão, fructas, mamona. — Industrias: queijos, arreios, couros, dôces, artefactos de tecidos, vinagre, moagem de café, moveis, bebidas, calçados, perfumarias, vinho de uvas, cordas.

Petrolina — População 19.842. — Agricultura: canna de assucar, algodão, fumo, mandioca, feijão, mamona, arroz, — Industrias: vinagre, moveis queijos, cigarros e charutos, bebidas, vinho de uvas, calçados.

Quipapá — População 39.658. — Agricultura: canna de assucar, algodão, café, milho, mandioca, feijão, mamona, fumo. — Industrias, vinagre, queijos, bebidas, calçados.

Salgueiro — População 15.453 — Agricultura: canna de assucar, algodão, café, milho, mandioca, feijão, mamona, arroz, fumo. — Industrias: bebidas.

São Bento — População 20.769. — Agricultura: canna de assucar, algodão, café, milho, mandioca, feijão, mamona, fumo. — Industrias: queijos, manteiga, arreios, couros, cordas, vinagre, artefactos de tecidos.

S. José do Egypto. — População 15.666 — Agricultura: canna de assucar, algodão, café, milho, mandioca, feijão.

S. Lourenço da Matta — População 26.993 — Agricultura: canna de assucar, café, côcos, milho, mandioca, feijão, fructas. — Industrias: tecidos, artefactos de tecidos, ceramica, bebidas, moveis, calçados.

Serinhãem — População 14.664. — Agricultura: canna de assucar, algodão, côcos, feijão, milho, mamona, fumo. — Industrias: bebidas, calçados.

Rio Formoso — População .... 16.126 — Agricultura: canna de assucar, côcos, milho, mandioca, fructas.

Tacaratu' — População 14.144. — Agricultura: canna de assucar, café, feijão, mandioca, milho, mamona.

Timbau'ba — População 52.526. — Agricultura: canna de assucar, côcos, mandioca, algodão, café, fumo, milho, mamona, feijão, fructas. — Industrias: fios de algodão vinagre, artefactos de tecidos, moagem de café, manteiga, moveis, bebidas, calçados, serralheria, serraria, funilaria, mechanica, dôces, massas alimenticias.

Taquaretinga — População ... 37.416 — Agricultura: canna de assucar, algodão, café, milho, mandioca, feijão, mamona, fumo.

Triumpho — População 17.364. — Agricultura: canna de assucar, algodão, café, milho, mandioca, feijão, fumo. — Industrias: queijos arreios, couros vinagre moveis, bebidas, calçados, perfumarias.

Victoria — População 58.572. — Agricultura: milho, feijão, mandioca, fumo, café, canna de assucar, algodão — Industrias: bebidas, vinagres, couros, ceramica, queijos, moagem de café, moveis, artefactos de tecidos, calçados, perfumes, sabão conservas, ornamentos funerarios.

Villa Bella — População 14.458 —Agricultura: canna de assucar, café, milho, mandioca, feijão, mamona, arroz, fumo. — Industrias: calçados, marcenaria.

O Estado dispende com a instrucção publica, rs. 2.314:731$080 — dois mil trezentos e quatorze contos setecentos e trinta e um mil e oitenta réis.

—

PODER EXECUTIVO

Governador: dr. Sergio Loreto.

Secretario da Fazenda: dr. José de Góes Cavalcanti.

Secretario da Justiça: dr. Anibal Fernandes.

Secretario da Agricultura: dr. Samuel Hardman.

Departamento de Saude e Assistencia — director: dr. Amaury de Medeiros.

Departamento Geral de Viação e Obras Publicas — director: dr. Odilon de Souza Leão.

Chefe de policia: desembargador Silva Rego.

Commandante da Força Publica: coronel João Nunes.

—

PODER LEGISLATIVO

Presidente do Senado: dr. Eurico Chaves.

Presidente da Camara dos Deputados: conego Henrique Xavier.

—

PODER JUDICIARIO

Superior Tribunal de Justiça— presidente: desembargador Belarmino Gondim.

Procuradoria Geral do Estado — procurador: dr. João Paes de Carvalho Barros.

REPRESENTANTES DA "REVISTA DE PERNAMBUCO"

NOMES	ENDEREÇOS	ESTADOS E LOCALIDADES
Arnulpho Pinto de Souza Rocha	Rua Sergipe, 35A — Caixa Postal, 2716	Estado de S. Paulo — Capital
Dr. João Gonçalves Carneiro	Rua Oswaldo Cockrane, 19 — Ponta Praia	Estado de S. Paulo — Santos
Lauro P. de Britto	Rua Benjamin Constant, 89	Estado de S. Paulo — Campinas
Anthero de Miranda	Caixa Economica do Estado	Estado de S. Paulo — Ribeirão Preto
Dr. Lourival Cavalcanti	Grande Hotel — Rua da Bahia	Estado de Minas Geraes — Bello Horisonte
Edgard Victor Faureaux	Rua Halfeld, 376	Estado de Minas Geraes — Juiz de Fóra
Prof. Celso Reis	Rua 13 de Maio, 6	Estado do Rio — Campos

NOMES E ENDEREÇOS DOS AGENTES DA "REVISTA DE PERNAMBUCO"

AGENTES	RUA	CIDADE	ESTADO
	CAPITAL		
Agencia Belga (Pedro Alves)	Rua Diario de Pernambuco	Recife	Pernambuco
Thomaz Lourenço	" 1.º de Março n.	"	"
Antonio Moura Filho	" do Imperador n.	"	"
Granja & Filhos	" Duque de Caxias n.	"	"
Eugenio Nascimento	Av. Marquez de Olinda	"	"
M. Campos & Cia.	Rua da Imperatriz	"	"
Joaquim dos Santos	Av. Rio Branco	"	"
E. dos Santos	Rua Nova n. 256	"	"
Joaquim Ribeiro	Buffet de Cinco Pontas	"	"
Paschoal Sciamarello	Praça da Independencia	"	"
José Francisco da Silva	Rua Bom Jesus n. 99	"	"
João Rosa	Mercado de S. José (compartimento ns. 38 e 40).	"	"
Ladgeno Silva	Olinda		
Manoel A. Lyra	Rua da Imperatriz n. 35		
	INTERIOR		
Nicéas Filho	.....	Floresta dos Leões	"
Pharm. José Dantas	.....	Pau d'Alho	"
Justo da Costa Britto	.....	Limoeiro	"
Vasconcellos & Gallindo	.....	Palmares	"
José Horacio de Queiros	.....	Garanhuns	"
Manoel Nunes da Silva	.....	Gamelleira	"
Francisco Vasconcellos	.....	Caruaru'	"
Olympio Cavalcanti	.....	Bezerros	"
Josué Vaz	.....	Alliança	"
Alvaro Cabral de Moura	.....	Timbaúba	"
Pedro Benicio de Miranda	.....	Vicencia	"
Manoel de Almeida	.....	Ribeirão	"
Esmeraldino Gonçalves	.....	Gravatá	"
Joel de Lima	.....	Nazareth	"
	ESTADOS		
J. F. Cocellios	Livraria Academica	Manaus	Amazonas
Luiz Romão	Avenida Tavares de Lyra, 10	Natal	Rio Grande do Norte
Manoel Espindola	Praça da Cathedral, 10	Maceió	Alagôas
Braz Lauria	Rua Gonçalves Dias, 78	Rio de Janeiro	C. Federal
Vicente de Sant'Anna	Rua 13 de Maio, 71	Campos	Estado do Rio
Giacomo Aliatto & Irmão	Rua da Bahia, 860	Bello Horisonte	M. Geraes
José d'Almore	Rua Alvares Cabral, 39	Ribeirão Preto	São Paulo
José Paiva Magalhães	Rua do Rozario, 139	Santos	Est. São Paulo
Pereira Junior	Casa Borges (Caixa Correio 29)	Fortaleza	Ceará
Francisco Barros & Ramos	.....	Campina Grande	Parahyba
Barbosa & Cia.	Rua Castro e Silva n. 80	Ceará	Fortaleza
Flavio Barros	Gerente d' "A Semana"	Penedo	Alagôas
Luiz de Castro Azevedo	Caixa Postal n. 68	Araçatuba	S. Paulo



ORGÃO OFFICIAL

DIARIO DO ESTADO

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL — RECIFE — DOMINGO, 1 DE JUNHO DE 1924 — ANNO I — 36º DA REPUBLICA — NUMERO 1

DIARIO DO ESTADO

O DIARIO DO ESTADO, apezar de orgão official não será, comtudo, um simples repositorio de expedientes ...

TELEGRAMMAS

Segunda edição

O "MAASLAND" ...

Segunda edição 8 PAGINAS

NOTICIARIO

HONTEM

DIVERSAS

SUMMARIO

HOJE

AMANHÃ

BIBLIOGRAPHIA

SUMMARIO

Edição de hoje: 62 PAGINAS